

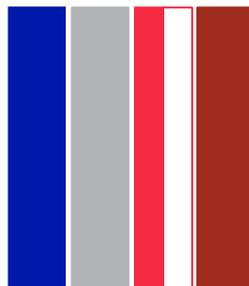
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO E MEDIA

Empoderamento feminino digital: uma análise dos atores sociais influenciadores do movimento feminista na internet

Camila Florêncio dos Santos

M

2020



Camila Florêncio dos Santos

Empoderamento feminino digital: uma análise dos atores sociais influenciadores do movimento feminista na internet

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pela Professora Doutora Suzana Margarida Dias dos Santos Cavaco e co-orientada pelo Professor Doutor Fernando Vasco Moreira Ribeiro.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020

Camila Florêncio dos Santos

Empoderamento feminino digital: uma análise dos atores sociais influenciadores do movimento feminista na internet

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pela Professora Doutora Suzana Margarida Dias dos Santos Cavaco e co-orientada pelo Professor Doutor Fernando Vasco Moreira Ribeiro.

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida:

*Para Thyago, Caroline, minha mãe e meu pai,
sem os quais eu nada, nada seria!*

Índice

Declaração de honra	4
Agradecimentos	5
Resumo	7
Abstract	8
Introdução	9
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	14
1. O conceito de patriarcado	14
2. O que é feminismo	16
2.1 Como tudo começou	18
2.2 A primeira fase do movimento feminista	24
2.2.1. A primeira fase no Brasil	26
2.3 A segunda fase do movimento feminista	27
2.3.1 A segunda fase no Brasil	30
2.4 A terceira fase	31
2.4.1 A terceira fase no Brasil	33
2.5 Correntes do feminismo	34
2.5.1 Feminismo liberal	36
2.5.2 Feminismo radical	36
2.5.3 Feminismo negro	37
2.5.4 Feminismo interseccional	40
2.5.5 Feminismo marxista ou socialista	41
2.5.6 Feminismo pós-moderno	42
2.5.7 Transfeminismo	42
3. Movimentos Sociais na Internet	44
4. A quarta fase e o ciberfeminismo	48
4.1 Ciberfeminismo	51
4.2 Influenciadores digitais	54
PARTE II - Percurso Metodológico	57
5. Corpus de análise	57
5.1 Youtube: o contexto [digital] de investigação	57
5.2 Canais e vídeos analisados	59

6. A abordagem qualitativa e as técnicas de análise de dados	62
6.1 Análise de conteúdo	62
6.1.1 Análise categorial ou temática	64
6.1.2 Análise de avaliação	66
6.2. Técnica para recolha de dados e definição da amostra	68
6.3 Questões éticas e limitações	69
PARTE III – Apresentação e discussão dos resultados	70
7. Análise e apresentação dos resultados	70
7.1 Resultados da Análise Categorial	70
7.1.1 Afros e Afins	70
7.1.2 Alexandrismos	73
7.1.3 Louie Ponto	76
7.1.4. Tese Onze	78
7.1.5. Thiessita	81
7.1.6. Considerações gerais sobre a etapa de análise categorial	83
7.1.7. A relação da internet com a TV aberta	83
7.2 Resultados da Análise de Avaliação	87
7.2.1. Afros e Afins	89
7.2.2. Alexandrismos	89
7.2.3. Louie Ponto	90
7.2.4. Tese Onze	91
7.2.5. Thiessita	92
Considerações finais	93
Referências Bibliográficas	97
APÊNDICES	106

Declaração de honra

Declaro que a presente pesquisa é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito acadêmico.

Porto, 24 de setembro de 2020

Camila Florêncio dos Santos

Agradecimentos

*"Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida"*

Milton Nascimento

Nem nos planos e sonhos mais loucos eu poderia imaginar uma jornada como essa. Viver em outro país, lidar com a saudade, voltar para a academia depois de alguns anos e passar por tudo isso em meio a uma pandemia global. Mesmo não tendo qualquer expectativa de que fosse uma jornada fácil, acabou sendo, sim, um desafio enorme! Mas cada drama e pedra no caminho fizeram parte dessa experiência. Todas essas vivências me impactaram como pessoa e me trouxeram até aqui, tornando possível a realização dessa pesquisa. E, claro, não cheguei aqui sozinha.

Agradeço aos meus colegas e professores da FLUP por todo aprendizado. Agradecimento especial à Profa. Dra. Suzana Cavaco por ter aceitado o desafio de me orientar.

Agradeço ao Porto, que me acolheu como lar, me deu pessoas que viraram família e deixaram essa história mais leve: Carol, Elza, Bruna, Jhonny, Nat, Felipe, Naninha, China, Dudu, Lulu, Olivinha, Diogo, Lucas, Bessa, Tati, Stella, Thais, Nat, Marselli, Tiago, Dani, Ricardo, Carol, Thiago e Renato. Uma menção especial para o Nicolas Martins, sem o qual esse trabalho basicamente não sairia. Muito obrigada!

Aos amigos que se mantiveram do lado, como se não existisse um oceano entre a gente. Vocês foram essenciais para que eu chegasse aqui: Blenda, Matheus, Fernanda, Rute, Verônica, Sara, Luana, Vanessa, Magal, Taisa, Divino, Will, Grazi, Jojo, Maiara, Babi, Nandax, Natalia, Gabriel, Biel e Carlúcio. E, claro, toda a minha família, que formaram uma grande torcida pelo meu sucesso nessa aventura.

Agradeço aos mestres que já passaram pela minha vida e foram essenciais na minha formação acadêmica, começando lá na PUC São Gabriel. Um agradecimento especial para o Prof. Caio

Oliveira, que foi grande incentivador e me deu a oportunidade que me abriu os olhos para a vida acadêmica de outra forma.

Nenhuma palavra seria suficiente para agradecer ao Thyago, meu maior incentivador e companheiro de vida. A pessoa que sempre acreditou em mim, muitas vezes mais do que eu mesma. Foi com você e é por você.

Caroline e meus pais, a razão de tudo! Sem vocês, eu não chegaria nem na metade dessa estrada. Obrigada pelo amor incondicional, por entenderem, por apoiarem e por estarem sempre ao meu lado. Essa vitória é nossa.

Obrigada a todas as mulheres que são força e me inspiram todos os dias, Obrigada a todas que vieram antes de mim e abriram os caminhos que permitiram chegar até aqui. A luta continua!

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o discurso de criadoras de conteúdo do Youtube e como elas influenciam seus públicos em relação ao movimento feminista. Para isso, foi realizada uma apresentação do percurso histórico do feminismo até a sua fase atual, um entendimento dos movimentos sociais na internet e o cenário dos influenciadores digitais. Para responder as perguntas de investigação, foi realizada uma abordagem qualitativa, exploratória, que analisou, por meio de duas técnicas de análise de conteúdo, vídeos de cinco canais do Youtube e seus comentários. Na análise categorial, foi criada uma grelha com duas categorias e dez componentes. Com essa grelha, foi possível identificar unidades de análise nos vídeos avaliados. Já para a análise de avaliação foi criada uma grelha com os comentários selecionados e, a partir deles, destacados Objetos de atitude, Conectores verbais e Termos de significados comum, que tiveram os sentimentos classificados em valores entre -3 e 3. A partir dessas análises, foi possível perceber que os discursos das criadoras analisadas são relacionados a um trabalho de base do feminismo, com conteúdos simples e acessíveis, muitas vezes pautados por assuntos de relevância abordados em programas de TV. As youtubers abordam ainda o viés da interseccionalidade no pensamento feminista. Os comentários indicaram que o público é influenciado por esses conteúdos, aprendem com eles e se desconstroem. O público também compartilha experiências pessoais e tem papel de influência nos canais, sugerindo novos temas a serem abordados.

Palavras-chave: feminismo, influenciadores digitais, movimentos sociais na internet.

Abstract

This investigation has as an objective analyze the discourse of content creators on Youtube and how they create influence in their audiences about the feminist movement. To do this, it was realized a historical presentation of feminism until the actual phase, an understanding of the social movements on the internet and who are the digital influencers. To answer the investigation questions, it was made an exploratory qualitative approach, that analysed, through two techniques of content analysis, video of five youtube channels and their comments. At the categorial analysis, a table was created with two categories and ten components. With this table, it was possible to identify units of analysis in the videos. To the evaluation analysis, it was created a table with the selected comments and, from them, highlighted Attitude Objects, Verbal Connectors and Common Terms of Meaning, that had their sentiment assessed at values between -3 and 3. From these analyzes, it was possible to understand that the discourse of the selected content creators are related to a base work in the feminism movement, with simple and accessible content, lots of times guided by relevant subjects addressed in TV shows. The youtubers talk about the interseccional feminist thought. The comments indicated that the audience is influenced by this contents, learning and evolving their thoughts with this contents. The audience also shares personal experiences and has the role of influence of these channels, sending suggestions of new subjects to the creators.

Keywords: feminism, digital influencers, social movements on the internet.

Introdução

O relacionamento mediado por computador é uma realidade. Ele traz uma mudança social significativa passível de ser estudada em diferentes dimensões: comerciais, políticas, sociais, entre outras. Esse ambiente, onde acontecem diálogos e interações sociais, proporciona para todos inseridos nele uma participação mais ativa na produção de conteúdo.

No Brasil, o cenário não é diferente. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, PNAD Contínua¹, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, em 2018, 79,1% dos municípios brasileiros tinham acesso à internet. Em 2017, o percentual era de 74,9%, sendo o celular o aparelho mais usado para o acesso – encontrado em 99,2% dos domicílios. Ainda segundo a pesquisa, trocar mensagens de texto, voz e imagens é a finalidade de acesso apontada por 95,7% dos brasileiros na internet.

Em relação às redes sociais, 62% da população brasileira está ativa em pelo menos um canal, de acordo com a pesquisa “Digital in 2018: The Americas²”, realizada pela We Social e Hootsuite. O Youtube é a mais acessada, com 60%, seguida de Facebook, com 59%, Whatsapp, com 56% e Instagram, com 40%.

Dessa forma, as mudanças da nossa sociedade moderna, se não acontecem de forma nativa no ambiente digital, são acompanhadas, relatadas e propagadas por conta da internet e redes sociais. Para Castells (2013), as “redes de comunicação são fontes decisivas de construção do poder” (2013, p. 16). O autor ainda afirma que “esses movimentos sociais em rede são novos tipos de movimentos democráticos, movimentos que estão reconstruindo a esfera pública no espaço de autonomia constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet” (Castells, 2013, p. 16).

O feminismo é um destes movimentos que ganha voz na internet. E, nas redes sociais, o ativismo e luta pela equidade de gêneros e direitos das mulheres já é considerada como a

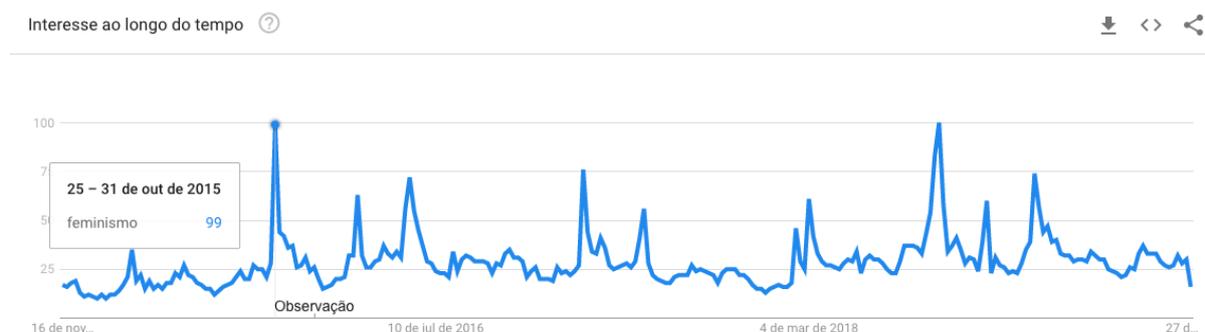
¹ Pesquisa PNAD Contínua de 2018, acessado em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>

² Pesquisa disponível em <https://hootsuite.com/resources/digital-in-2018-americas>

quarta fase do feminismo. Tânia Swain, fundadora na UnB do primeiro programa de pós-graduação em estudos feministas do Brasil, em entrevista ao site DW³, é uma das especialistas que acredita nesse novo momento. Para ela, o ativismo digital “faz parte da resistência e reivindicação das mulheres e das jovens que se rebelam contra as violências cotidianas. É uma manifestação de repúdio contra a tendência dos homens de considerar que todas as mulheres são pasto para seus desejos” ⁴(Tânia Swain, sp.).

No Google Brasil, o termo “feminismo” retorna, aproximadamente, 37.100.000 resultados de busca⁵. Mas, foi a partir de outubro de 2015 que o volume de buscas teve um crescimento, com pico entre os dias 25 e 31. Foi percebido um aumento de 183% em outubro de 2015 em comparação com janeiro a setembro do mesmo ano. E, a partir daí, o número de buscas da palavra feminismo se manteve todos os meses, de novembro de 2015 até novembro de 2019, acima da média do período anterior (fonte: Google Trends, figura 1).

Figura 1: Gráfico de frequência de pesquisa do termo Feminismo no Google



Fonte: [Google Trends](https://trends.google.com.br/). Consultado em 12 de novembro de 2019.

Essa mudança de comportamento e possível interesse em relação ao movimento feminista pode estar relacionada com a prova do Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem, realizada nos dias 24 e 25 de outubro de 2015, pelos jovens de todo o Brasil. No primeiro dia, uma questão da prova de Ciências Humanas abordou a filósofa Simone de Beauvoir. Na questão, uma frase da escritora, uma das principais referências do movimento feminista, é citada:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o

³ Disponível em <http://www.dw.com/pt/ativismo-digital-e-a-nova-onda-do-feminismo/a-18832050>

⁴ Disponível em <http://www.dw.com/pt/ativismo-digital-e-a-nova-onda-do-feminismo/a-18832050>

⁵ Pesquisa realizada no Google Brasil em 12 de novembro de 2019.

conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. (Beauvoir, 1980. p. 9)

Figura 2: Questão da prova do Enem de 2015

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Na década de 1960, a proposição de Simone de Beauvoir contribuiu para estruturar um movimento social que teve como marca o(a)

- A** ação do Poder Judiciário para criminalizar a violência sexual.
- B** pressão do Poder Legislativo para impedir a dupla jornada de trabalho.
- C** organização de protestos públicos para garantir a igualdade de gênero.
- D** oposição de grupos religiosos para impedir os casamentos homoafetivos.
- E** estabelecimento de políticas governamentais para promover ações afirmativas.

Após a citação, os candidatos são questionados sobre qual movimento social Simone de Beauvoir contribuiu para ser estruturado na década de 1960. No segundo dia de prova, os candidatos foram convidados a desenvolver uma redação com o seguinte tema: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”.

Outros dois grandes movimentos podem ter contribuído para que o termo se mantivesse em alta nas buscas. No fim de outubro, o coletivo feminista *Think Olga* criou a campanha #MeuPrimeiroAssédio, na qual mulheres foram incentivadas a contar, como forma de exposição da cultura patriarcal, assédios sofridos em diferentes fases da vida. Na maioria das vezes, ainda enquanto crianças. A campanha foi motivada por publicações de assédio voltadas para uma menina de 12 anos, participante da primeira edição do programa de TV MasterChef Brasil Junior. De acordo com o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD)⁶,

⁶ CARREIRO, Thais. Mulheres compartilham experiências de assédios na infância após polêmica com participante do ‘MasterChef Jr.’

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/mulheres-compartilham-experiencias-de-assedios-na-infancia-apos-polemica-com-participante-do-masterchef-jr-17851008>. Acesso em 09 de setembro de 2016.

até 22 de novembro de 2015, mais de 2,5 mil publicações na rede social Twitter foram registradas com uso da *hashtag*.

Outro grande movimento aconteceu em novembro, a partir do incentivo do coletivo Não me Kahlo, com a *hashtag* #MeuAmigoSecreto. Segundo o coletivo, “a *hashtag*, criada em novembro de 2015, não surgiu de uma campanha planejada, mas sim, de uma construção coletiva e espontânea” (Lara, Rangel, Moura, Barioni e Malaquias, 2016, p. 14). A chegada do fim do ano foi a motivação para esse movimento, que incentivou mulheres a denunciarem atitudes machistas do dia a dia, usando o termo ‘amigo secreto’ para manter o anonimato.

No período analisado no Google *Trends*, foi percebido ainda outro pico de buscas no Google Brasil, entre os dias 30 de setembro e 06 de outubro. O comportamento pode estar relacionado com a "Marcha de Mulheres contra Bolsonaro", um movimento promovido no dia 29 de setembro de 2018, em diferentes cidades do Brasil, contra o então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, e seu posicionamento de extrema direita.

A partir do exposto, entende-se que o feminismo é um tema que tem crescido em relevância, junto com o crescimento do ambiente digital e de espaços de comunicação de criadores de conteúdos e *influencers*, o que sugere uma quarta fase do feminismo no Brasil. Este trabalho de pesquisa propõe-se a estudar os influenciadores do movimento feminista no Brasil, procurando responder às seguintes questões: qual o seu discurso e como impactam seus públicos. Assim, constitui objetivo central estudar discursos de influenciadoras em torno do feminismo nas redes sociais e a sua influência. Para tal, privilegia-se uma abordagem qualitativa. No que diz respeito às técnicas de recolha de dados, recorreremos à análise de conteúdo.

A dissertação, que aqui se apresenta, tem a seguinte estrutura: na primeira parte, de enquadramento teórico, apresentamos os conceitos centrais em torno da problemática de investigação. Por isso, começamos pela conceituação de patriarcado, a seguir uma breve apresentação da história do feminismo e de suas fases e, ainda, de suas vertentes. É também apresentado o conceito de ativismo social na internet e, por fim, uma análise do ciberfeminismo e da atuação de influenciadores nas redes sociais. Na segunda parte,

apresentamos as opções metodológicas que nortearam a investigação. Na terceira parte, faremos uma apresentação e discussão dos resultados. Por último, as considerações finais.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. O conceito de patriarcado

A mulher, há muito tempo, tem um papel muito claro na sociedade: esposa, mãe e responsável pelos cuidados da casa. Ao homem, historicamente, a responsabilidade sempre foi de prover alimento – desde a caça – proteção para a família, trabalho e, principalmente, a tomada de decisões importantes, seja dentro do núcleo familiar ou na sociedade. Esta configuração colocou a mulher em uma posição secundária. Questionar essa forma de viver não era uma realidade e, muito menos, uma possibilidade para mulheres até alguns anos atrás, tal como ainda hoje em muitos locais do mundo, por conta de políticas e tradições opressoras. Durante muitos anos, as mulheres viveram governadas pelas regras ditadas pelo patriarcado. Como citado por Beauvoir (1980), até mesmo no vocabulário, a mulher aparece como negativo e o homem neutro, já que usamos “os homens” para falar sobre seres humanos. Esse fenômeno é explicado por Garcia (2018) como androcentrismo, uma forma de considerar o homem e o masculino como referência e medida para qualquer coisa.

O conceito de patriarcado está diretamente ligado à lógica de construção familiar. Narvaz e Koller (2006) discorrem sobre modelos de organizações familiares inventados ao longo da história. Antes mesmo do modelo patriarcal, estudos antropológicos citados pelos autores mostram que, no início da sociedade, a divisão de papéis entre homens e mulheres não era tão rígida. Ou seja, ao contrário do que se pensa, o papel dado para a mulher citado no início desse capítulo, nem sempre foi assim. Além disso, por ainda não reconhecerem o papel do homem na reprodução, a figura da mãe era a principal referência de uma família. Mesmo assim, todos se envolviam no processo de organização do alimento e as relações sexuais aconteciam de maneira livre. Foi a partir da evolução da agricultura e da organização da sociedade em núcleos que os homens se tornaram responsáveis pela caça e as mulheres pelo cultivo da terra e cuidados da família. Com o entendimento do papel do homem no processo reprodutivo, a monogamia se fez presente para garantir a paternidade das crianças. A partir daí, o corpo e a sexualidade das mulheres passaram a ser mais rigorosamente controlados.

Foi na Roma Antiga que, segundo Narvaz e Koller (2006), o modelo patriarcal de família surgiu: "A família romana era centrada no homem, sendo as mulheres, no geral, meras coadjuvantes. O patriarca tinha sob seu poder a mulher, os filhos, os escravos e os vassallos, além do direito de vida e de morte sobre todos eles." (Narvaz e Koller, 2006, p. 50). As autoras dizem ainda que o patriarcado não era necessariamente associado ao poder do pai em relação a sua família, mas sim do homem em relação às mulheres. Narvaz e Koller (2006) destacam ainda que

o patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. (Narvaz e Koller, 2006, p. 50)

A partir dessa premissa, a mulher foi colocada em posição de opressão que, de acordo com Alves e Pitanguy (1985), criava uma obrigação de castidade para que ela estivesse à altura de ser procriadora dos filhos da família e estivesse sempre ao dispor do seu pai ou do marido. D'Ávila Neto (1980) afirma que no período colonial esse papel de obediência colocava a mulher ainda na posição de prestadora de serviços sexuais para o seu marido. Ela também era responsável pelos afazeres domésticos, cuidados dos filhos, contato com os escravos e devoção à igreja.

Castells (2003) define o patriarcado como "uma das estruturas sobre as quais se baseiam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e os filhos no âmbito familiar" (Castells, 2003, p. 167). Já Saffioti e Almeida (1995) afirmam que o patriarcado não pode ser visto apenas como um sistema de dominação do homem sob a mulher, mas sim de um modelo de exploração e opressão, seja na família, na sociedade ou no ambiente de trabalho. Essa dominação acontece em âmbito sexual, psicológico e profissional.

No Brasil, o modelo patriarcal de família chegou ao país como herança dos portugueses no século XVI, de acordo com Costa e Mello (1991). O poder econômico e intelectual do Brasil Colonial estava centrado nessas famílias que, muitas vezes, eram responsáveis pelas tomadas de decisões políticas e estratégicas dos locais onde estavam. As mulheres não tinham direito

a frequentar escolas, o que as impedia de ter qualquer tipo de educação formal - privilégio permitido apenas aos homens.

Entre as pesquisas sobre o feminismo, temática central desse estudo, porém, o termo patriarcado é envolto em dualidades sobre o seu uso associado a esse movimento social. De acordo com Castro e Lavinias (1992), o conceito de patriarcado como estrutura familiar é usado muitas vezes para se referir a uma sociedade patriarcal e não um sistema de opressão social. De acordo com as autoras, esta escolha teórica reduz o patriarcalismo a um movimento que ocorre apenas em ambientes familiares e não em uma sociedade. Abordando dessa forma, o patriarcado tem como resguardo a tradição.

Este trabalho trata o patriarcado não apenas com o viés de recorte familiar ou um momento histórico do período colonial, mas como um conceito ligado a situações contemporâneas onde o homem e o sistema no qual vivemos que exige das mulheres um determinado tipo de comportamento. O patriarcado aqui é, então, entendido como classificado por Delphy (1981), como um núcleo da natureza humana. Uma estrutura mental que está na base da construção da sociedade. Um sistema de dominação que não existe apenas na esfera familiar, mas também nos âmbitos laborais, políticos e religiosos.

2. O que é feminismo

A partir do entendimento dessa realidade de opressão histórica da mulher, algumas personagens começaram a se movimentar contra esse cenário. Com o passar dos anos, essas manifestações foram denominadas com o que conhecemos hoje como feminismo. A criação do termo “feminismo” data de 1837 e é atribuída ao socialista francês Charles Fourier, que usou a palavra para descrever a necessidade de emancipação da mulher, algo que ele entendia como necessário para o futuro. Mas, muito autores discorrem há anos sobre essa temática em busca da melhor definição. Delmar (1986) afirma que a resposta para essa pergunta pode trazer significados diferentes. De acordo com Giddens, Duneier, Appelbaum, e Carr, (2018), o feminismo é um movimento de defesa pelo direito das mulheres de serem iguais aos homens. Os autores definem ainda a teoria feminista como uma das áreas mais proeminentes da sociologia. Já de acordo com Alves e Pitanguy (1991), “este termo traduz

todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano e que não tem um ponto predeterminado de chegada” (Alves e Pitanguy, 1991, p. 7). Já para Paglia (2018),

o feminismo moderno é um dos grandes movimentos progressistas inspirados pelas revoluções americana e francesa. Análogo aos movimentos para a abolição da escravatura e do trabalho infantil e tendo ido beber aos conceitos europeus de direito natural e liberdade individual, representa um propósito ainda não aceito em todo o mundo (Paglia, 2018, p. 170 e 171).

"Mas o que é precisamente o feminismo?", questiona Paglia (2018)

Quem é ou não feminista e quem define isso? Quem confere legitimidade e autenticidade? Terá uma feminista de fazer parte de um grupo ou obedecer à ideologia dominante e aos seus seguidores? Quem determina, e com que autoridade, o que é ou não permitido pensar ou dizer sobre questões de gênero? E será o feminismo um movimento intrinsecamente ligado à esquerda ou será possível a sua existência com base em princípios conservadores e religiosos? (Paglia, 2018, p. 222)

A autora, porém, não chega a nenhuma resposta definitiva, apenas discorre sobre algumas referências e lacunas do movimento. Ela afirma, no entanto, que enquanto movimento organizado, o feminismo surgiu em meados do século XIX tendo como inspiração a luta pela abolição da escravatura. “O feminismo esteve sempre associado à procura de liberdade por parte de um grupo oprimido. E esteve sempre ligado à democracia” (Paglia, 2018, p. 223). Alves e Pitanguy (1991) dizem que o feminismo surge com outros movimentos de libertação que denunciam opressões que não são associadas apenas a fatores socioeconômicos. As autoras afirmam ainda que o movimento está atrelado a uma busca por liberdade do indivíduo para que não tenham que se adequar a “modelos hierarquizados” (Alves e Pitanguy, 1991, p. 9).

Castells (2003) cita Jane Mansbridge (1995) ao definir o feminismo como “o compromisso de pôr fim à dominação masculina” e, também um “movimento criado de forma discursiva” (Jane Mansbridge *apud* Castells, 2003, p. 211). Para o autor, o feminismo permitiu às mulheres se afastarem de “movimentos predominantemente masculinos (como os operários ou de política revolucionárias), rumo a uma abordagem mais experimental perto das próprias fontes de opressão” (Castells, 2003, p. 170). Castells avalia a essência do movimento como o esforço de se redefinir o gênero feminino em oposição direta ao patriarcado. Ainda concordando com Mansbridge (1995) e, também Butler (1990), Chodorow (1994) e Whittier

(1995), o autor diz que a essência do movimento está baseada na redefinição identitária da mulher.

ora afirmando haver igualdade entre homens e mulheres, desligando do gênero diferenças biológicas e culturais, ora, contrariamente, afirmando a especificidade essencial da mulher, frequentemente declarando também a superioridade das práticas femininas como fontes de realização humana, ou ainda, declarando a necessidade de abandonar o mundo masculino e recriar a vida, assim como a sexualidade, na comunidade feminina (Castells, 2003, p. 212).

Segundo Alves e Pitanguy (1991), o movimento passou a se organizar em pequenos grupos que consideram as vivências de cada mulher. Dessa forma, as autoras afirmam que o feminismo considera diferentes pontos de vista, experiências comuns e específicas de mulheres, sem um "monopólio da verdade". Este entendimento de que diferentes mulheres experienciam camadas de opressão de fontes diversas, porém, é uma realidade do movimento contemporâneo. Antes de avaliar como o feminismo se desdobrou e quais são suas vertentes, o início da história do movimento será apresentado, assim como uma breve análise de cada uma das fases, até os tempos atuais.

2.1 Como tudo começou

De acordo com Garcia (2018), tudo começou no século XVII, em Veneza, período em que as mulheres dessa região italiana tinham acesso permitido à cultura. O primeiro documento dessa época data de 1600 e foi escrito por Moderata Fonte. Na publicação "Valor das Mulheres (*Il Merito delle donne*), Fonte retrata a vida das mulheres donas de casa da época.

Figura 3: Il Merito delle donne - Moderata Fonte



Lucrécia Martinelli e Arcângela Tarabotti foram, junto com Moderata, outras intelectuais precursoras do feminismo na época. A primeira, de acordo com Garcia (2018), publicou em 1601 "A nobreza e a excelência da mulher (*La Nobilità e l'eccellenza delle donne*)". Já Tarabotti criou cartas e materiais que denunciavam a inferioridade da mulher na sociedade da época durante os 32 anos de sua vida em que passou em um mosteiro, após ser obrigada pelo pai.

Bingemer e Brandão (1994) afirmam no entanto, corroborando com a maior parte da literatura feminista, de que a consciência de gênero surgiu mesmo na Europa, nos anos 1700, especialmente na França e na Inglaterra. Durante a Revolução Francesa, em meio a uma luta por liberdade econômica, a burguesia lutava também por direitos políticos e pela destituição

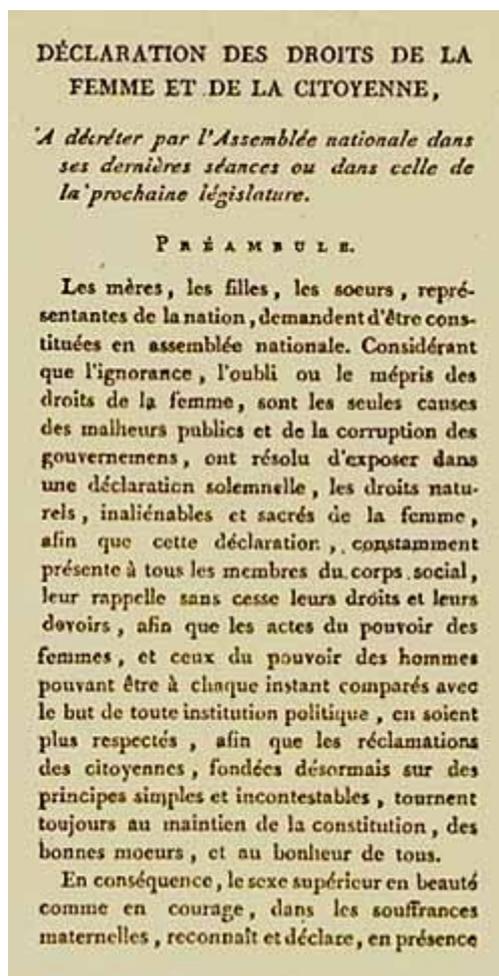
da monarquia. Camponeses e a grande massa populacional se juntaram à causa que gerou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão a partir dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, tendo como mote “*Liberté, égalité, fraternité*” e, também, direito à propriedade.

Em meio a todos os conflitos acontecidos nas três fases dessa revolução, as mulheres começaram a perceber que os direitos pelos quais a revolução lutava não as contemplavam. Elas queriam ter direito a participar ativamente do movimento, seja com alistamento militar ou, mesmo, nas decisões políticas tomadas por todos os grupos que se formaram no período. Mesmo estando juntas das organizações populares contra o clero e a monarquia nas ruas, elas não tinham esse direito. E foi durante esse período que surgiram os primeiros movimentos de mulheres pelo direito de participarem ativamente de decisões políticas e econômicas, acesso à educação formal e, ainda, ao direito de trabalhar.

A historiadora jornalista e escritora Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouze publicou, em 1791, a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”. O documento foi apresentado para a Assembleia Nacional da França com o objetivo de se igualar a declaração de direito aprovada anteriormente pela Assembleia. De acordo com Alves e Pitanguy (1985), Gouges já era conhecida na época por defender ideais revolucionários. O documento apresenta 17 artigos que reivindicam, entre outras coisas, a liberdade da mulher e igualdade de direitos em relação ao homem:

Artigo 1º - A mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum. Artigo 2º - O objeto de toda associação política é a conservação dos direitos imprescritíveis da mulher e do homem: Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão. (Gouges, 1971)

Figura 4: Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã



A declaração não foi aceita. Em 1793, acusada de ser uma revolucionária que se esqueceu das virtudes de mulher, Gouges foi condenada à morte e guilhotinada no dia 3 de novembro.

De acordo com Gurgel (2010), a movimentação de mulheres em busca de direitos em meio à Revolução Francesa passou a ser vista mais ainda como uma ameaça. Por conta disso, em 1793, a ordem burguesa francesa proibiu a reunião de mulheres. Foi também nesse período que, de acordo com Gurgel (2010), a burguesia determinou como base social a hierarquia familiar, tendo o homem como chefe e repudiando comportamentos relacionados a amor livre e fim de casamentos.

Na mesma época, um país rival da França passava por uma outra revolução. Foi no século XVIII que a Inglaterra iniciou a sua Revolução Industrial, movimento que impactou modelos econômicos e produtivos de todo o mundo. As mulheres passaram a constituir uma importante força de trabalho fabril. Porém, as funções destinadas a elas eram normalmente de baixa responsabilidade e hierarquicamente inferiores.

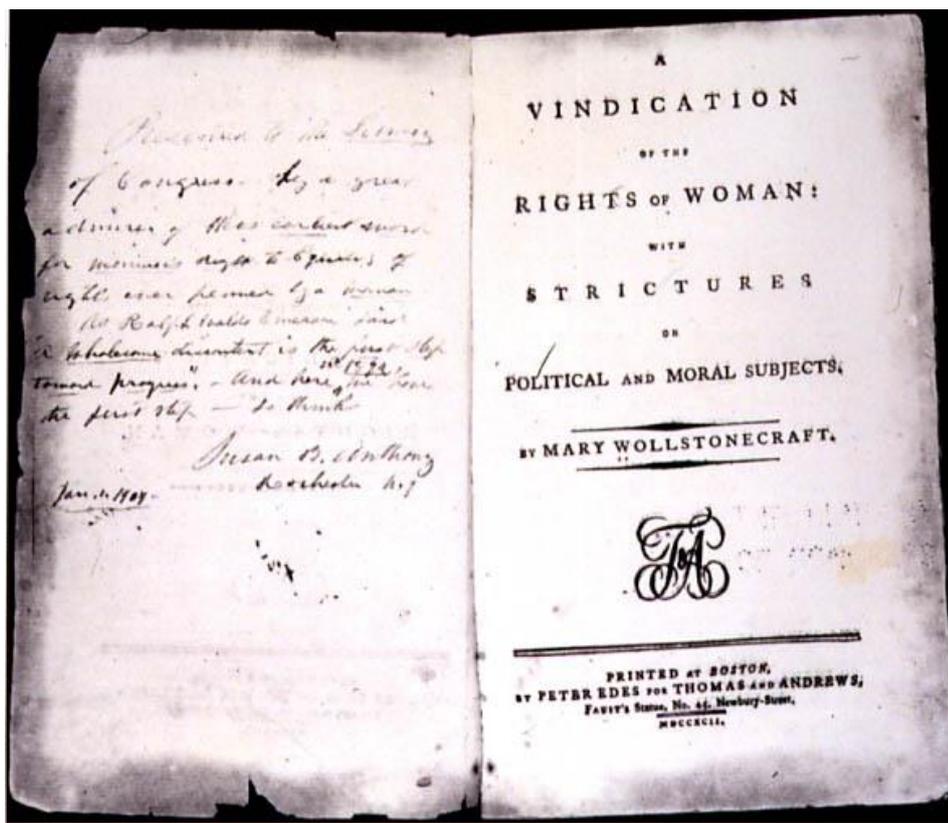
Em meio a esse cenário, um nome se destaca no início do que viria a ser a luta feminista por igualdade: Mary Wollstonecraft (1759-1797), é uma escritora inglesa que, de acordo com Miranda (2010), fazia parte de um "grupo de pensadores que questionou os paradoxos e os limites do pensamento liberal e democrático, particularmente no que diz respeito às mulheres" (p. 11).

Na época, as mulheres eram vistas socialmente como seres que não tinham qualquer serventia para participar das decisões sociais e políticas, pois, afinal, não eram "consideradas indivíduos autônomos, já que necessitavam da tutela masculina para sobreviver" (Miranda, 2010. p. 11). A escritora inglesa concordava com essa aparente incapacidade cívica das mulheres. Porém, ao contrário de todos, ela rejeitava que tal fato fosse natural, atribuindo-o à falta de acesso das mulheres à educação e por conta do tratamento diferenciado que sofriam pela própria sociedade que as excluía.

Pertencente à classe média inglesa, Wollstonecraft transitava, ao contrário de muitas outras mulheres, em espaços de debates e discussões intelectuais. Nesses espaços, de acordo com a própria escritora e destacado por Miranda (2010), os frequentadores defendiam que as meninas deviam ter acesso à educação, mas apenas como forma de ditar/formatar o comportamento delas. O papel da mulher educada era valorizado como disseminadoras da moral convencional.

Em 1792, Wollstonecraft publicou *Vindication of the rights of women* (Defesa dos direitos das mulheres), publicação onde mostra seu ponto de vista sobre a exclusão das mulheres desses espaços sociais.

Figura 5: Vindication of the rights of women - Mary Wollstonecraft



Alguns autores entendem a publicação de Wollstonecraft como parte da primeira fase do feminismo. Antes, porém, de seguir para a análise das fases do movimento feminista, faz-se necessário trazer a discussão levantada por alguns autores. Mesmo que o campo de pesquisa feminista use a demarcação do movimento em fases ou, mesmo, “ondas” para distinguir as gerações, esse caminho traz a percepção de que essa divisão sugira que, ao fim de uma fase, todas as pautas levantadas nesse período foram resolvidas até que outros problemas surjam para o nascimento de outra.

Mota (2017), porém, afirma que essa divisão “motiva a periodização do movimento feminista, tendo algumas demandas mais acentuadas em determinados períodos” (Mota, 2017, p. 211). Costa (2009) afirma ainda que as fases deixam o movimento homogêneo, negando a existência de diferentes pautas e diferentes feminismos em cada geração. Siqueira (2015) diz, porém, que é preciso entender que dentro de cada fase “conviveram movimentos feministas com demandas bem diversificadas” (Costa, 2009, p. 332).

Para analisar a história do movimento de forma temporal, esta pesquisa usa as divisões de fases na apresentação do seu tema central. Porém, como salientado por Costa (2009), o movimento apresenta demandas e pautas diversificadas ao longo da sua história. Dessa forma, serão analisadas também as vertentes do feminismo.

2.2 A primeira fase do movimento feminista

O século XIX foi caracterizado por lutas operárias relacionadas com a conquista de melhores condições trabalhistas e, também, pelo direito ao voto. As reivindicações levaram ao Sufrágio Universal, que é uma conquista masculina, mas não das mulheres que se viram excluídas desses direitos (Alves e Pitanguy, 1985). E foi a partir dessa pauta que o feminismo ganhou força, com o surgimento do movimento sufragista, marcando o início da primeira fase. De acordo com Bingemer e Brandão (1994), Rose Lacombe, Loison Chabry e Theroigne de Mericourt lideraram, em outubro de 1789, uma grande concentração em Versalhes para exigir da Assembleia Constituinte igualdade de direitos entre homens e mulheres e liberdade de trabalho.

O movimento sufragista ganhou força nos Estados Unidos e na Inglaterra. De acordo com Alves e Pitanguy (1985), é considerado um dos movimentos sociais de maior relevância no século XX por ter chegado a reunir 2 milhões de mulheres. Um dos marcos do início desse movimento nos Estados Unidos aconteceu, conforme relatam as autoras, em 1848 na Convenção dos Direitos da Mulher em Seneca Falls, Nova Iorque. A convenção teve como resultado uma nova afirmação para ser aplicada na Declaração de Independência dos Estados Unidos, onde dizia que todos os homens e mulheres (palavra adicionada pela convenção) foram criados igualmente. De acordo com Abreu (2002), Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony e Lucy Stone criaram em maio de 1869 a *'National Woman Suffrage Association'*, em Nova Iorque. Qualquer mulher que acreditasse que tinha direito ao voto poderia tornar-se membro dessa associação.

Em Londres, em 1902, foi fundada a *'International Women's Suffrage Alliance'*. Abreu (2002) *apud* Atkison e Diane (1988) afirmam que a organização internacional foi fundamental para fortalecer o movimento e internacionalizar a luta das mulheres pelo direito de voto.

Alves e Pitanguy (1985) afirmam que o movimento seguiu por pelo menos três gerações. Porém, segundo as autoras, nos últimos anos adquiriu uma "feição violenta, tendo as sufragistas sofrido inúmeras prisões" (p. 45). Foi apenas em 1920 que o movimento teve uma grande vitória e as mulheres conquistaram o direito ao voto nos Estados Unidos. Já na Inglaterra, também passando por momentos de revoltas violentas, o movimento teve sucesso na luta pelo direito ao voto apenas em 1928.

Como já foi referido, o feminismo é um movimento muito plural. A primeira fase recebe duras críticas por levantar temáticas que não abraçavam as questões de todas as mulheres. Nessa fase, além do direito ao voto, a pauta feminista pede por direitos sociais e econômicos conquistados pelos homens na revolução francesa: acesso ao trabalho remunerado, acesso ao ensino, propriedade e herança (Pedro, 2005). O movimento nessa época, porém, estava associado às necessidades das mulheres burguesas – Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony e Lucy Stone, principais nomes desse movimento, eram mulheres brancas e ricas, de acordo com Silva (2017), em artigo que analisa a obra da escritora Angela Davis. Por conta da realidade vivida pelas líderes do movimento sufragista, era claramente percebido um padrão social nas pautas levantadas.

Com o fortalecimento da indústria, no entanto, a mulher, especialmente negras e pobres, começou a ser usada como mão de obra 'barata'. Ou seja, essas mulheres já tinham acesso a trabalho, porém, em condições abusivas. "(Susan B.) Anthony, por exemplo, criticava as trabalhadoras por focarem em "seus problemas imediatos" em vez de lutarem por igualdade política", diz Silva (2017. p. 372). Assim, essa fase foi caracterizada, especialmente, pela luta dos interesses de mulheres brancas e de classe média.

Silva (2017) afirma ainda que, em um determinado momento, o movimento passou a ter atitudes racistas.

As líderes do movimento, ao verem frustrado seu desejo de poder votar, com a aprovação da décima terceira e da décima quarta emendas, passaram a apoiar a campanha contra o voto do homem negro, pois, para elas, era absurdo que "até um negro" tivessem mais direitos do que elas, simplesmente por serem homens. (Silva, 2017. p. 372)

Davis, citada por Silva (2017), diz que nesse momento o movimento sufragista se colocou em uma posição que ultrapassou a luta por direitos iguais, tornando-se um movimento em defesa da supremacia branca.

Um dos primeiros nomes a iniciar o debate com recorte racial dentro do movimento feminista foi Sojourner Truth. De acordo com Lara *et al.* (2016), em 1851 ela proferiu um famoso discurso na Convenção dos Direitos da Mulher em Ohio, nos Estados Unidos. "E não sou uma mulher?" aborda a forma como as mulheres negras eram excluídas na sociedade.

Truth faz então o questionamento: qual é o papel da mulher negra em uma sociedade que não a considera humana? O que era chamado lugar da mulher representava um patamar que para as escravas ou recém-liberadas não era possível. A elas eram reservados apenas deveres e tarefas pesadas, que mulheres brancas não executariam (Lara *et al.*, 2016. Pag. 39).

2.2.1. A primeira fase no Brasil

No Brasil, o movimento feminista deu seus primeiros passos mais tarde. Apesar disso, Nísia Floresta Brasileira Augusta, de acordo com Costa e Sardenberg (1994), foi uma das precursoras do movimento no país com a publicação de três obras nos anos 1800: *Conselhos à Minha Filha*, em 1842; *Opúsculo Humanitário*, em 1853 e *A Mulher*, em 1856. Ela também foi responsável por traduzir a obra de Mary Wollstonecraft o que, de acordo com as autoras, foi um momento importante para despertar a consciência de gênero entre as mulheres no Brasil.

A imprensa foi um dos principais canais para expressão do movimento durante a sua formação. Em 1822, segundo Telles (2004), o *Sentinela da Liberdade*, um jornal de Recife, deu espaço a um manifesto assinado por mais de 120 mulheres exigindo direitos: "quebrando os vergonhosos ferros da vil escravidão em que jazíamos, queremos entrar na partilha e glória do Brasil", dizia o comunicado.

Mas foi apenas depois 1889, quando o país se tornou federação – e, assim, pôde criar sua constituição e determinar leis relacionadas ao voto – que mulheres começaram a lutar no Brasil pelo sufrágio e o direito ao voto. Bertha Lutz, bióloga e cientista, depois de estudar na Europa, volta ao Brasil em 1910 e, sob a influência do movimento sufragista europeu,

contribuiu com a força dessa pauta. Em 1919 ela criou uma organização fundamental para o movimento: a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher. Foi essa liga uma das motivadoras para a criação, em 1922, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Figura 6: Integrantes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em 1930



Assim como nos movimentos internacionais, no Brasil, a primeira fase teve como pauta a equidade de direitos políticos, como explica Pinto (2003):

A primeira onda do movimento se ocupou com necessidades primárias de atuação social, o sufrágio e os direitos civis e políticos. A desigualdade era tamanha que as mulheres não poderiam nem sequer opinar seu entendimento político se não fosse através dos maridos, que sempre escolhiam quem ocuparia o lugar de destaque e poder na política, representando o grupo social. (Pinto, 2003. p. 03)

Foi apenas em fevereiro de 1932, durante o governo Getúlio Vargas, que brasileiras conquistaram o direito de votar e se candidatarem a cargos públicos. A conquista, porém, foi parcial e teve reflexos de uma sociedade patriarcal: mulheres casadas poderiam exercer tal direito desde que tivessem autorização dos maridos e viúvas e solteiras desde que tivessem renda própria. Essas restrições foram tiradas do Código Eleitoral dois anos depois e, apenas em 1946, o voto passou a ser obrigatório também para mulheres.

2.3 A segunda fase do movimento feminista

A segunda fase tem início no final dos anos 1960, como continuidade das manifestações acontecidas na primeira. Whelehan (1995) define como o segundo pico do movimento, um

período onde se reconheceu que a primeira fase não resolveu os problemas de opressão sofridos pelas mulheres. Segundo a autora, citando Betty Friedan, nos anos 1960 os problemas abordados pelo feminismo da segunda fase eram tão difíceis de serem enfrentados quanto eles por si só. "Os problemas que não tem nome" (p. 9), como disse a autora.

De acordo com Gonçalves e Pinto (2011), a segunda fase ganhou popularidade com a estratégia de grupos de reflexão "cuja característica mais marcante é a ausência de uma estrutura hierárquica ou mesmo formal que invista de especial autoridade, ou legitimidade qualquer de suas integrantes" (p. 32). Ainda segundo as autoras, a horizontalidade dos coletivos feministas americanos inspiraram o movimento em outros países, especialmente na América Latina. O Brasil, inclusive.

Gonçalves e Pinto (2011) contam que o movimento começou a levantar pautas que não eram consideradas em outros movimentos sociais da época, ou seja, opressões sofridas pelas mulheres eram desconsideradas em outras pautas revolucionárias políticas. Whelehan (1995) diz que muitas mulheres que se envolviam com movimentos de esquerda se sentiram desencantadas ao não se verem representadas em espaços dominados apenas por homens. Essas mulheres, então, começaram a se reunir para discutir suas próprias pautas. "Such groups were established in order to interrogate the social and material conditions of individual women's existence, often with the longer term aims of creating an agenda for political transformation of the social and economic status of women" (p. 4).

Apesar de não existir uma data exata, Whelehan (1995) destaca que 1968 poderia ser considerado o início dessa fase do movimento. Na época, em que mulheres eram tratadas como objetos e perpetuava ainda mais uma pressão estética sobre elas, aconteceu um protesto no *Miss América*, na cidade de Atlanta, contra os padrões estéticos estabelecidos. Esse episódio, onde cerca de 400 mulheres se reuniram para queimar símbolos femininos como sutiã, cílios e saltos marcou a história do movimento e incentivou outras manifestações do tipo ao redor do mundo. A de Atlanta, especificamente, não chegou muito adiante, pois foi impedida pela polícia.

De acordo com Soihet (2005) *apud* Leal (2015), nessa altura, o movimento questionava a moral tradicional. “O movimento hippie, a luta dos negros por direitos civis, os protestos contra a guerra do Vietnã e também a invenção da pílula são eventos contemporâneos às novas manifestações feministas” (p. 34). Essas manifestações incentivaram também um movimento da mídia de caça às feministas “queimadoras de sutiã”. Apesar disso, esses acontecimentos contribuíram para levar a temática para mais mulheres e causar uma ascensão da consciência da importância da luta por direitos. Gonçalves e Pinto (2011) afirmam que foi na segunda fase que as feministas começaram a levantar a noção de irmandade feminina e sororidade⁷.

As feministas da segunda fase estavam também focadas em refletir sobre suas existências e analisar o que significava ser mulher, questionando a fundamentação das relações sociais e familiares. Uma das consequências levantadas por Whelehan (1995) é de que, nessa época, as mulheres tinham mais acesso à educação e o resultado disso foi que elas não queriam permanecer com o conhecimento adquirido pelos estudos dentro de casa.

Jesus e Sacramento (2014) afirmam que foi na segunda fase que, mesmo não sendo tratado por esse termo exatamente, a construção de gênero começou a ser discutida. Segundo as autoras, essa pauta retoma o pensamento de Simone de Beauvoir que trata o sexo como natural e o gênero, ou seja, ser homem ou ser mulher, como algo socialmente construído. Saffioti (2004), classifica como uma “expressão da categoria dos sexos (p. 199)”. Mota (2017), citando Butler (2003) afirma que

a distinção que se faz hoje entre sexo (sob uma análise biológica/natural) e gênero (apenas visto como uma construção sociocultural) é questionável, pois o corpo também é discursivo e reflexivo sócio-histórico e culturalmente, constituindo-se de forma polarizada entre ser homem e ser mulher (Butler, 2003, p. 199).

Martins (2015) afirma que esses questionamentos sobre gênero abordaram ainda o papel social atribuído a homens e mulheres, seja no trabalho, relações afetivas ou políticas, pautados sempre em preservar a desigualdade entre os dois gêneros. “Nesse momento, em que direitos políticos e civis já estavam em processo de consolidação em diversos países

⁷ Sororidade é um termo que representa a relação de irmandade, afeto e união entre mulheres.

ocidentais, estabeleceram-se os alicerces de uma teoria feminista, destinada a compreender as origens e as causas das desigualdades entre os sexos” (Martins, 2015, p. 234).

Franchini (2017) diz que o movimento buscava entender a “origem da condição feminina” e o que mulheres em todo o mundo tinham em comum para justificar o fato de que vivem em situação inferior ao homem. De acordo com ela, o próprio sexo é a resposta. Além da capacidade de reprodução, algo que sempre esteve atrelado à mulher de forma social e econômica e, por conta disso, sempre foi explorada pelo patriarcado e pelo capitalismo.

Outro marco importante da segunda fase aconteceu quando a Organização das Nações Unidas, ONU, organizou, em 1975 a Primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres, na Cidade do México. O ano em questão foi declarado como o Ano Internacional das Mulheres e o período entre 1976 e 1985 a como “A década da mulher”.

2.3.1 A segunda fase no Brasil

Foi durante a segunda fase, especialmente, que o movimento feminista ganhou força no Brasil. E a definição de 1975 como o Ano Internacional da Mulher, foi um dos combustíveis para o fortalecimento da militância no país. Afinal, entre 1964 e 1985 o Brasil vivia sob o regime da ditadura militar. Durante esse período, toda reunião e grupo representava um risco enorme. E, por conta disso, o apoio da ONU ajudou a tirar da clandestinidade diversos desses grupos que se organizavam para discutir a defesa dos direitos das mulheres.

De acordo com Pedro (2006), em julho de 1975 aconteceu uma reunião patrocinada pelo Centro de Informação da ONU na ABI — Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, para discutir a temática, abordada ainda de forma tímida. No mesmo ano aconteceu a criação do CMB — Centro da Mulher Brasileira. Os objetivos desse grupo, segundo Pedro (2006), eram estudar, refletir, pesquisar e analisar questões da mulher e tratar localmente problemas enfrentados por mulheres com a criação de um departamento de ação comunitária. Segundo Pinto (2003), o objetivo era “combater a alienação da mulher em todas as camadas sociais, para que ela possa exercer o seu papel insubstituível e até agora não assumido no processo de desenvolvimento” (p. 58).

O jornal Brasil Mulher também foi criado em 1975. A primeira edição, publicada em 9 de outubro, trazia um balanço do Ano Internacional da Mulher. Na segunda edição, de acordo com Teles (1993), foi a primeira vez que a publicação usou a palavra "feminismo". Por conta do período ditatorial em que o Brasil vivia, o jornal veiculava muitas matérias relacionadas às reivindicações pela libertação dos presos políticos. No total, o jornal teve 20 edições com tiragem de 5 mil exemplares.

Esses eventos se tornaram marcos da segunda fase no Brasil. Foi a partir dessas iniciativas que surgiram outros grupos relacionados ao movimento no país e várias mulheres puderam se identificar como feministas. De acordo com Pedro (2006), esses episódios tiveram como resultado ainda a criação de vários partidos políticos. E, como até então o Brasil era um país sem qualquer histórico de democracia, era uma grande preocupação das feministas brasileiras e militantes de esquerda o crescimento desse movimento político.

2.4 A terceira fase

Após uma primeira fase que lutou especialmente pelo sufrágio e um segundo momento que levantou diversas bandeiras, como o questionamento da construção de gênero, padrões estéticos e organização de diversos movimentos e grupos feministas, a terceira fase do feminismo surge entre os anos 1980 e 1990. Nesse momento do movimento, de acordo com Martins (2015), as mulheres já tinham mais espaço na sociedade e ocupavam lugares onde, antes, atuavam de maneira invisível.

Uma das principais bandeiras da terceira fase foi a quebra de estereótipos e o reforço do questionamento da mulher enquanto sujeito único. Assim como visto brevemente na segunda fase, a heterogeneidade do movimento é questionada aqui. De acordo com Martins (2015), é reforçado o pensamento crítico em relação à categoria "mulher" e o que isso significa. Segundo Garcia (2011), outras variáveis começam a ser percebidas como significativas, como gênero, local onde vivem, orientação sexual e outras.

Junto com alguns movimentos da segunda fase, esse questionamento do sujeito contemporâneo e suas diversas camadas leva à divisão do movimento em diferentes correntes. "As feministas da última década do século XX admitiram a instabilidade semântica

do conceito, mas mantiveram a convicção nas reivindicações identitárias e na ação política”, afirma Martins (2015, p. 238). Dessa forma, o feminismo igualitário é duramente criticado na terceira fase.

Stival e Martins (2016) *apud* Tong (2009) corroboram com esse ponto de vista ao dizer que, nessa fase, o movimento critica a vertente branca, eurocêntrica e burguesa que adotou até então. Segundo Stival e Martins (2016), as feministas dessa fase se comprometem em entender as diferenças entre mulheres e encontrar formas para que possam lutar juntas. Dessa forma, as autoras afirmam que a terceira fase reconhece a pluralidade do movimento e suas pautas.

Outro marco de destaque da terceira fase, de acordo com Nogueira (2001), é o *Blacklash*, um movimento revolucionário que surge para questionar o próprio feminismo, chamado por muitos pesquisadores de contra-feminismo. De acordo com Faludi (1991), essa foi uma ação conservadora para bater de frente com as conquistas feministas. Curran e Morley (2006) argumentam ao dizerem que se trata de um movimento que usa o feminismo e ainda “evoca como algo a ser levado em consideração para sugerir que a igualdade está alcançada e, com isso, instalar todo um repertório de novas significações que enfatizam que o feminismo não é mais necessário, que é uma força perdida” (p. 1). Ainda segundo as autoras, Foucault se torna uma influência do pós-feminismo, causando uma mudança da centralização do poder, até então entendidos como o patriarcado, o estado e as leis, por exemplo, para poderes “conceitualizados como fluxos, convergências e consolidações específicas da fala, do discurso e atenções” (p. 2). O corpo e o sujeito também passam a representar um ponto central de interesse feminista.

O individualismo neoliberal começa a surgir nas literaturas feministas. De acordo com Leal (2015), “esse novo feminismo defende o empoderamento e a superação do status de vítima — que teria sido difundido pela segunda fase — como chave para a emancipação feminina (p. 42)”. Dessa forma, o conceito do neoliberalismo, “responsabilização do indivíduo, o foco no homem econômico, a rejeição da interferência do Estado, a valorização da racionalidade humana, o entendimento do progresso como fruto de liderança, competição e cumprimento de metas” (Medeiros, 2017, p. 156), começa a se cruzar com o de emancipação feminina. Essa

aproximação rendeu críticas de algumas feministas, mas, também, incentivou mais ainda a divisão do movimento em diferentes correntes.

A lógica neoliberal se apropriou de termos como empoderamento e emancipação como consequência dos esforços pessoais das mulheres e seu sucesso no mercado de trabalho. Uma grande falha desse pensamento, como ressalta Medeiros (2017), é que ele tem um viés elitizado, que não considera recortes como raça, escolaridade ou qualquer outra vivência pessoal e única de mulheres. Medeiros (2017) ressalta ainda que essa característica pessoal adquirida por algumas feministas na terceira fase e a busca constante por esse empoderamento pessoal levou a um processo de disputa entre mulheres. Por conta disso, mulheres passaram a acumular atributos, como sucesso profissional, na maternidade e beleza – de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade, para que fossem classificadas como uma boa mulher. De acordo com McRobbie (2015), a mídia e as produções artísticas passaram a ser grandes responsáveis pela propagação desse ideal de perfeição.

2.4.1 A terceira fase no Brasil

O Brasil da terceira fase era um país que vivia, depois de 21 anos, em um regime democrático, contribuindo com o fortalecimento do movimento. De acordo com Caetano (2017), nessa fase de retomada da democracia, o movimento feminista no país teve um forte apelo pela luta por direitos, desde igualdade no casamento a saneamento básico e educação, se aproximando muito de lutas sociais por direitos humanos. Os movimentos políticos, então, passaram a perceber a força dessa movimentação e inserir pautas voltadas para mulheres nos seus discursos. Mulheres também começaram a se organizar, desde em associações de moradores a núcleos dentro dos sindicatos. Essa movimentação, que atinge mulheres de diferentes classes sociais e até moradoras de áreas rurais, e passou a ser chamada, segundo Caetano (2017), de feminismo popular.

Tanto o Brasil quanto outros países em desenvolvimento, em especial, começaram a dar voz a uma importante pauta: a violência doméstica. A história da farmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes foi um dos divisores de água nesse assunto. Maria da Penha sofreu violência do seu ex-marido por trinta e dois anos, além de duas tentativas de assassinato em 1983 que

a deixaram tetraplégica. Ao se ver desamparada pelo governo, denunciou o Estado à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, que considerou a justiça brasileira como omissa nesse caso. A partir dessa denúncia, o Brasil foi pressionado sobre a falta de ações que fossem eficientes em coibir a violência doméstica. Apenas a partir dessa denúncia, em 2006, a Lei n. 11.340, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, foi instaurada, tipificando a violência doméstica como um atentado direto e violação aos direitos humanos. A lei abrange também outras formas de violência, tais como patrimonial, física, sexual, psicológica e moral.

2.5 Correntes do feminismo

Como foi percebido até esse momento, durante as segunda e terceira fases entendeu-se a necessidade de abordar o feminismo por diferentes pontos de vista, considerando opressões que grupos de mulheres sofrem de formas diferentes. De acordo com Coelho (2016), os questionamentos em torno do feminismo não podem se centrar na mulher "como um sujeito único, mas de "mulheres": brancas, negras, domésticas, índias, ricas, donas de casa, artistas, lésbicas, trans, entre tantas outras, que por serem diferentes e iguais sofrem iguais e diferentes opressões" (Coelho, 2016, p. 240). Para Griffin (1995),

organizações feministas que se mobilizam em torno de um único tema ou de uma única identidade, tão comuns na década de 90, podem ter a desvantagem de seguir uma política extremamente localizada, mas essa mesma especificidade é uma garantia de especialização e de impacto, fruto de um esforço de grandes proporções claramente definido, exercido em determinada área (Griffin, 1995, p. 4).

Delmar (1986), porém, questiona se essa divisão do movimento não tem um papel negativo de mascarar o propósito principal do feminismo. "*Could it no still be that what unites feminists is greater than what divides? Might not current fragmentation be merely an episode in an overriding history of unity?*" (Delmar, 1986, p. 9-10). A autora ainda cita Freud ao dizer que essa divisão em grupos poderia estar relacionada com o que neurologista chama de "narcisismo das pequenas diferenças". Ribeiro (2018), porém, defende, assim como Coelho (2016), que mulheres "não são um bloco único – elas possuem pontos de partida diferentes" (Ribeiro, 2018, p. 25).

De acordo com Ribeiro (2018), as mulheres são oprimidas de formas diferentes e o discurso da universalidade do feminismo se torna excludente. O movimento feminista iniciou a sua luta tendo "como base a mulher branca de classe média" (Ribeiro, 2018, p. 45-46). Ainda segundo a autora:

Se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que, para além da pressão de gênero, sofrem outras opressões, como racismo, lesbofobia, transmisoginia, torna-se urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação, e não mais como assuntos secundários (Ribeiro, 2018, p. 47).

Castells (2008) apresenta a diversidade do movimento considerando tipologias, identidades, adversários e objetivos, conforme apontado na grelha a seguir:

Grelha 1 - Tipologia Analítica de Movimentos Feministas

<i>Tipo</i>	<i>Identidade</i>	<i>Adversário</i>	<i>Objetivo</i>
Direitos da mulher (liberal, socialista)	Mulheres como seres humanos	Estado patriarcal e/ou capitalismo patriarcal	Direitos iguais (inclusivamente direto de ter filho ou não)
Feminismo cultural	Comunidade feminina	Instituições e valores patriarcais	Autonomia cultural
Feminismo essencialista (espiritualismo, ecofeminismo)	Modo feminino de ser	Modo masculino de ser	Liberdade matriarcal
Feminismo lésbico	Sociedade de iguais sexual/cultural	Heterossexualidade patriarcal	Abolição do gênero pelo separatismo
Identidades femininas específicas (étnicas, nacionais, autodefinidas: por exemplo, feminista lésbica negra)	Identidade auto-construída	Dominação cultural	Multiculturalismo destituído de gênero
Feminismo pragmático (operárias, autodefesa da comunidade, maternidade)	Donas de casa/mulheres exploradas/agredidas	Capitalismo patriarcal	Sobrevivência/dignidade

Fonte: Castells (2008)

De acordo com Castells (2008), independente da corrente feminista, a luta por direitos básicos para mulheres é a reivindicação comum a todas elas. Mas, cada uma das vertentes apresenta especificidades. Para Giddens (2008), as "correntes feministas procuraram explicar as

desigualdades de gênero recorrendo a uma variedade de processos sociais profundamente enraizados, como o sexismo, o patriarcado, o capitalismo e o racismo" (p. 116). Em suas obras, o autor apresenta as seguintes correntes: feminismo liberal, radical, negro, interseccional, marxista ou socialista e pós-moderno. A corrente do transfeminismo, não abordada nem por Giddens nem por Castells até o momento, também será apresentada por ser considerada relevante, especialmente no contexto brasileiro.

2.5.1 Feminismo liberal

Segundo Giddens (2008), "o feminismo liberal procura explicações para as desigualdades de gênero nos comportamentos sociais e culturais" (Giddens, 2008, p. 116). De acordo com o autor, os esforços estão na conquista de igualdade por meio de leis e outros movimentos democráticos. As feministas dessa corrente trabalham dentro do sistema, com o objetivo de conquistar mudanças por meio de alterações na legislação e entendem que isso pode acontecer de forma gradual, dentro do sistema já existente.

As maiores críticas a essa corrente estão relacionadas com o fato das suas defensoras não saberem lidar, especificamente, com o que causa a desigualdade de gênero "e de não reconhecerem a natureza sistêmica da opressão sobre as mulheres na sociedade. Ao focarem a sua atenção nas privações independentes que as mulheres sofrem - sexismo, discriminação, um teto salarial revelador de desigualdade de salários, as feministas liberais dão apenas uma imagem parcial da desigualdade de gênero" (Giddens, 2008, p. 117).

2.5.2 Feminismo radical

Essa vertente do feminismo, de acordo com Giddens (2008), é baseada na percepção de que os homens se beneficiam da exploração das mulheres. A análise central dessa categoria é de que o patriarcado e a família são as fontes primárias de opressão. As feministas radicais abordam ainda o controle reprodutivo, no qual mulheres são colocadas como dependentes dos homens, já que são capazes de dar à luz.

O autor levanta o ponto de que as feministas radicais acusam homens de criarem padrões estético e social de feminilidade e, ainda

apontam a importância da violência masculina sobre as mulheres como um facto central na supremacia masculina. Nesta perspectiva, a violência doméstica, a

violação e o assédio sexual são parte de uma opressão sistemática das mulheres, e não casos isolados com as suas próprias causas psicológicas e criminosas (Giddens, 2008, p. 117).

Questionando as liberais, a corrente radical não acredita na libertação das mulheres por meio de mudanças no sistema existente, mas, sim, por meio do fim da ordem patriarcal na sociedade, pois entendem o patriarcado como um fenômeno universal. Giddens (2008) diz, porém, que críticos dessa vertente questionam esse ponto de vista ao dizerem que é impossível "considerar o patriarcado como um fenômeno universal, pois ao fazê-lo, corre-se o risco do reducionismo biológico - reduzir todas as complexidades da desigualdade de gênero a uma mera distinção entre homens e mulheres" (Giddens, 2008, p. 118).

Ainda segundo Giddens (2008), a família também é entendida como uma fonte de opressão:

As feministas radicais concentram-se, muitas vezes, na família como uma das fontes primárias de opressão das mulheres na sociedade", chegando a defender que "a sua emancipação só será possível com a abolição da família e das relações de poder que a caracterizam." Giddens, 2008, p. 117)

2.5.3 Feminismo negro

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)⁸ realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, em 2018, 19,2 milhões de residentes brasileiros se declararam como negro e 96,7 milhões como pardos. Percentualmente, a população não-branca representa 55,8% da população. Segundo a mesma pesquisa⁹, desse total, 60 milhões são mulheres, um percentual de 28% de todas as pessoas mapeadas como residentes no Brasil. A taxa de desemprego dessas mulheres é de 16,6%, o dobro do volume de homens brancos sem emprego – 8,3%. Além desse ponto, a pesquisa apresenta ainda mais desigualdades sofridas por mulheres negras, como salários mais baixos, acesso restrito à educação e outros.

Diante desse cenário, fica claro que o feminismo negro é um ponto crucial a ser discutido, especialmente no cenário brasileiro. Ao apresentar o conceito dessa vertente, Giddens (2008)

⁸Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-05/em-6-anos-pessoas-que-se-dizem-pretas-aumentam-em-todo-o-pais>

⁹ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/negras-ganham-menos-e-sofrem-mais-com-o-desemprego-do-que-as-brancas.shtml>

questiona se todos os pontos levantados em relação à luta feminista se aplicam também às experiências vividas por mulheres negras.

Muitas feministas negras, e feministas de países em vias de desenvolvimento, garantem que não. Afirmam que as principais correntes de pensamento feministas não tomam em consideração as divisões étnicas entre as mulheres, estando orientadas para os dilemas das mulheres brancas que pertencem predominantemente à classe média nas sociedades industrializadas (Giddens, 2008, p. 119).

Giddens *et al.* (2018) afirmam que as feministas negras acreditam que teorias de igualdade de gênero, que não consideram o racismo, não são capazes de abordar adequadamente a opressão sofrida por mulheres negras. Ribeiro (2018) corrobora com essa afirmação ao dizer que, apesar do gênero unir mulheres na luta contra opressão, há outras especificidades que as separam e afastam. A autora diz ainda que "pensar como as opressões se combinam e se entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se considerar outras possibilidades de existência" (Ribeiro, 2008, p. 122).

Giddens (2008) diz que os problemas do passado são tratados pelas feministas negras como a base das opressões vividas atualmente pelas mulheres.

as primeiras sufragistas negras apoiaram a campanha a favor dos direitos das mulheres, mas perceberam que a questão da raça não podia ser ignorada: as mulheres negras eram discriminadas com base na raça e no gênero. Nos últimos anos, as mulheres negras não tiveram, em parte, um papel essencial no movimento da libertação das mulheres, por a «feminidade» não dominar tanto as suas identidades quanto os conceitos de raça (Giddens, 2008, p. 120).

hooks (2018), uma das principais autoras do feminismo negro, diz ainda que, além das reivindicações por direitos trabalhistas presentes especialmente na primeira fase não serem coerentes com a realidade de mulheres negras, elas ainda representavam ameaça de mais concorrência à mulher branca: "relações entre trabalhadoras brancas e negras tinham como característica o conflito. Esse conflito intensificou-se quando as negras tentaram aceder à mão-de-obra industrial e foram obrigadas a confrontar-se com o racismo" (hooks, 2018, p. 212).

Um dos marcos dessa corrente, como já citado, aconteceu em 1851, na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio. Na ocasião, Sojourner Truth, mulher negra e escrava quebrou

o silêncio em relação a essa temática em um evento feminista onde proferiu o discurso "E não sou uma mulher?".

Olhe para mim! Olhe para os meus braços". [...] Eu lavrei, plantei, e ceifei para celeiros e nenhum homem podia ajudar-me! E não sou eu mulher? Podia trabalhar tanto e comer tanto como um homem, quando podia fazê-lo, e suportar o chicote também! E não sou eu mulher? Dei à luz a treze crianças e vi a maior parte delas serem vendidas para a escravatura, e quando chorei a minha dor de mãe, ninguém senão Jesus me ouviu! E não sou eu mulher? Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o suficiente para virar o mundo ao contrário sozinha, estas mulheres juntas são capazes de pô-lo no lado certo. E agora que estão a pedir para fazê-lo, é melhor os homens deixá-las fazê-lo. (Sojourner Truth, *apud* Davis, 2016, p. .72)

No Brasil, essa corrente feminista começou a ganhar notoriedade apenas nos anos 1980. Uma das pioneiras do pensamento feminista na perspectiva da mulher negra no Brasil é a intelectual e autora Lélia Gonzalez. De acordo com Cardoso (2014), ela teve um papel importante nessa vertente do feminismo no Brasil ao apresentar "a proposição de descolonização do saber e da produção de conhecimento e, atuando como "forasteira de dentro" (*outsider within*)" (Cardoso, 2014, p. 965). No contexto brasileiro, latino e caribenho, a autora acrescenta mais uma camada de opressão sofrida por mulheres e pessoas negras em geral: a colonização que, de acordo com a autora, cria uma alienação pelo branqueamento da população como objetivo de "limpar o sangue", termo usado pela intelectual e popular no Brasil.

Gonzalez (1988) aponta a inegável importância do feminismo que "não só estimulou a formação de grupos e redes, mas desenvolveu a busca de uma nova forma de ser mulher" (p. 134). Porém, assim como os autores já citados anteriormente, Gonzalez diz que não há uma explicação clara sobre as construções de gênero das "*amefricanas*" (termo criado pela autora para definir populações africanas, indígenas e seus ascendentes nas Américas), mulheres negras, indígenas e todas que estão num espaço considerado à margem da sociedade. Para a autora "o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira" (Gonzalez, 1984, p. 224).

2.5.4 Feminismo interseccional

A discussão sobre a interseccionalidade do feminismo começou a ser feita especialmente pelas feministas negras, que abordaram a importância de se pensar em outras camadas de opressão, além do gênero. Segundo Giddens *et al.* (2018), o feminismo interseccional considera, além do gênero, questões como raça, sexualidade e situação econômica no panorama de luta. Essa perspectiva, de acordo com Mohanty (2003), reconhece que processos globais, colonialismo, racismo e imperialismo moldam as relações hierárquicas de gênero.

Ribeiro (2018) afirma que, mesmo sendo um conceito já usado no feminismo negro, foi apenas em 1989 que ele foi cunhado na tese de doutorado da jurista Kimberlé Crenshaw. A americana, defensora dos direitos civis, levou esse conceito para o ambiente branco e elitista do direito.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (Crenshaw, 2002, p. 177)

Citando Crenshaw, Ribeiro (2018) diz que a interseccionalidade considera diversas fontes de identidade, sem a pretensão de propor uma nova teoria. A jurista apresenta o termo pela ótica de duas subdivisões: a interseccionalidade estrutural, que considera mulheres negras na intersecção da raça, gênero e em como elas sofrem com relações sociais e afetivas, como violências em relacionamentos conjugais, situações de estupro e violência; e interseccionalidade política, que aborda como as políticas feministas e antirracistas têm, como consequência, o fato da marginalização de mulheres negras ser colocada à margem das discussões do movimento.

Bilge (2009) diz que a interseccionalidade é "uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado" (Bilge, 2009, p. 70). E completa ao dizer que o "enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas

categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais” (Bilge, 2009, p. 70).

Para concluir, Ribeiro (2018) diz a interseccionalidade não deve priorizar uma ou outra opressão. O pensamento interseccional deve, na verdade, mudar a estrutura de pensamento de que gênero, raça, classe e orientação sexual não podem ser pensados de formas isoladas "porque são indissociáveis" (Ribeiro, 2018, p. 123).

2.5.5 Feminismo marxista ou socialista

De acordo com Santos e Nóbrega (2004), as teorias feminista e marxista sempre estiveram próximas por uma convergência natural em busca de "alcançar transformações nas situações de exploração e opressão" (Santos e Nóbrega, 2004, p. 2). Então, assim como a teoria marxista, o feminismo socialista acredita que a sociedade capitalista é a grande opressora com minorias raciais, classe trabalhadora e pobres. De acordo com Giddens *et al.* (2018), esta vertente também considera, assim como o feminismo radical, a sociedade patriarcal como grande opressora de mulheres. O feminismo socialista propõe uma mudança social para garantir igualdade entre mulheres que sofrem opressão de diferentes fontes, mas, de acordo com Paulilo (2016), apostam "em mudanças econômicas radicais como a superação do capitalismo" (Paulilo, 2016, p. 305).

Santos e Nóbrega (2004) dizem ainda que essa vertente feminista vai além do debate marxista clássico, "sublinhando as relações entre o sistema económico e a subordinação das mulheres, constatando a sua opressão enquanto classe trabalhadora, mas também enquanto mulheres, compreendendo de uma forma dialéctica as relações de sexo e de classe" (Santos e Nóbrega, 2004, p. 6).

Ainda segundo Giddens *et al.* (2018), o feminismo socialista determina suas premissas a partir de outras vertentes:

First, they challenge liberal feminists’ vision that equality for women in all institutions of society, including government, law, and education, is possible through policy reforms. Rather, socialist feminists reject the notion that true equality is possible in a society whose social and economic structures are fundamentally flawed. They depart from radical feminists, however, because socialist feminists believe that women should work with men to fight class

oppression. Socialist feminists do not generally believe that sex and the patriarchy are the sole roots of oppression; rather, gender is just one of several axes of oppression (Giddens *et al.*, 2018, p. 241-242).

Outra argumentação importante dessa vertente é a de que, apesar de não ter inventado a opressão de gênero, o capitalismo se apropriou dela. Alguns exemplos disso são percebidos na relação da mulher com trabalhos domésticos, considerados sem valor — como vimos na segunda fase, especialmente — e na premissa de que elas devem ganhar menos que homens ao exercerem uma mesma função.

De acordo com Moraes (2000), a opressão da mulher está diretamente associada à instauração da propriedade privada, pauta frequente da luta socialista/marxista. Ainda na discussão dessa vertente, de acordo com Cisne (2018), "abolir a propriedade privada e transformar a economia doméstica individual em uma economia doméstica socializada são premissas indispensáveis para a emancipação, contudo são insuficientes (Cisne, 2018, p. 216).

2.5.6 Feminismo pós-moderno

O feminismo pós-moderno, de acordo com Giddens *et al.* (2018), rejeita a ideia de que existe uma teoria que seja capaz de explicar a posição da mulher na sociedade ou, mesmo, que exista uma explicação universal para o que é ser mulher. Dessa forma, as feministas dessa corrente rejeitam, de acordo com Beasley (1999) *apud* Giddens *et al.* "*the accounts others give to explain gender inequality — such as patriarchy, race, or class — as 'essentialist'*" (p. 243). Em vez disso, o feminismo pós-moderno incentiva a aceitação de diferentes pontos de vista e experiências.

Esta vertente é muito criticada pelas outras, já que defende que muitas feministas estão enganadas ao acreditar que é possível explicar de que forma acontece a opressão sofrida por mulheres e, especialmente, encontrar uma resolução.

2.5.7 Transfeminismo

Um dos importantes questionamentos do movimento feminista é o conceito de gênero. Simone de Beauvoir, em 1949, questionava a diferença entre sexo e gênero, defendendo o primeiro como um fator biológico; e o segundo como algo construído socialmente. De acordo

com a autora, cada sociedade cultural, ao longo da história, definiu ações e atitudes relacionadas ao gênero. Aplicado ao feminismo, de acordo com Jesus (2013), esse conceito permitiu "a desconstrução da crença de que há um modelo universal de mulher ou de homem, localizou-os como construtos históricos e abriu caminhos para a construção das identidades de gênero como conceituações viáveis fora do espectro biologicista" (Jesus, 2013, p. 2).

Para pessoas transexuais o questionamento de gênero é fundamental. O transfeminismo, de acordo com Jesus (2013), é um movimento ainda em construção. Ele pode ser definido como um movimento feito para mulheres transexuais e criado por elas. E no Brasil, o país que mais mata transexuais e travestis no mundo, de acordo com o dossiê Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019¹⁰, desenvolvido por Bruna G. Benevides e Sayonara Naidier Bonfim Nogueira, essa vertente feminista tem um peso enorme para a vivência dessas pessoas.

Jesus (2013) afirma ainda que o transfeminismo tem importância não apenas para pessoas transgêneros¹¹ mas, também, para mulheres cisgênero¹². Afinal, essa vertente trata de temas relacionados ao interesse de todas as mulheres, como o questionamento da relação de gênero com biologia, validação das contribuições de qualquer pessoa ao movimento e, ainda, "reiteração do caráter interacional das opressões" (Jesus, 2013, p. 5).

Essa corrente apresenta como premissa a liberdade de que cada indivíduo possa definir a sua identidade de gênero, contando com o aceite e respeito da sociedade. No Manifesto Transfeminista, escrito por Emi Koyama em 2000, a autora diz que:

o transfeminismo é, primariamente, um movimento de e para mulheres trans que vêem a sua libertação como intrinsecamente ligada à libertação de todas as mulheres (e além). Está também aberto a *queers*, pessoas intersexo, homens trans, mulheres não-trans, homens não-trans, e outros/as que se revêem na luta destas mulheres e que consideram uma aliança com estas como essencial para a sua própria libertação. (Koyama, 2000, p. 1).

Algumas feministas radicais, de acordo com a autora do manifesto, deslegitimam o transfeminismo porque pessoas trans se beneficiaram do privilégio masculino em algum

¹⁰ Fonte: <https://static.poder360.com.br/2020/01/levantamento-antra.pdf>

¹¹ Pessoas transgêneros ou transexuais são aquelas que não se identificam com o gênero designado a elas no nascimento. Por exemplo, uma pessoa do sexo feminino que se entende com o gênero masculino, ou o contrário, quando uma pessoa nascida com o sexo masculino se identifica como mulher.

¹² Uma pessoa cisgênero é aquela que se identifica com o gênero designado no seu nascimento.

momento da vida. “Os transexuais homem-para-mulher socializaram como meninos usufruindo assim desse privilégio; já as transexuais mulher-para-homem são consideradas traidoras que abandonaram as suas irmãs numa patética tentativa de adquirirem o privilégio masculino” (Koyama, 2000, p. 3). Koyama, porém, afirma que esse pensamento deve ser combatido, pois, na visão da autora, ele é usado para discriminar pessoas trans dentro do movimento feminista. Afinal, para mulheres trans, nascer no corpo de um homem era mais um fardo do que um privilégio.

3. Movimentos sociais na internet

Os movimentos sociais, de acordo com Pereira (2011), têm como objetivo principal "promover a democratização das relações sociais dentro da sociedade civil, através da redefinição de papéis, normas, identidades (individuais e coletivas) conteúdos e modos de interpretação de discursos existentes na esfera pública" (Pereira, 2011, pp. 2-3). Castells (2003) diz ainda que "suas práticas (e sobretudo as práticas discursivas) são a sua autodefinição". (Castells, 2003, p. 85). Dessa forma, o feminismo pode ser entendido como um movimento social que pretende promover a equidade de gêneros na sociedade civil.

Para estes movimentos, a comunicação é extremamente importante. Por meio da relação com outras pessoas que se identificam com as pautas é possível conquistar mobilizações para uma causa. Essa comunicação, no entanto, demanda assertividade, para que as mensagens sejam claramente entendidas e atinjam seu público no momento certo. Com a propagação de informações e a opinião pública centradas nos meios de comunicação de massa, muitas vezes comandados por governos e grandes grupos empresariais, o desafio acaba sendo ainda maior. De acordo com Pereira (2011), os movimentos sociais têm como opções criar ações que chamem atenção dos grandes media ou desenvolver seus próprios meios de comunicação para atingir potenciais alvos, trabalhar suas demandas e organizar movimentações com os envolvidos. “Em ambos os casos podemos perceber a importância que é dada à mídia dentro dos movimentos sociais contemporâneos em sua luta por reconhecimento” (Pereira, 2011, p. 4).

Na internet, existe uma descentralização dos papéis do emissor e do receptor de uma mensagem. Junto a isso, o baixo custo de produção acaba por tornar esse meio uma solução para que os movimentos controlem a criação de mensagens e se comuniquem com seus públicos. De acordo com Castells (2004), estes movimentos culturais são construídos a partir de sistemas de comunicação, principalmente a internet. Segundo o autor, “esta é a principal via que estes movimentos encontram para chegar àquelas pessoas que podem eventualmente partilhar os seus valores, e a partir daqui atuar na consciência da sociedade no seu conjunto” (p. 170).

Dessa forma, Castells (2017) afirma também que a comunicação para grandes massas tem passado por transformações, motivadas especialmente pela proliferação do acesso à internet no mundo, em um movimento que o autor chama de

autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet; e, mais ainda, nas redes de comunicação sem fio, atualmente a principal plataforma de comunicação em toda parte. Esse é o novo contexto, no cerne da sociedade em rede como nova estrutura social, em que os movimentos sociais do século XXI se constituem. (Castells, 2017, p. 2622)

Para estes movimentos, o autor afirma ainda que "o espaço da autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede" (Castells, 2017, p. 2662). O alcance mundial da internet permite ainda, de acordo com Castells (2017), que movimentos que começam com iniciativas ou motivações locais, tomem proporções globais. Rigitano (2003) diz que a internet contribui para a expansão das atividades desses movimentos e, mesmo, para a criação de outras.

A utilização da rede por parte desses grupos visa, dentre outras coisas, poder difundir informações e reivindicações sem mediação, com o objetivo de buscar apoio e mobilização para uma causa; criar espaços de discussão e troca de informação; organizar e mobilizar indivíduos para ações e protestos on-line e off-line. (Rigitano, 2003, p.3)

Montardo e Araújo (2013) afirmam também que, por conta da horizontalidade das redes, é possível garantir uma mobilização e um volume mais expressivo de pessoas engajadas. Castells (2017) corrobora ao dizer que este aspecto

favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo que reduz a necessidade de liderança formal. Assim, o que parece ser ineficaz como forma de deliberação e

tomada de decisão é de fato o alicerce necessário para gerar confiança, sem a qual nenhuma ação comum poderia ser empreendida contra o cenário de uma cultura política caracterizada pela competição e pelo cinismo. O movimento produz seus próprios antídotos contra a disseminação dos valores sociais que deseja combater. (Castells, 2017, loc. 2701)

Montardo e Araújo (2013) afirmam ainda que as redes sociais permitem, além de promover visibilidade entre seus atores sociais, conquistar espaço nas grandes mídias para as causas em questão. "Estes mecanismos se consolidam, tanto pela abrangência em número de indivíduos, quanto pela facilidade de suas utilização, como uma ferramenta indispensável a grupos que praticam ciberativismo" (Montardo e Araújo, 2013, p.484). Os autores ressaltam também que a atuação dos indivíduos nas redes sociais enquanto ativistas e pessoas que compartilham dos valores de determinados movimentos está relacionada com a visibilidade que tal causa pode alcançar, o que amplia mais sua mensagem e potencial de mobilização.

Para Castells (2017), o uso de celulares e internet é essencial para promover conexão entre ativistas. O autor afirma, porém, que redes *offline*, aquelas que já existiam antes do ativismo digital e, também, as que se formam a partir das ações dos movimentos, são essenciais. Outras redes acabam sendo formadas a partir desses encontros. E, segundo o autor, a internet tem papel fundamental para que a conversa continue em um espaço livre, sem um ponto central para as discussões, permitindo, dessa forma, uma organização não-vertical, sem uma liderança formal. "Por serem uma rede de redes, eles podem dar-se ao luxo de não ter um centro identificável, mas ainda assim garantir as funções de coordenação, e também de deliberação, pelo inter-relacionamento de múltiplos núcleos" (Castells, 2017, loc. 2647).

Machado (2007) apresenta dez características dos movimentos sociais em uma sociedade permeada por novas Tecnologias de Informação e Comunicação, baseadas nos enfoques de Giddens, Castells, Melucci e Hall. São elas:

- proliferação e ramificação dos coletivos sociais, permitido pela rapidez de alcance dessas novas tecnologias;
- horizontalidade e flexibilidade das redes, que permitem organizações menos hierarquizadas;

- tendência coalizacional, que tem como base a "infra-estrutura de comunicação propiciada pela Internet" (p. 274);
- existência dinâmica, que permite o crescimento mais rápido do movimento;
- minimalismo organizacional-material, o que permite, de acordo com o autor, uma operação com custo mais baixo;
- universalismo e particularismo das causas, que permite a luta por demandas específicas dentro de cada movimento;
- grande poder de articulação e eficiência, permitindo articulações rápidas sem limitações geográficas;
- estratégias deslocalizadas de ideologias compartilhadas, o que, segundo Machado (2007), permite que identidade e solidariedade possam desempenhar papéis fundamentais para a formação das redes;
- multiplicidade de identidades /circulação de militantes, o que permite que militantes abordem suas causas em diferentes espaços e, inclusive, se apropriem de suas conexões identitárias para esse fim;
- identidade difusa dos sujeitos sociais, que potencializa o ativismo por meio de atores anônimos e com identidades múltiplas.

Esse ativismo digital, que acontece atualmente tanto nas redes sociais, como em qualquer outro ambiente online, é chamado também de ciberativismo. Rigitano (2003) descreve este movimento como ações politicamente motivadas que acontecem na internet. As motivações, segundo o autor, podem ser pautas tradicionais ou, mesmo, injustiças que acontecem dentro da própria rede. Citando Vegh (2003), Rigitano (2003) apresenta as três características do ciberativismo defendidas pelo autor:

- conscientização e apoio, onde é possível divulgar informações não relatadas pela mídia tradicional. Essa característica permite que, por meio de fóruns e grupos na internet, por exemplo, "pessoas de diferentes localidades podem entrar em contato com realidades até então desconhecidas, se sensibilizar, apoiar causas e até se mobilizar em prol de alguma organização, participando de ações e protestos *on-line* e *off-line*" (Rigitano 2003, p. 3);

- forma de organização e mobilização de ações por meio da internet. Rigitano (2003) cita três formas, de acordo com Vegh (2003): a possibilidade de convidar as pessoas para ações *offline*; o uso da internet para mobilizar pessoas e a organização de pessoas para ações que podem acontecer apenas no ambiente virtual, como uma campanha massiva de envios de mensagens;
- Hackativismo, ações de invasão, congestionamento de servidores ou, até mesmo, cibercrimes.

Mesmo tendo um papel fundamental em movimentos sociais, a internet não pode substituir completamente ações presenciais. Segundo Pereira (2011), este é um meio de facilitar a organização de protestos e outros projetos presenciais. Ou seja, um complementa o outro. Lara *et al.* (2016) afirmam também que ainda sabemos pouco sobre o impacto da militância online no mundo real. Apesar disso, Castells (2017) acredita que o formato horizontalizado das redes permite a conexão entre companheiros de luta. “Essa é uma questão fundamental para o movimento, porque é pelo companheirismo que as pessoas superam o medo e descobrem a esperança” (Castells, 2017, loc. 2697).

4. A quarta fase e o ciberfeminismo

O feminismo é um dos movimentos sociais que se apropriam da internet e das redes digitais para proliferar suas pautas. De acordo com Lemos (2009), esse espaço é usado pelo movimento como promessa de um meio de comunicação alternativo que ajudaria na propagação e descentralização dos discursos. E essa descentralização transformou o ciberespaço em um local democrático, tanto para a propagação do movimento, quanto para o compartilhamento de depoimentos e experiências. Perez e Ricoldi (2018) concordam ao afirmar que as ideias do movimento, que antes ficavam apenas entre grupos menores, com a internet, podem atingir proporções maiores.

O surgimento de uma quarta fase do feminismo, de acordo com Oliveira (2019), é defendido por militantes mais jovens quando, a partir de 2012, o ciberespaço começou a ser usado para denunciar casos de abusos sexuais e violências que tinham acontecido dentro do próprio ambiente digital. Além disso, Oliveira (2019) destaca a presença de um número maior de

militantes nesse espaço. Dicker (2016) *apud* Oliveira (2019) diz, porém, que a quarta fase não existe, assim como a terceira ainda não chegou ao fim. Apesar disso, a autora afirma que movimentos feministas se engajam mais por meio das redes sociais.

Já Oliveira (2019) defende a existência desse novo marco histórico do movimento feminista. De acordo com a autora, a renovação do interesse feminino por essas temáticas a partir de 2012 levou ao uso mais intenso das plataformas e isso, por si só, justificaria a existência dessa quarta fase.

O avanço das tecnologias de comunicação e informação estão sendo usadas para contestar a misoginia, o machismo, a LGBTfobia, a violência e crimes contra a mulher. Ao se apropriarem do ambiente virtual, as manifestações feministas atingem um número expressivo de pessoas globalmente, especialmente grupos mais jovens e de culturas periféricas. (Oliveira, 2019, p. 77).

Matos (2010), ao analisar um cenário brasileiro e latino-americano, aposta na quarta fase considerando quatro pontos: a chegada das mulheres nos poderes Executivos e Legislativos e, dessa forma, a institucionalização das pautas feministas; o surgimento de órgãos federais, estaduais e municipais de políticas públicas; a institucionalização de Organizações Não Governamentais (ONGs) e, por fim

uma nova moldura teórica (frame) para a atuação do feminismo: trans ou pós-nacional, em que são identificadas uma luta por radicalização anticapitalista e uma luta radicalizada pelo encontro de feminismos e outros movimentos sociais no âmbito das articulações globais de países na moldura Sul-Sul (Matos, 2010, p. 80).

Matos (2010), assim como Oliveira (2015), entende que esta nova fase tem início ainda durante a terceira, se consolidando nos anos 2000. Ainda de acordo com a autora, esse novo momento do feminismo apresenta desafios como "horizontalização dos movimentos feministas e da construção coletiva do diálogo intercultural e intermovimentos" (Matos, 2010, p. 81). Matos (2010) afirma também que esta fase reforça princípios de interseccionalidade, como recortes de raça, religião, etnia e nacionalidade. Perez e Ricoldi (2018) destacam que a pluralidade das bandeiras levantadas nessa fase mostram que a importância é muito maior para a massificação do movimento do que para os temas abordados por si só.

A interseccionalidade no movimento feminista começou a surgir em outras fases. Porém, é na quarta que esse debate se fortalece como "uma pauta de mobilização e uma posição política no interior das inúmeras vertentes do feminismo" (Perez e Ricoldi, 2018, s/p). De acordo com Perez e Ricoldi (2018), mesmo que algumas vertentes não demonstrem esse viés, é possível perceber como o movimento durante a quarta fase, como um todo, tem se mostrado mais aberto a abordar diferentes camadas de opressão nas pautas discutidas. Um exemplo vem das apresentações das vertentes feministas por Castells, em 2008, que considerava apenas as lésbicas e não outras sexualidades representadas pela sigla LGBTQIA+, como bissexualidade, intersexualidade e outras. Esses outros espectros da sexualidade já são abrangidos atualmente pelas pesquisadoras e militantes da quarta fase.

Perez e Ricoldi (2018) associam esse efeito a uma ampliação das discussões interseccionais com a popularização da internet, por onde é possível ter acesso a mais estudos e reflexões sobre a "importância do combate ao racismo e à homofobia (agora estendido também para a lesbofobia e LGBTfobia). Diante de tantas informações e denúncias de casos que envolvem preconceitos, as feministas vêm aderindo a novas causas" (Perez e Ricoldi, 2018, s/p). Oliveira (2019) complementa dizendo que a "interseccionalidade continua uma das pautas principais na quarta fase, levando em conta como as múltiplas opressões interagem explicitando quem somos devido a raça, gênero, etnia, sexualidade, localização geográfica, habilidades, religião, cor e classe" (Oliveira, 2019, p. 75).

Citando os questionamentos de Cochrane (2013) sobre por que esta nova fase está ganhando força e como ela vai impactar a sociedade, Oliveira (2019) afirma que o ambiente digital é realmente um dos principais motivos para ampliar as pautas levantadas pelas feministas. Segundo a autora, o anonimato da internet permite que mulheres denunciem situações de abuso sem qualquer forma de exposição, "facilitando o compartilhamento de histórias nunca reveladas" (Oliveira, 2019, p. 74). A autora diz ainda que a velocidade com que uma informação é propagada contribui para o movimento e para ajudar causas reais e urgentes, como mulheres em situação de opressão.

Outra importante característica da quarta fase, que foi percebida de forma mais sutil nas fases anteriores, é a reivindicação pela liberdade de escolha da mulher. Segundo Oliveira (2019),

essa temática esbarra em pautas como diversidade, combate à cultura do estupro, "gordofobia, as representações machistas na publicidade, o abuso e a violência contra as mulheres nos diversos ambientes em que ela circula" (Oliveira, 2019, p. 76). A liberdade de escolha envolve ainda o tema aborto, em uma discussão levantada a partir de duas óticas: a regulamentação, que permite o direito ao aborto legal e, também, o direito pessoal à escolha de interromper uma gestação.

Perez e Ricoldi (2018) *apud* Felgueiras (2017), destacam mais uma vez o papel da internet nessa fase do movimento feminista. De acordo com as autoras, nesse momento, as pautas são levantadas e discutidas por militantes que já nasceram conectadas e entendem o papel e o potencial da internet como ferramenta de comunicação e propagação de suas mensagens. Dessa forma, segundo as autoras, "a internet criaria uma comunidade de mulheres ciberativistas" (Perez e Ricoldi, 2018, s/p).

4.1 Ciberfeminismo

O ciberfeminismo surge bem antes da quarta fase do feminismo, nos anos 90, definido por Boix e Miguel, 2013; Bañón, 2013; Bosch, s/a; Haché, Cruells e Bosch, 2013 *apud* Ferreira (2015) como "um conjunto de estratégias estético políticas-comunicacionais orientadas à cultura eletrônica, sobretudo a internet e a tecnologia digital" (p. 201). Segundo Ferreira (2015), Donna Haraway, o *ciberpunk* e outros contextos artísticos foram grandes influenciadores do movimento, chamado ainda de tecnofeminismo, posfeminismo, transfeminismo e Ativismo *Riot Grrrl*.

Já de acordo com Lemos (2009), o ciberfeminismo acontece antes da *World Wide Web* (www) como, por exemplo, em intranets universitárias na Alemanha e Austrália. A pesquisadora afirma que o 'Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX', escrito por Donna Haraway, faz parte do início do movimento. Para Manso (2007), a ausência de definição do que se trata o ciberfeminismo proporciona uma imaterialidade que dá um ar de anti-hierárquico e liberdade para assumir qualquer faceta.

Segundo Ferreira (2015), as primeiras movimentações do movimento feminista na internet tiveram ações de repetição da mensagem como estratégia. Além disso, era possível perceber

uma tentativa de romper padrões midiáticos criados em cima da imagem masculina. Era percebido ainda um desejo de provocar uma nova ordem que desestabiliza a estrutura patriarcal. De acordo com Lemos (2009), a principal motivação para essa militância no ambiente digital foi a opressão sofrida por mulheres nesse espaço e a "as estruturas de gênero na cultura eletrônica do mesmo modo que os feminismos da década de 1960 buscavam questionar as estruturas de gênero em outras estruturas mais básicas (Lemos, 2009, p. 36). Ainda segundo Lemos (2009), o controle patriarcal do mercado de trabalho e das tecnologias de informação eram os principais questionamentos do movimento quando ele surgiu.

Lemos (2009) diz que, atualmente, "o ciberfeminismo está esclarecendo no que consistem as relações correntes das mulheres com a *Information Technology*, do mesmo modo que critica as estruturas de gênero na cultura eletrônica" (Lemos, 2009, p.36). A autora afirma também que o movimento é uma esperança para a construção de uma nova sociedade, pois aborda questões como identidade e gênero, aproveitando a pluralidade permitida no ambiente digital. Com o tempo e a popularização dos acessos, o ciberfeminismo se apropriou da internet como um "um sistema de comunicação alternativo que favoreceria a manifestação de discursos múltiplos e descentralizados" (Lemos, 2009, p. 36).

Apesar de ter surgido historicamente como um movimento para combater opressões sofridas por mulheres dentro dos próprios espaços de tecnologia e redes, Martínez-Collado e Navarrete (2007) resumem o ciberfeminismo como o uso da rede para prática do movimento feminista. E, ainda, algo que contribui para destruir mitos sociais e construir novas ordens por meio da tecnologia. A autora ainda completa dizendo que o "Ciberfeminismo tem como postulado a ideia de que a conjunção com a tecnologia reconstrói as sexualidades, as subjetividades a partir da heterogeneidade que as redes eletrônicas possibilitam" (Lemos, 2009, p.42).

Rocha (2017) diz que o feminismo na internet se caracteriza também pela adesão de novas pessoas ao movimento que já possuíam algum tipo de conhecimento sobre a agenda mas, também, por pessoas que não conheciam anteriormente a temática. Citando Ferreira (2015), Rocha (2017) diz que "os ciberespaços feministas objetivam atrair mais jovens e

desconhecedores de causa, esclarecendo temas, conceitos e palavras de ordem do movimento" (Rocha, 2017, p. 64).

Uma das partes mais importantes do ciberfeminismo, para Bañón (2013), é o volume de informações contidos na rede para desconstrução de gênero. Além dessa temática, Oliveira (2019) diz que

temas como assédio sexual e estupro passaram a ser divulgados de forma mais abrangente e rápida. Ameaças de estupro, piadas misóginas e abusos se tornaram visualmente explícitos, assim como a revolta contra esse tipo de atitude "normalizada" em nossa sociedade e aceita ou entendida como meras "cantadas". Outro assunto que entra no debate feminista com mais afinco é o combate à culpabilização da vítima em casos de assédio e estupro, devido a seu comportamento e vestimentas. (Oliveira, 2019, pp. 70-71).

Além da popularização do acesso à informação, a internet permitiu ainda que pessoas comuns se tornassem produtoras de conteúdos. O chamado "*prosumer*", termo criado por Alvin Toffler, é um neologismo que caracteriza os perfis de consumidores que também são criadores de conteúdo. Em plataformas sociais, especialmente, todo usuário que publica algo, mesmo sem a intenção, se torna produtor de conteúdo. Dessa forma, Machado (2018) destaca outra característica do ciberfeminismo e da quarta fase: a inclusão e o lugar de fala. Assim, de acordo com a autora, mulheres começam a contar suas próprias histórias valorizando a narrativa por uma perspectiva pessoal.

Esses *prosumers*, ou usuários-mídia, como é chamado por Terra (2012), em muitos casos, conquistam audiências fiéis e se tornam verdadeiros influenciadores do movimento feminista no ambiente digital. Segundo Lara *et al.* (2016), muitas vezes os consumidores de conteúdo digital que não estariam dispostos a ler um artigo acadêmico sobre temáticas como o feminismo, por exemplo, estariam dispostos a assistir a um vídeo sobre o tema. Assim, de acordo com as autoras, uma pessoa que nunca teve acesso a pautas levantadas pelo movimento passa a ter por meio desses conteúdos digitais. Castells (2017) diz que "a precondição para as revoltas foi a existência de uma cultura da internet, constituída de blogueiros, redes sociais e ciberativismo" (Castells, 2017, p. 484). O autor afirma ainda que as redes sociais digitais e as pessoas, juntas, contribuíram para formar o protesto.

4.2 Influenciadores digitais

Estamos vivendo a era da informação. E, de acordo com Schwartz e Reis (2018), o grande volume de informações produzido no ambiente digital indica que "a rede mundial de computadores, em verdade, tornou-se uma rede de pessoas" (Schwartz e Reis, 2018, p. 39). Isto porque o acesso à propagação dessas informações está nas mãos de qualquer usuário, afinal, a internet quebrou barreiras quando o assunto é protagonismo. Os influenciadores, que antes estavam nos livros, nos jornais, no rádio ou TV, compartilham hoje o papel de mídia com pessoas comuns, graças ao crescimento de espaços para criação de conteúdo, como blogs e redes sociais.

Para Terra (2012), os usuários-mídia são ativos nas redes sociais e em outros espaços da internet. Eles são responsáveis por disseminar conteúdos próprios e de pessoas que endossam as mesmas temáticas de interesse de seus públicos. A autora diz que existem usuários-mídia que apenas replicam conteúdo de terceiros, os que são engajados em comentários e fóruns e aqueles que, efetivamente, produzem seus próprios conteúdos. Segundo Schwartz e Reis (2018) *apud* Strutzel (2015), estes usuários que produzem e consomem conteúdo na internet criam um tipo de marketing de influência mútua. Os autores afirmam ainda que o comprometimento em criar conteúdo em plataformas sociais contribui para que se estabeleça uma relação próxima e engajada entre produtores e espectadores. Schwartz e Reis (2018) destacam também a importância de dominar a linguagem do público para que essa relação seja fortalecida.

A popularização de plataformas de vídeo e broadcasts, como Youtube, fez com que esses usuários-mídia se profissionalizassem, de acordo com Camargo, Estevanim e Silveira (2017), de forma espontânea ou, mesmo, amadora.

Assim, os chamados *prosumers* tornam-se personagens de atualização constante, com incorporação de roteiro, estratégias de frequência de publicações ou até de formas de disseminação/viralização por meio de amigos, em primeiro lugar, e depois de núcleos de amigos dos amigos até chegarem a comunidades desconhecidas, mas que se aglutinaram para acessar aquele conteúdo. (Camargo, Estevanim e Silveira, 2017, p.110).

Dessa forma, Schwartz e Reis (2018) destacam que o potencial viral dos conteúdos produzidos nessas plataformas por pessoas, até então, anônimas, começaram a chamar a atenção também de marcas. Os investimentos são feitos nesses produtores com o objetivo de atingir seus públicos na internet, uma vez que "os indivíduos inseridos nas redes sociais se interessam pelo que esses usuários da rede têm a dizer, tanto que certos influenciadores digitais podem causar maior impacto para campanhas publicitárias quanto um comercial televisivo em horário nobre" (Schwartz e Reis, 2018, p.43).

Estes produtores alcançaram espaços inimagináveis há alguns anos. Karhawi (2017) afirma, inclusive, que o trabalho desenvolvido por esses criadores, nos modelos atuais, não poderia ser discutido em nenhum outro tempo se não no que vivemos atualmente. "Isso significa que é a nossa sociedade atual, com todas as suas características sociais, econômicas e tecnológicas, que sustenta a eclosão desses novos profissionais" (Karhawi, 2017, p. 48). O Youtube, por exemplo, segundo dados da *Global Digital Report*¹³ de 2019, é o segundo site mais acessado do mundo. E toda a sua popularidade é fruto do conteúdo publicado no site pelos seus usuários, já que trata-se apenas de uma plataforma que hospeda vídeos e não produtora que disponibiliza conteúdos próprios.

No Brasil, o cenário não é diferente. O Youtube é o segundo site mais acessado do mundo em 2020, perdendo apenas para o Google, de acordo com o *Ranking Alexa*¹⁴. Já segundo a pesquisa *Comscore multi-platform, 2014-2017*¹⁵, divulgada pelo YouTube *Insights*, em 2017, 95% da população brasileira com acesso à internet já consumia conteúdo no Youtube, chegando ao montante de 98 milhões de brasileiros conectados. Os 10 canais brasileiros com mais inscritos somam, em junho de 2020, 315 milhões de inscritos. Desses 10, porém, nenhum é comandado por mulheres ou tem alguma figura feminina como destaque.

Ainda sobre a influência desses criadores, Camargo, Estevanim e Silveira (2017) dizem que

De maneira sucinta e simples, pode-se dizer que a lógica da influência, então, se denota pela participação em rede, pela convergência midiática e, especialmente, pela interação e proximidade que esses sujeitos têm de um público que vai se formando ao redor. Estabelece-se um diálogo não direto, mas de nicho, isto é, fala-

¹³ Pesquisa disponível em <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>

¹⁴ Disponível em <https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>

¹⁵ Pesquisa disponível em <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/de-play-em-play/>

se para pessoas específicas que vão querer consumir, opinar e replicar o que os influenciadores fazem ou dizem na ambiência digital (Camargo, Estevanim e Silveira, 2017, p.110).

Por conta da influência desses usuários-mídia e sua relevância, até mesmo no mercado publicitário, esses produtores passaram a ser chamados de Influenciadores Digitais. Este termo, de acordo com Karhawi (2017), passou a ser usado mais comumente no Brasil a partir de 2015. Camargo *et al.* (2017) afirmam que a criação de público desses influenciadores acontece em torno de opiniões e gostos específicos, além de narrativas espontâneas que provocam em seus espectadores a sensação de pertencimento.

De acordo com Karhawi (2017), os chamados influenciadores são pessoas que "têm algum poder no processo de decisão de compra de um sujeito; poder de colocar discussões em circulação; poder de influenciar em decisões em relação ao estilo de vida, gostos e bens culturais daqueles que estão em sua rede" (Karhawi, 2017, p. 48). E, claro, para movimentos sociais, este potencial não passou despercebido. E essa pesquisa vai buscar entender, por meio de análise de conteúdo, o comportamento de cinco influenciadoras digitais em relação ao movimento feminista.

PARTE II - Percurso Metodológico

5. Corpus de análise

Este estudo tem como objetivo central analisar os discursos de influenciadoras digitais brasileiras em relação ao movimento feminista em conteúdos produzidos no Youtube e os possíveis efeitos nos seus espectadores. As questões de investigação que norteiam este estudo são as seguintes:

- Quais são os discursos sobre feminismo produzidos por criadores de conteúdo do Youtube no Brasil?
- Que tipo de influência os discursos dessas criadoras exercem nos consumidores que interagem com esses conteúdos?

Tendo em conta estas questões de investigação, são formulados os seguintes objetivos específicos: Entender como os conteúdos produzidos influenciam os consumidores que interagem com os vídeos; compreender os discursos dos produtores de conteúdo em torno dos feminismos. Em seguida, apresenta-se o contexto de investigação e, as opções metodológicas para atingir a esses objetivos.

A pesquisa recorre a vídeos de cinco diferentes produtoras de conteúdos no Youtube para perceber como elas abordam temáticas relacionadas com gênero, suas percepções sobre o feminismo e como suas experiências pessoais impactam no discurso sobre a temática.

5.1 Youtube: o contexto [digital] de investigação

O Youtube é uma empresa americana fundada em 2005, adquirida pela multinacional Google em 2006 e que chegou ao Brasil em 2007. Trata-se de uma plataforma online que permite que usuários, com cadastro realizado previamente, publiquem vídeos e se relacionem com os espectadores por meio de comentários. De acordo com o próprio Youtube, a missão da empresa é 'dar a todos uma voz e revelar o mundo'¹⁶. Ainda segundo a empresa, uma das

¹⁶ Sobre o Youtube: <https://www.youtube.com/intl/pt-br/about/>

crenças é de que 'o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio das nossas histórias'.

A plataforma, que tem versões em mais de 100 países, com 80 idiomas diferentes, conta com mais de dois bilhões de usuários consumindo os conteúdos publicados mensalmente. Por dia, são mais de um bilhão de horas de vídeos assistidos.

Ao longo dos seus 15 anos de existência, a dinâmica do site mudou inúmeras vezes, desde o *layout* até a forma como os vídeos são exibidos. Este último ponto é diretamente relacionado com os algoritmos do site. Os algoritmos são robôs que usam de inteligência artificial para, de certa forma, influenciar o comportamento dos usuários do Youtube – esta tecnologia é usada, também, em outros sites e, especialmente, redes sociais. Estes robôs analisam os dados de acesso dos seus usuários para exibir os melhores resultados e os mais personalizados a partir do comportamento (vídeos assistidos, vídeos curtidos, canais seguidos, etc). Os resultados dessa análise influenciam o conteúdo exibido para o usuário de cinco formas: vídeos exibidos na home do site, vídeos sugeridos durante a exibição de algum conteúdo, lista de tendências, assinaturas e no resultado das pesquisas realizadas. De acordo com o *ranking Alexa*¹⁷, o site é atualmente o segundo maior mecanismo de busca do Brasil e do mundo. Dessa forma, os algoritmos são parte essencial do *core* da empresa, evoluindo constantemente para oferecer a melhor experiência para os seus usuários.

Outra grande mudança percebida na plataforma foi o crescimento da atuação de produtores de conteúdo, chegando ao nível de influenciadores. Atingindo o status de celebridades, esses criadores se relacionam com seus inscritos em canais focados em um nicho específico ou, mesmo, de assuntos diversos que possam ser de interesse do seu público. A relevância do Youtube e dos criadores que hospedam conteúdo na plataforma é tanta no Brasil que, de acordo com a pesquisa *Video Viewers*¹⁸ divulgada pelo Google em 2019, o consumo de vídeos na internet teve crescimento de 165% em cinco anos, já a TV registrou apenas 25% de aumento no mesmo período. O estudo mostra ainda que 9% da população brasileira já não

¹⁷ Ranking Alexa: <https://www.alexa.com/topsites>

¹⁸ Disponível em <https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/youtube-videos-online/>

consome programação de TV – fato que, entre diversos fatores, pode estar relacionado com o aumento de consumo de conteúdo na internet.

5.2 Canais e vídeos analisados

Para atingir os objetivos dessa pesquisa, foram analisados vídeos publicados no Youtube em cinco canais de influenciadoras digitais – que são referenciadas nessa pesquisa, também, como criadoras de conteúdo e youtubers. A escolha dos canais foi feita levando em consideração a multiplicidade de vivências e abordagens das criadoras de conteúdo em questão, o que poderia impactar diretamente em relações diferentes com o feminismo, temática central dessa pesquisa. Cada uma delas é conhecida por levantar bandeiras específicas dentro do movimento, como aceitação do corpo, vivências negras, vivência LGBTQIA+, socialismo, veganismo e outros. Já a escolha dos vídeos e comentários analisados foi influenciada pelo algoritmo da própria ferramenta, conforme detalhado a seguir na apresentação da técnica de recolha de dados.

Afros e Afins é o canal comandado pela *influencer* Nátaly Neri, de 25 anos, estudante de Ciências Sociais. O canal, criado em 2015, tem 689 mil inscritos e 29.929.479 visualizações. De acordo com a descrição, ele foi criado para que a autora pudesse compartilhar processos de autonomia intelectual, mental e de consumo. 'Esse canal fala sobre raça, gênero, sociedade, sustentabilidade, *slow living*, amores, beleza, e tudo o que uma jovem interessada em melhorar sua vida e a realidade ao seu redor poderia se interessar', diz a descrição. O vídeo mais popular, "TUTORIAL DREAMS DE LÃ | PARTE 1", tem 2.067.440 visualizações. Nátaly aborda vivências e pautas relacionadas com o feminismo negro.

Alexandrismos, canal produzido pela jornalista Alexandra Gurgel, tem 493 mil pessoas inscritas e 29.375.970 visualizações. A descrição do canal diz que os temas dos vídeos são relacionados com '*body positive*, amor-próprio, autoestima, cabelo, saúde mental e relacionamentos'. O vídeo mais assistido, 'RAP PLUS SIZE: TODA GRANDONA (Clipe oficial)', possui 859.998 visualizações. Alexandra aborda assuntos cotidianos, acontecimentos populares na internet, pautas relacionadas ao feminismo e a gordofobia.

Louie Ponto é o canal criado pela mestre em literatura Louie. Ela vive em Florianópolis e seu canal, até ao momento dessa pesquisa, tem 651 mil inscritos e 22 milhões de visualizações. Louie aborda problemáticas sobre a sua vivência como mulher lésbica e produz, também, vídeos sobre questões e pautas feministas, de gênero e outros assuntos cotidianos de interesse do seu público. O seu vídeo mais popular, 'TROLLEI MINHA MÃE DIZENDO QUE SOU LÉSBICA', conta com 963 mil visualizações.

Tese Onze é o canal produzido pela doutora em sociologia Sabrina Fernandes. O canal tem 312 mil inscritos e 9.420.493 visualizações. O foco do canal é 'debater o senso comum, trazer pontos sobre sociologia e política, e acumular bagagem para transformar o mundo' por meio de informação e formação política. O vídeo mais popular, 'Socialista de iPhone?', tem 416.042 visualizações. Sabrina aborda temáticas sobre o feminismo, especialmente pela vertente marxista/socialista.

O canal Thiessita, da criadora de conteúdo, atriz e bióloga Thiessa Woinbackk, tem 770 mil inscritos e 51.750.334 visualizações. No canal, ela compartilha sobre suas 'ideias, sonhos e pensamentos', como descrito nas informações do canal. O vídeo 'A PRIMEIRA VEZ COM UMA TRANS' possui o maior volume de visualizações (1.936.803). Nos vídeos produzidos no canal, Thiessa aborda questões de gênero, sexualidade e pautas relacionadas com o feminismo trans.

A seguir, apresenta-se uma grelha com os vídeos que foram analisados nessa pesquisa, assim como as informações sobre eles, como data, tempo de vídeo, número de visualizações e comentários.

Grelha 2: Vídeos analisados

Canal		Nome do vídeo	Data	Tempo de vídeo	Views	Comentários
Afros e afins	1	MULHER? QUE MULHER? Racismo no movimento feminista, Lélia Gonzalez e outras reflexões	12/03/2020	00:21:45	66.296	412
	2	TRANSFEMINISMO COM ROSA LUZ	23/06/2016	00:11:26	87.691	848

	3	Autoestima, Identidade e Feminismo Negro.	07/08/2015	00:16:46	56.104	301
	4	DÁ PRA SER FUNKEIRA E FEMINISTA? feat. Luci Gonçalves	25/05/2018	00:07:34	112.988	874
	5	MAQUIA E FALA: Encontro com Fátima Bernardes, TEDx e Feminismo de Televisão	28/03/2017	00:23:12	58.954	489
Alexandris mos	6	TIPOS DE FEMINISMO (HISTÓRIA, ONDAS E VERTENTES)	16/10/2019	00:20:03	38.916	547
	7	FEMINISMO X MACHISMO - Alexandris mos	08/04/2016	00:05:18	8.183	62
	8	9 SINAIS de q vc É FEMINISTA e não sabe	03/10/2019	00:15:50	79.074	612
	9	DISCURSO FEMINISTA DE KÉFERA NA FÁTIMA BERNARDES, LUBA, LUGAR DE FALA E+	18/12/2018	00:13:02	44.568	7643
	10	MACHISMO VS PRESSÃO ESTÉTICA #TEXTÃO	18/02/2018	00:13:29	62.095	748
Louie Ponto	11	KEFERA, FEMINISMO E LUGAR DE FALA Louie Ponto	23/12/2018	00:10:37	247.753	3.645
	12	POR QUE ME AFASTEI DA MILITÂNCIA Louie Ponto	31/01/2018	00:06:49	306896	1.690
	13	UM VÍDEO SOBRE MARIELLE Louie Ponto	23/03/2018	00:03:56	92247	443
	14	MULHERES PODEM SER AMIGAS? Louie Ponto e Maíra Medeiros	31/03/2017	00:13:22	146.319	708
	15	MULHERES NA MÚSICA com Natália Noronha (Plutão Já Foi Planeta) Louie Ponto	18/04/2018	00:11:41	46.155	455
Tese Onze	16	Pra ler e entender o feminismo Indicações 005	19/04/2018	00:15:37	57.187	364
	17	Sobre feminismos e vertentes 042	02/05/2019	00:28:31	122.712	718
	18	Nem todo homem é machista? 043	25/02/2019	00:25:51	249.289	3589
	19	Precisamos falar sobre consentimento 15	04/10/2017	00:09:02	9.222	35
	20	Mansplaining (ou homensplicar) 3	28/07/2017	00:05:29	19.093	90
Thiessita	21	BBB, BOCA ROSA E FEMINISMO?	05/02/2020	00:09:00	36.124	512
	22	TRANS x FEMINISMO feat Ellora	05/07/2018	00:10:26	53.333	412
	23	O QUE O MACHISMO TE IMPEDE DE FAZER?	07/04/2020	00:11:49	18.209	234
	24	ALGUMA DELAS VOCÊ JÁ SOFREU	23/10/2018	00:07:29	17.031	287
	25	MOTIVOS DA TRANSFOBIA	22/11/2019	00:08:26	25.883	241

Fonte: A autora

6. A abordagem qualitativa e as técnicas de análise de dados

Para atingir os objetivos de investigação, recorre-se à metodologia qualitativa, que, de acordo com Silva (2013), tem como característica o fato de que

as questões a investigar não são definidas a partir da operacionalização de variáveis ou de hipóteses previamente formuladas mas segundo objectivos de exploração, descrição e compreensão dos fenómenos em toda a sua complexidade, privilegiando um contacto estreito e prolongado com os sujeitos no seu meio natural. (Silva, 2013, p.2)

Por meio da análise qualitativa, é possível, ainda, ter percepções mais clara sobre os posicionamentos e vivências dos criadores de conteúdo analisados, relacionados, ou não, com o movimento feminista. A busca por essas percepções foi feita a partir da técnica de análise de conteúdo de vídeos publicados pelos canais selecionados. Também foi realizada a análise de sentimento de comentários publicados pelo público nos vídeos em questão. A seleção dos comentários foi feita a partir de critérios pré-determinados e apresentados a seguir, no detalhamento da técnica de recolha de dados.

6.1 Análise de conteúdo

A Análise de Conteúdo (AC) é uma técnica de começou a ser aplicada para investigação científica de meios de comunicação em massa e ciências sociais. Bardin (1977) explica que a AC tem como objetivos ultrapassar a incerteza e avaliar se a leitura do pesquisador é válida. Ou seja, enriquecer a leitura e criar conhecimento a partir do entendimento do que há por trás do conteúdo, seja ele emitido ou recebido.

Silvia e Fossá (2013, p.3) afirmam que a análise de conteúdo é um conjunto de "instrumentos metodológicos" utilizados para avaliar conteúdos de diferentes fontes e em contextos verbais ou não verbais. As autoras também referem que se trata de uma técnica que passa por aperfeiçoamento constante, exigindo "disciplina, dedicação, paciência e tempo" (Silvia e Fossá 2013, p. 3) do pesquisador. Tal afirmação pode complementar o que Krippendorff (1988) enaltece, ao afirmar que a análise de conteúdo é usada para interferir em dados e replicá-los dentro de seus contextos podendo, então, ser avaliados em diferentes perspectivas. Durante esse processo, Krippendorff (1988) alerta que, por conta da

subjetividade da interpretação, os significados do conteúdo analisado podem, não necessariamente, ser os mesmos para todos que analisarem.

Essa metodologia de pesquisa é dividida em três fases, realizadas de forma cronológica. Diferentes autores abordam essas etapas com nomenclaturas distintas. Nessa pesquisa, entretanto, opta-se por seguir o direcionamento apresentado por Bardin (1977). De acordo com a autora, a análise de conteúdo é dividida em: pré-análise, exploração do material e, por fim, tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na primeira delas, a pré-análise, de acordo com Bardin (1977), é realizada a organização do material. A autora ressalta que na pré-análise o pesquisador pode criar, ainda, hipóteses. Nessa pesquisa, foram escolhidos os canais a serem analisados, definidos os critérios de escolhas dos vídeos e comentários, assim como foram definidos os objetivos de investigação. Optou-se por realizar uma análise exploratória e, por conta disso, não foram levantadas hipóteses para sua comprovação final, apenas objetivos de análise, já apresentados, que serão primordiais para fundamentar a análise.

Como Bardin (1977) reforça, nesta etapa foi o momento de sistematizar as ideias e torná-las operacionais, "de maneira a conduzir um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise" (Bardin, 1977, p. 95). Mesmo que se trate de uma fase de organização prévia do processo de pesquisa, de acordo com Bardin (1977), esse momento é realizado de forma pouco estruturada, por conta das atividades que devem ser realizadas. Elas são:

- Leitura flutuante, na qual os vídeos foram assistidos previamente, assim como foi realizada leitura prévia dos seus comentários.
- Escolha dos documentos, quando os documentos a serem analisados, vídeos e seus comentários, foram selecionados. A escolha foi determinada a partir do próprio algoritmo da rede, de acordo com critérios apresentados no tópico técnica para recolha de dados.
- Formulação de hipóteses e objetivos, realizada a partir da primeira análise do material. Como já indicado, essa pesquisa não vai trabalhar com hipóteses mas sim,

como Bardin (1977) diz, será efetuada "às cegas e sem ideias pré-concebidas" (p. 98), com caráter exploratório que permite "a partir dos próprios textos, apreender as ligações entre as diferentes variáveis" (Bardin, 1977, p.99). Dessa forma, os objetivos foram definidos, com a "finalidade geral a que nos propomos (Bardin, 1977, p.98)" na pesquisa em questão.

- Referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, momento no qual o texto é organizado de forma sistemática. Nesse caso, as categorias e componentes de análise foram criados, assim como os indicadores para avaliação de sentimento dos comentários.
- Preparação do material, momento no qual os vídeos foram transcritos, assim como os comentários selecionados para análise listados em uma grelha.

A segunda fase da AC é constituída, conforme apresenta Bardin (1977), pela exploração do material. Nessa etapa, a partir dos critérios definidos na fase anterior, foi realizada a leitura da transcrição dos vídeos selecionadas para entendimento de quais materiais de registro se aplicam em cada uma das categorias e componentes definidos. A segunda ação foi avaliação dos comentários coletados e classificação a partir de Análise de avaliação.

E, por fim, a última etapa apresentada por Bardin (1977) é de tratamento dos resultados obtidos e interpretação para criar "significativos (<falantes>) e válidos" (Bardin, 1977, p. 101). Foram, então, criadas interpretações relacionadas com os objetivos levantados na pesquisa e entendimento dos processos de forma sistemática.

6.1.1 Análise categorial ou temática

A análise temática, chamada por Bardin (1977) de análise categorial, a mais antiga e mais usada, de acordo com a autora "Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos" (Bardin, 1977, p. 153). Nesta pesquisa, a análise categorial será aplicada para avaliar o conteúdo dos vídeos selecionados.

De acordo com Oliveira (2008), alguns critérios podem ser aplicados para criar as categorias para realizar a AC.

Assim, podem ser consideradas como características das boas categorias: homogeneidade (não se misturam alhos com bugalhos); exaustividade (esgotam a totalidade do texto); exclusividade (um mesmo elemento não pode ser classificado em duas categorias diferentes); objetividade (codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais); adequação ou pertinência (adaptadas ao conteúdo e ao objetivo do estudo) (Oliveira, 2008, p. 573).

Oliveira (2008) afirma que a quantidade de unidades de análise é um ponto importante. A qualidade do material analisado, no entanto, também deve ser considerada, pois o conteúdo selecionado deve gerar impacto positivo no entendimento do objeto e revelar algo que possa ser de interesse do pesquisador. A autora complementa dizendo que

as categorias empíricas devem ter alguns atributos que definem a sua qualidade, em termos de expressão dos significados contidos no texto. São elas: sintetizam as unidades de registro extraídas do texto; agregam os significados existentes no texto em subconjuntos; são específicas; comportam a maior parte do material analisado (Oliveira, 2008, p. 573).

As categorias da análise temática são divididas em prévias e emergentes. A primeira é determinada na fase de pré-análise. Já as categorias emergentes são aquelas que o pesquisador pode entender como necessárias ao longo da fase de exploração do material.

Esta pesquisa foi realizada com base na seguinte grelha, com categorias e componentes para realização da análise temática de conteúdo:

Grelha 3: categorias da análise temática de conteúdo

Categorias	Componentes	Unidades de análise
Reflexões em torno do feminismo	Aspectos históricos sobre o feminismo	
	Igualdade política	
	Igualdade salarial	
	Sexualidade	
	Igualdade de gênero	
	Violência doméstica e sexual	

	Políticas relacionadas ao feminismo e suas pautas	
Experiências pessoais das criadores de conteúdo	Percepções sobre o feminismo	
	Vertentes feministas	
	Opressões sofridas por mulheres	

Fonte: A autora

Vale destacar que as categorias foram definidas levando em consideração o estudo sobre o histórico do feminismo e suas vertentes, realizado na fundamentação teórica desta pesquisa. Algumas das categorias foram definidas na fase de leitura flutuante do material analisado e, também, no momento da exploração do material. Ou seja, são categorias prévias e emergentes, destacadas na grelha com a cor verde.

6.1.2 Análise de avaliação

A análise de avaliação, segundo com Bardin (1977), foi desenvolvida em 1956 por Osgood, Saporita e Nunnally e tem o objetivo de "medir as atitudes do locutor quanto aos objectos de que se fala" (Bardin, 1977, p. 155). Ainda de acordo com a autora, essa é uma técnica de análise de conteúdo "representacional", ou seja, que busca entender o que a fala de um determinado autor representa, buscando entender sua atitude. "Uma atitude é uma pré-disposição, relativamente estável e organizada, para reagir sob forma de opiniões (nível verbal), ou de actos (nível comportamental), em presença de objetos (pessoas, ideias, acontecimentos, coisas, etc.) de maneira determinada" (Bardin, 1977, p 155). Assim como a análise temática, a análise de avaliação também desmembra um conteúdo para buscar seus significados.

Bardin (1977) aponta que as atitudes são classificadas, de acordo com a psicologia social, de duas formas. A primeira é a direção, ou seja, o sentido da opinião, julgado normalmente em pólos extremos. Como, por exemplo, favorável e desfavorável; otimista e pessimista; positiva

e negativa. A segunda é a intensidade, que indica a força com a qual a opinião é expressada ou, mesmo, a convicção que é transmitida pela mensagem.

Para a realização da técnica, algumas etapas devem ser realizadas. A primeira, de acordo com Bardin (1977), é determinar os componentes dos enunciados avaliativos. São eles:

- Objetos de atitudes - destacados com letras maiúsculas: tudo aquilo que indica o que é o objeto da avaliação. São considerados, normalmente, os substantivos ou os pronomes pessoais.
- Termos avaliativos com significação comum - destacados com a fonte em itálico: todos os termos que qualificam as atitudes analisadas. Normalmente, são adjetivos, substantivos e, também, os verbos.
- Conectores verbais: como o próprio nome sugere, são os termos que "ligam no enunciado os objectos de atitude e os termos de qualificação" (Bardin, 1977, p. 158).

A seguir, de acordo com Bardin (1977), deve ser feita a identificação e extração dos objetos de atitude (AO), ou seja, isolar esses objetos. Em seguida, a Normalização dos enunciados deve ser realizada. "Trata-se de proceder à preparação da codificação para os transformar numa forma canónica" (Bardin, 1977, p. 158).

Por fim, é realizada a codificação. Segundo Bardin (1977), nessa etapa são atribuídas direções – positivas ou negativas – aos conectores verbais e qualificadores. Além disso, a intensidade é atribuída em uma escala de - 3 a +3. A autora indica uma grelha para a classificação dos objetos, como apresentada a seguir (com um exemplo apresentado pela autora):

Grelha 4: Análise de avaliação

Objeto de atitude (AO)	Conector verbal (c)	Valor de c	Termo de significado comum (cm)	Valor de cm	Produto
Os dirigentes soviéticos	são	+3	impiedosos	-3	-9
Os dirigentes soviéticos	são	+3	ateus	-3	-9

					Total: -18
--	--	--	--	--	------------

Fonte: Bardin (1977)

6.2. Técnica para recolha de dados e definição da amostra

A Análise Categrorial será realizada a partir da transcrição de cinco vídeos de cada canal, ou seja, 25 vídeos que somam, no total, 5 horas e 24 minutos de material. Os vídeos foram selecionados a partir do resultado da busca "feminismo" dentro de cada canal. Ou seja, os vídeos apresentados têm impacto direto do algoritmo, podendo estar relacionados com os vídeos que têm mais interações (comentários, curtidas e compartilhamentos) ou, mesmo, mais visualizações. Por conta do desejo de explorar os potenciais da plataforma e seu algoritmo, não foi definido um período temporal no qual os vídeos foram publicados. Mas, apenas como observação, o mais antigo foi publicado na plataforma em 07/08/2015 e o mais recente em 07/04/2020.

Para avaliar as interações criadas a partir dos comentários por meio da análise de avaliação de AC, foram listados 1% dos comentários de cada vídeo somando, no total, 259 comentários. Mais uma vez, o algoritmo da plataforma influenciou na seleção dos dados, já que foram considerados para a análise os primeiros exibidos pelo Youtube. Ou seja, aqueles comentários que tiveram mais interações (curtidas e respostas) ou relevância (criados por outros perfis verificados).

A análise de conteúdo será feita a partir desses comentários que foram produzidos em interação com o meio, ou seja, em resposta aos conteúdos publicados pelas youtubers. Assim, é importante destacar que eles não foram ditos sem contexto. Além disso, pela necessidade de criação de uma conta na plataforma para publicação de comentários, pode se deduzir que são usuários que têm alguma familiaridade com o Youtube. Por consumirem esse conteúdo, podem também estar envolvidos, direta ou indiretamente, nas temáticas abordadas pelas influenciadoras.

6.3 Questões éticas e limitações

A proposta inicial da pesquisa incluía, originalmente, mais um recurso metodológico para recolha de dados: entrevista semi-estruturada às produtoras de conteúdo analisadas. Após inúmeras tentativas de contato, porém, não foi possível obter retorno das influenciadoras que possibilitasse essa interação. Apesar dessa limitação, no entanto, foi possível seguir com as outras metodologias propostas para responder às questões de investigação propostas e os objetivos de análise.

Em relação ao ponto de vista ético, destaco aqui "mulher como posicionalidade", conceito abordado por Alcoff (1988), que define o gênero como uma identidade política, ligada a questões sociais, culturais, geográficas e sexuais. Assim sendo, me declaro como uma mulher cisgênero, branca, feminista interseccional, brasileira, vivendo uma experiência em outro país. Por conta disso, tenho meus valores e formas de enxergar a sociedade. Nessa pesquisa, no entanto, assumo, no papel de pesquisadora, o empenho em anular dimensões de subjetividade, tratando o objeto de estudo com a maior objetividade possível.

PARTE III – Apresentação e discussão dos resultados

7. Análise e apresentação dos resultados

7.1 Resultados da Análise Categorical

Conforme descrito no percurso metodológico desta pesquisa, foi realizada a análise categorial dos vídeos das criadoras de conteúdo já apresentadas. A seguir, são apresentados os resultados dessa análise na perspectiva de cada um dos canais e, também, uma avaliação geral com as conclusões tiradas a partir dessa investigação.

7.1.1 Afros e Afins

Os vídeos analisados do canal Afros e Afins são os que têm um maior intervalo de tempo entre eles, sendo o primeiro de agosto de 2015 e o mais recente de março de 2020, ou seja, quase cinco anos de diferença entre eles. E a forma como o conteúdo é abordado nos vídeos demonstra que a criadora evoluiu o seu discurso nesse tempo, apresentando um material mais fundamentado (o recente conta com uma referência) e aprofundado.

A criadora, uma mulher negra, se apresenta como feminista interseccional e aborda temáticas relacionadas, especialmente, ao feminismo negro por meio de situações pessoais de opressão e militância. Foram identificados conteúdos com críticas ao movimento feminista e suas pautas. O principal apontamento está no fato de que, de acordo com a youtuber, e citando Lélia Gonzalez, o feminismo tem um viés embranquecido, e não considera as vivências de mulheres negras, indígenas e não brancas em geral. 'Todas as vezes que a gente retira a pluralidade do nosso discurso, a gente tá partindo independentemente de ser nossa intenção ou não de uma perspectiva muito branca do que é ser mulher', afirmou Nátaly Neri em um dos vídeos.

Os títulos dos vídeos analisados apresentam de forma direta o assunto que será tratado, sem recorrer a recursos como *clickbait*¹⁹. Dois dos vídeos foram realizados em parceria com convidadas. Nas duas ocasiões, tratavam-se de mulheres que tinham mais conhecimento sobre o assunto em questão – uma mulher trans para abordar o Transfeminismo e uma mulher periférica para falar sobre a vivência do funk nas favelas.

Assim como percebido em outros canais, os vídeos analisados se apropriam de conteúdos que geraram repercussão, seja na internet ou na televisão. Neste último ponto, a própria criadora esteve presente em um programa matinal na TV Globo, emissora de maior audiência no Brasil. Este ponto, no entanto, coincide com conclusões de outros canais analisados e, por isso, será tratado mais profundamente na análise geral.

A seguir, são apresentadas análises detalhadas das percepções obtidas a partir das unidades de análise identificadas dentro de cada categoria e componente da análise de conteúdo. Dentro da categoria "Reflexões em torno do feminismo", apenas os componentes "Igualdade de gênero" e "Políticas associadas ao feminismo e suas pautas" foram identificadas. Já na categoria "Experiências pessoais das criadoras de conteúdo", foram identificadas unidades de análise dos três componentes.

Reflexões em torno do feminismo | Igualdade de gênero

Na perspectiva da igualdade de gênero, a criadora de conteúdo aborda um ponto de vista semelhante ao de Beauvoir (1980) quando discute sobre o gênero enquanto construção social. 'Nós acreditamos, eu principalmente acredito enquanto uma cientista social, que gênero é construção social. Então você não nasce sendo uma mulher', disse. O vídeo no qual essa discussão foi abordada foi feito em junto com uma mulher trans, dando espaço para que ela falasse sobre suas vivências em relação a gênero, violências sofridas e o transfeminismo.

Reflexões em torno do feminismo | Políticas relacionadas ao feminismo e suas pautas

¹⁹ O *clickbait*, ou caça-clique, é uma técnica usada em blogs, portais de notícias e canais no Youtube para gerar atrair a atenção do público e gerar acessos ao conteúdo por meio de chamadas sensacionalistas ou, mesmo, enganosas.

Nesse componente, Nátaly reforça a importância do ponto de vista interseccional no movimento feminista. Ela discute sobre como é importante considerar não apenas o gênero, mas questões como raça e condição social nas ações e lutas contra opressões. 'A Lélia explica também que não tem como a gente pensar em nenhuma questão de gênero sem pensar na questão racial', diz, citando Lélia Gonzalez.

A criadora de conteúdo aborda, ainda, o ponto de vista dos movimentos sociais e como agem em determinados espaços, como TV e internet. No vídeo em questão, ela conta sobre a sua participação em um programa de TV e como os ativistas são julgados pela forma como se comportam nesse ambiente. Ela defende que é importante adaptar o discurso para atingir mais pessoas.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Percepções sobre o feminismo

Ao compartilhar suas percepções em relação ao feminismo, Nátaly Neri apresenta críticas ao movimento, centrado na mulher branca. A criadora de conteúdo questiona também o termo "mulher" pois, em suas diferentes aplicações, apresenta o entendimento da mulher branca: 'todas as vezes que a gente retira a pluralidade do nosso discurso, a gente tá partindo independentemente de ser nossa intenção ou não de uma perspectiva muito branca do que é ser mulher'. Por conta disso, reforça como o recorte de raça é essencial e, muitas vezes, esquecido nas discussões feministas. Além da raça, ela defende o protagonismo também mulheres trans e mulheres indígenas, que considera vivências importantes a serem abordadas, especialmente, no feminismo latinoamericano. 'Não racializar o discurso o tempo inteiro, ou seja, não entender que a gente está falando de pessoas brancas, pessoas negras ou pessoas indígenas no Brasil já é fazer com que o racismo estrutural brasileiro e a nossa colonização altamente estratificada e desigual vença', afirma. De acordo com a youtuber, mulheres não brancas devem ser protagonistas e base do movimento, e não apenas um recorte.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Vertentes feministas

Já nesse componente, Nátaly fala especialmente sobre o feminismo negro. De acordo com ela, esse foi um movimento muito importante para criar identificação entre mulheres negras,

que não se viam representadas em outros movimentos sociais e, nem mesmo, no próprio feminismo. Ela reforça, ainda, a importância do transfeminismo para tratar de pautas específicas para mulheres trans.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Opressões sofridas por mulheres

As opressões sofridas por mulheres negras em uma sociedade racista são os principais tópicos abordados nesse componente. Ela fala sobre como essas mulheres são menosprezadas, hipersexualizadas e como vivem em um mundo no qual existe pouca representatividade. A partir da fala de uma convidada, mulher trans, ela ainda aborda opressões sofridas por esse grupo. 'Nós somos hipersexualizadas por sermos mulheres negras, a Rosa, por exemplo, é hipersexualizada por ser mulher negra e por ser mulher trans', diz.

7.1.2 Alexandrismos

Os vídeos analisados do canal Alexandrismos foram publicados entre abril de 2016 e outubro de 2019. A criadora, Alexandra Gurgel, usa de uma linguagem informal para abordar os temas, seja em conteúdos pouco aprofundados ou aqueles com dados históricos e referências. Foi o único canal analisado no qual foram identificadas unidades de análise para todos os componentes pré-definidos.

Este também foi o único canal que teve um dos vídeos analisados patrocinado por uma marca de produtos de beleza. Não há indicação prévia de que se trata de um vídeo patrocinado. O patrocínio, porém, é anunciado no momento em que a marca é citada.

Alexandra se declara feminista interseccional e relata casos pessoais, especialmente sobre questões do corpo, empoderamento e gordofobia, enquanto aborda os temas apresentados nos vídeos analisados. Assim como outros canais, fala sobre as críticas e incoerências discutidas dentro do próprio movimento feminista.

Um dos vídeos analisados aborda temáticas que repercutiram na internet ou, mesmo, em programas de TV de forma passional e opinativa. A maior parte dos títulos dos vídeos

apresentam de forma direta o assunto a ser tratado. Outros, no entanto, buscam chamar atenção por meio da curiosidade.

A seguir, são apresentadas análises detalhadas das percepções obtidas a partir das unidades de análise identificadas dentro de cada categoria e componente da análise categorial.

Reflexões em torno do feminismo | Aspectos históricos sobre o feminismo

Em um dos vídeos analisados, a youtuber apresenta, historicamente, o feminismo desde seu surgimento, abordando suas fases (ondas) e vertentes. 'Porque o feminismo começou a surgir as vertentes e as mulheres começaram a ter lutas diferentes. E aí com isso começou a gerar uma autocrítica do movimento, ou seja, o próprio movimento se problematizando', diz. Nesse vídeo, a criadora cita ativistas importantes do movimento, como Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft.

Reflexões em torno do feminismo | Igualdade política

Nesse componente, foi feita apenas menção sobre a fase do movimento na qual a mulher teve que reivindicar direito ao voto. 'A mulher não tinha direito a voto, nada'.

Reflexões em torno do feminismo | Igualdade salarial

Já nesse componente, a criadora aborda a reivindicação por igualdade salarial e acesso a oportunidades de trabalho. 'A gente quer poder alcançar os mesmos lugares nas empresas', diz. Além de abordar sobre o assédio sofrido por mulher no ambiente de trabalho, ela apresenta o dado de que homens ganham 20% a mais que mulheres.

Reflexões em torno do feminismo | Sexualidade

Este foi o único canal que teve um dos vídeos analisados que abordou, diretamente, esse componente. O aspecto principal foi a objetificação da mulher, quando o homem enxerga a mulher como um objeto: 'a mulher é propriedade do homem'. E, também, Alexandra fala sobre heterossexualidade compulsória, termo que mostra como, sendo a heterossexualidade tida como o padrão na nossa sociedade, homens e mulheres são levados a não questionarem

ou, mesmo, a ignorarem sua própria orientação sexual quando ela é diferente desse dito "padrão".

Reflexões em torno do feminismo | Igualdade de gênero

A construção social que determina o homem como o centro e responsável por decisões estratégicas da sociedade foi o tema principal das unidades de análise destacadas nesse componente. 'Por que a nossa sociedade é construída de forma androcêntrica, ou seja, com o homem no meio de tudo regendo tudo'. Os estereótipos de gênero, como 'mulheres são julgadas pela aparência e o homem pela sua capacidade' também são discutidos.

Reflexões em torno do feminismo | Violência doméstica e sexual

Dados sobre a violência doméstica estupro e feminicídio no Brasil são apresentados. 'Femicídio muitas vezes é uma coisa que começou na violência doméstica, culmina na morte da mulher, da mulher sendo assassinada'.

Reflexões em torno do feminismo | Políticas relacionadas com feminismo e suas pautas

Nesse componente, Alexandra apresenta as pautas relacionadas com as fases do feminismo. 'E o que que é a quarta onda do feminismo? Corpo, discutir corpo, padrão estético, o *body positive*, o corpo livre, que eu trouxe essa tradução, discutir padrão, discutir gênero mais ainda pesado, discutir movimento negro mais ainda pesado'. A youtuber discute, ainda, críticas sobre o comportamento de alguns militantes do movimento que deslegitimam a fala de outras mulheres, não exercendo, dessa forma, a sororidade.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Percepções sobre o feminismo

O que é o feminismo e seus objetivos são pontos discutidos pela criadora de conteúdo nesse componente. Ela desmistifica ainda uma crítica feita ao movimento, ao dizer que o objetivo não é ser superior aos homens mas, sim, conquistar os mesmos direitos. Ainda é abordada a importância de considerar questões interseccionais no feminismo e a demanda por autonomia da mulher sobre o seu próprio corpo. 'A gente quer ter a mesma igualdade de oportunidades que os homens para que todo mundo cresça junto', diz.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Vertentes

Alexandra afirma que se identifica como feminista interseccional, ponto que é possível ser percebido em muitas de suas falas. Ela apresenta nesse componente algumas vertentes, críticas sobre algumas delas e percepções gerais. 'O feminismo radical tem várias problematizações, inclusive eu problematizo, porque tem um lado do feminismo radical que é um pouco transfóbico, que não aceita pessoas trans', afirma.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Opressões sofridas por mulheres

Os principais pontos discutidos pela youtuber no tópico opressão é o machismo. A partir disso, ela fala também sobre o domínio do homem em relação ao corpo da mulher e questões sobre autoestima. Uma das principais bandeiras do canal, a gordofobia, foi pouco abordada nos vídeos analisados.

7.1.3 Louie Ponto

Os vídeos analisados do canal Louie Ponto são os que acumulam o maior volume de visualizações. Em contrapartida, no entanto, são os que, somados, possuem o menor tempo de duração entre todos os canais analisados. A youtuber usa de recursos visuais, como *letterings*, e trechos de outros vídeos como recursos complementares.

Um ponto interessante do seu conteúdo é que nos vídeos que abordam assuntos populares da internet ou TV, ao contrário de outros vídeos analisados, ela explica o contexto, contribuindo para o entendimento de quem não acompanhou a discussão por outros meios.

Louie, uma mulher assumidamente lésbica, aborda questões sobre lutas e opressões da comunidade LGBTQIA+ sem, necessariamente, associar com pautas do feminismo. Apesar disso, ela usa de situações pessoais para apresentar o conteúdo abordado.

Dois dos vídeos analisados contam com a participação de outras pessoas. Os títulos dos vídeos são bem diretos sobre o tema abordado. Em relação à análise categorial, na categoria Reflexões em torno do feminismo, apenas os componentes Violência doméstica e sexual e Políticas relacionadas ao feminismo e suas pautas tiveram unidades de análise identificadas. Já na categoria Experiências pessoais das criadoras de conteúdo, não foram identificadas

unidades de análise no componente Vertentes feministas. A seguir, são apresentadas a conclusões detalhadas.

Reflexões em torno do feminismo | Violência doméstica e sexual

Apresenta a estatística sobre o Brasil ser o quinto país no ranking de violência contra a mulher.

Reflexões em torno do feminismo | Políticas relacionadas com feminismo e suas pautas

Nesse componente, Louie fala sobre a importância de combater a rivalidade entre mulheres: 'Estimular que as mulheres se estabeleçam como um grupo, não com essa rivalidade', diz. Outro ponto abordado é a importância da interseccionalidade no feminismo: 'eu acho extremamente importante essa desconstrução e que cada vez mais mulheres falem sobre opressão de gênero e que esse discurso seja interseccional, ou seja, que a gente não fale mais sobre mulher como esse sujeito único e universal'.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Percepções sobre o feminismo

Ainda a partir de um pensamento interseccional, Louie fala sobre como o movimento é plural, abraça diferentes pontos de vista e é composto por pessoas com diferentes vivências. 'O feminismo não é uma empresa registrada ou uma instituição com regras definidas que precisam ser respeitadas pelas suas funcionárias feministas. Inclusive é falsa essa concepção de que existe uma unidade no feminismo, na verdade, existem feminismos, no plural', diz. Outro ponto abordado em relação às pautas, é a importância de tornar o movimento e suas discussões mais acessíveis para pessoas comuns e que estão fora da militância. Ela exemplifica com a afirmação: 'Pessoalmente, eu não gosto muito desses termos, *mansplaining*²⁰, *maninterrupting*²¹, *gaslighting*²² [...] porque eu não acho que eles sejam acessíveis'.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Opressões sofridas por mulheres

²⁰ 'O *mansplaining* ocorre quando um homem supõe ter mais conhecimento que uma mulher ou um grupo de mulheres e se propõe a explicar alguma coisa para elas de forma bastante paternalista', conforme explicado pela criadora de conteúdo Sabrina Fernandes.

²¹ Este termo é um neologismo que junta as palavras em inglês "*man*" (homem) e "*interrupting*" (interrompendo) para indicar quanto um homem interrompe uma mulher de forma desnecessária.

²² Trata-se de uma forma de abuso psicológico, onde a fala de uma pessoa é omitida ou descredibilizada com a intenção de fazer a vítima duvidar de sua própria memória e sanidade.

A rivalidade feminina é abordada também nas unidades de análise desse componente. De acordo com a youtuber, esse é um comportamento incentivado pela sociedade em que vivemos. Louie cita, ainda, a LGBTfobia, mas não como assunto principal em nenhum dos vídeos analisados. Por fim, comenta a diferenciação que a sociedade faz entre os gêneros: 'Já é difícil para mulheres chegarem a alguns espaços. Mas tem outras mulheres que são ainda mais apagadas e invisibilizadas da história, né? Que são tipo, mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres lésbicas, bissexuais, mulheres trans... é uma estrutura que vai oprimindo e apagando a gente em muitos níveis'.

7.1.4. Tese Onze

A criadora do Tese Onze, Sabrina Fernandes, se declara como feminista marxista. E esse posicionamento pauta, direta ou indiretamente, todos os vídeos que foram analisados nessa pesquisa. Ao contrário de todos os outros canais analisados, ela se apoia muito na teoria para apresentar o conteúdo, que é abordado com um viés bem teórico. Por conta disso, os vídeos parecem um pouco como aulas. O fato de ser professora de sociologia impacta de forma perceptível no seu conteúdo, pois apresenta um pensamento global sobre a sociedade e não, apenas, sobre o indivíduo. Talvez por isso, ela acaba usando pouco das suas experiências pessoais como suporte.

Os vídeos têm temáticas muito focadas, ou seja, Sabrina aborda apenas o tema proposto. E isso fica bem claro pelos títulos, que são diretos e descrevem bem o tema. A youtuber usa poucos recursos visuais - apenas mostrando livros - e em nenhum dos vídeos analisados ela conta com a participação de outras pessoas. Este foi o único canal analisado em que um dos vídeos era direcionado para o público masculino.

Assim como os outros canais, ela aborda temáticas que tiveram repercussão na internet, sempre sob o ponto de vista do feminismo marxista. A youtuber ainda tece críticas ao movimento que, de acordo com ela, precisa de mais organização. Críticas são direcionadas, também, a algumas vertentes específicas.

Na categoria Reflexões em torno do feminismo, foram identificadas unidades de análise dos componentes Aspectos históricos sobre o feminismo; Violência doméstica e sexual; Igualdade de gênero e Políticas relacionadas ao feminismo e suas pautas. Já na categoria Experiências pessoais das criadoras de conteúdo, foram identificadas unidades de análise nos três componentes. A seguir, são apresentadas as análises detalhadas.

Reflexões em torno do feminismo | Aspectos históricos sobre o feminismo

Nesse componente, a youtuber faz uma apresentação fundamentada das vertentes, epistemologias e metodologias do feminismo. 'A vertente dá o tom político de projeto, de luta, de entendimento do que deve e pode ser feito e a epistemologia da experiência consciência prática ela informa onde agir, a partir de onde agir traz pra luz coisas para a vertente ficar atenta, para a vertente entender melhor e até mesmo pra vertente incorporar', afirma. A criadora de conteúdo, inclusive, apresenta um ponto de vista sobre a interseccionalidade não como uma vertente, mas, sim, como uma metodologia: 'A interseccionalidade ela é, na verdade, uma metodologia de relação dos feminismos epistêmicos e se apresenta como uma forma das vertentes entenderem essas relações'.

Reflexões em torno do feminismo | Igualdade de gênero

A socialização de crianças foi um dos pontos abordados nesse componente: 'a partir do gênero, meninas são socializadas para vestir rosa e meninos para vestirem azul'. Além disso, o *mansplaining*, como atitude de diminuição da mulher, foi discutido: 'o mansplaining é caracterizado por essa conotação condescendente. É voltado para corrigir o pensamento da mulher e invalidá-lo'.

Reflexões em torno do feminismo | Violência doméstica e sexual

Sabrina Fernandes fala sobre a violência doméstica e sexual, especialmente, pela perspectiva do consentimento. Em um tom explicativo e professoral, ela apresenta quais são as formas de estupro: 'falar de agressão sexual demonstra que há várias formas de burlar ou ferir o consentimento de alguém'.

Reflexões em torno do feminismo | Políticas relacionadas com feminismo e suas pautas

Da mesma forma que foi percebido no canal Louie Ponto, Sabrina Fernandes também discute sobre como tornar o feminismo mais acessível, sem contemplar apenas mulheres acadêmicas. O consentimento também é abordado como pauta e sobre como ele deve ser usado para separar relações saudáveis e permitidas de relações de abuso e estupro: 'a gente

precisa trabalhar tanto para que os homens respeitem o consentimento como para que mulheres compreendam melhor o seu comportamento sexual e como elas consentem'.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Percepções sobre o feminismo

Nesse componente, a youtuber apresenta questões sobre o feminismo ser um movimento pelo fim do patriarcado e uma abordagem direcionada para os homens sobre como eles podem contribuir com a luta: 'não estamos pedindo e nem precisamos de reforço dos homens na linha de frente aqui [...] são as mulheres que vão estar ali para acabar com o patriarcado'. Também pela perspectiva interseccional, aborda a importância de ouvir pessoas com diferentes vivências e realidades: 'Eu, como mulher branca, por exemplo, eu aprendo muito com feministas negras sobre coisas que eu nunca, nunca questionei antes, e coisas que eu tinha normalizado, e eu faço isso com escuta'.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Vertentes

Declaradamente feminista socialista/marxista, a youtuber tece críticas fortes, tanto pessoais, quanto fundamentadas, em relação a algumas vertentes, como o feminismo liberal e pós-moderno. Ela alerta, por exemplo, sobre algumas vertentes que se apropriam de certos discursos como o discurso liberal para fazer com que mulher se empoderem por meio do capitalismo. Sabrina compartilha, ainda, opiniões sobre alguns movimentos que se apresentam como vertentes, mas não cumprem os requisitos para tal, além de contradições dentro de algumas vertentes e movimentos.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Opressões sofridas por mulheres

Sabrina faz uma abordagem das opressões sofridas por mulheres de um ponto de vista mais profundo. Alguns deles são o machismo, a socialização de meninas, homens menosprezando as falas e ideias de mulheres, problemáticas do discurso liberal, objetificação de mulheres e o feminicídio: 'Todo homem está sujeito a ser assim e que esse comportamento faz parte do fenômeno social do machismo na nossa sociedade patriarcal'.

7.1.5. Thiessita

Entre todos os canais analisados, os vídeos do canal Thiessita são os que somam o menor volume de visualizações e, também, de comentários. Os vídeos analisados têm linguagem informal e, assim como já apontado em outros canais observados, têm conteúdos relacionados com acontecimentos que repercutiram na internet e TV. Esses temas são apresentados sem grande contextualização, assumindo que o público já conhece o histórico relacionado com o tema. A youtuber coloca a visão pessoal e é bem opinativa.

Os conteúdos são abordados com uma perspectiva bem pessoal. Thiessa ainda cita experiências de outras pessoas próximas como exemplos do que está falando.

Um dos vídeos, apesar de tratar de transfobia, não tinha qualquer menção ao feminismo ou aos assuntos abordados na análise de conteúdo. Mas, mesmo assim, notou-se a associação de questões sobre transexualidade e transfobia com o feminismo em outros momentos.

Alguns dos vídeos têm títulos diretos, que indicam o assunto. Já um, especificamente, usa de *clickbait* para atrair atenção: ALGUMAS DELAS VOCÊ JÁ SOFREU. Na categoria Reflexões em torno do feminismo, foram identificadas unidades de análise dos componentes Igualdade Salarial, Violência doméstica e sexual e Políticas relacionadas ao feminismo e suas pautas. Já na categoria Experiências pessoais das criadoras de conteúdo, todos os três componentes foram contemplados. A análise detalhada de cada um está a seguir.

Reflexões em torno do feminismo | Igualdade salarial

Nesse componente, a youtuber conta a história de uma amiga que ganhava menos que um homem realizando o mesmo trabalho.

Reflexões em torno do feminismo | Violência doméstica

A Lei Maria da Penha é abordada pela youtuber nesse componente. Ela apresenta, então, quais são os tipos de violência domésticas abordados pela lei: moral, psicológica, patrimonial, sexual e física.

Reflexões em torno do feminismo | Políticas relacionadas com feminismo e suas pautas

A importância da união das mulheres para lutar contra o machismo é um dos pontos identificados nesse componente. A youtuber aborda esse assunto a partir da perspectiva de fatos acontecidos no Big Brother Brasil 2020, um *reality show* exibido pela TV Globo. A edição em questão, foi um grande sucesso na audiência²³ e apresentou ao grande público discussões sobre feminismo levantadas pelas participantes. Por conta da repercussão do programa e das pautas abordadas nele, Thiessa ressalta a importância de falar sobre a temática em canais de grande alcance, como TV

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Percepções sobre o feminismo

Como já visto em todos os outros canais analisados, Thiessa também aborda o fato de o feminismo não ser algo unificado, ou seja, é um movimento com diferentes pautas e pontos de vista. Ela afirma que o feminismo gera identificação e libertação para mulheres: 'para mim, o que o feminismo tem de mágico, é que a gente se identifica'.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Vertentes

Ao responder uma pergunta de um seguidor sobre ser mulher trans no feminismo, Thiessa afirma que o ponto em comum é ser contra o patriarcado. Dessa forma, ela critica o feminismo radical que tem pontos de vista contrários a presença de mulheres trans no movimento: 'a gente tem que entender a causa feminista e a causa transfeminista tem um inimigo em comum que é o patriarcado, o machismo e o homem'.

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo | Opressões sofridas por mulheres

Em relação a opressões, a criadora de conteúdo cita a transfobia, mas não como ponto principal do seu discurso. Ela ressalta também o assédio, como as vozes de mulheres são menosprezadas e o machismo impregnado na sociedade: 'a transfobia já é um fruto do machismo. Acho que tudo se une. Por um grande vilão'.

²³ Fonte: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/bbb20/2020/04/bbb-20-final-de-reality-tem-a-maior-audiencia-desde-dicao-de-2010.shtml>

7.1.6. Considerações gerais sobre a etapa de análise categorial

Após realizar a análise de todos os vídeos e identificar unidades de análise contudentes com as categorias propostas nessa pesquisa, foi possível encontrar pontos em comum entre os cinco canais que ajudam a responder a primeira questão de pesquisa proposta: Quais são os discursos sobre feminismo produzidos por criadores de conteúdo do Youtube no Brasil?

O primeiro ponto importante a se considerar é que, mesmo com vivências diferentes e abordagens diferentes sobre o feminismo, foi possível perceber por meio dos vídeos analisados que todas as youtubers em questão defendem o pensamento interseccional, termo criado por Kimberlé Crenshaw em 1989. Ou seja, todas reforçam a importância de se pensar e praticar o feminismo considerando vivências diversas, opressões e realidades diferentes.

Foi possível observar ainda que as pautas relacionadas com as primeiras fases do movimento, como direitos políticos, direitos profissionais e, mesmo, questões relacionadas a sexualidade foram pouco abordados nos vídeos analisados. Pode-se entender que, talvez, esses assuntos já estejam desgastados, entendidos como resolvidos ou, mesmo, não geram interesse para os públicos do Youtube, compostos majoritariamente por pessoas da geração Z²⁴²⁵. Outra hipótese é um entendimento de que as questões abordadas nas primeiras fases do movimento já estão resolvidas e não precisam ser mais discutidas. E, por fim, levanta-se outra hipótese, que pode ser explorada mais profundamente em uma pesquisa futura, de que o foco nos canais digitais é abordar mais fortemente assuntos relacionados com a quarta fase e o ciberfeminismo.

7.1.7. A relação da internet com a TV aberta

Um dos pontos mais importantes observado na análise dos vídeos é a relação dos conteúdos online com a TV aberta. Apesar do crescimento de acesso à internet no Brasil, já destacado nessa pesquisa, a TV continua sendo uma mídia de alcance e de importância enormes no país.

²⁴ Geração Z é a geração que sucede a geração *millenial* e é composta por pessoas nascidas, em média, entre a segunda metade dos anos 1990 até o início do ano 2010.

²⁵ Fonte: <https://marketeer.sapo.pt/geracao-z-nao-conseguiria-viver-sem-o-youtube>

A pesquisa *Inside TV*, da Kantar IBOPE Media²⁶ aponta que, em 2019, o tempo médio de consumo de TV no Brasil é de cerca de 6h17 por dia, chegando até a 07h01 em Manaus, capital do Amazonas, no Norte do país. Ou seja, independe do crescimento da internet, a TV continua tendo protagonismo nas casas brasileiras.

Percebe-se, inclusive, um fenômeno de segunda tela, no qual o conteúdo exibido na TV é amplamente comentado pelo público em canais sociais na internet. Eleições, finais de novelas, jogos de futebol e *realitys shows* são exemplos claros de conteúdos que estão, constantemente, entre os assuntos mais comentados no Twitter – a única rede social que exhibe essa informação publicamente.

E esse fenômeno foi observado nos vídeos analisados, já que entre os cinco canais, quatro tinham algum vídeo relacionado a um programa de TV – três deles tem o maior volume de comentários entre os vídeos observados. O destaque aqui é dado para o Programa Encontro com Fátima, exibido de segunda a sexta, no período da manhã, ao vivo, na TV Globo. A proposta do programa é discutir temas importantes para a sociedade, com convidados do *casting* da emissora e artistas que realizam apresentações musicais. Três vídeos analisados comentavam algum fato relacionado com o programa.

O primeiro, da youtuber Nátaly Neri, abordava a sua própria presença no programa, no qual teve como tema o feminismo negra. Ela disse sobre como a militância costuma ser crítica a quem vai a esses espaços, esperando sempre atitudes mais agressivas para que a mensagem principal do movimento seja passada. Nátaly, no entanto, discorda ao dizer que é importante simplificar o discurso para atingir mais pessoas. Além disso, ela destaca as dificuldades de se falar em um programa ao vivo, tanto em conseguir espaço para expor as ideias, quanto sobre a pressão da TV ao vivo.

Outros dois vídeos, dos canais Alexandrismos e Louie Ponto, abordam o mesmo tema: a presença da youtuber e atriz Kéfera Buchmann no programa Encontro com Fátima, em 2018. Kéfera já foi uma das youtubers mais influentes do Brasil. Seu canal, atualmente, tem 10 milhões de inscritos, mas pouca atualização, já que ela se dedica mais fortemente à carreira

²⁶ Dados disponíveis em <https://www.kantaribopemedia.com/tempo-medio-consumido-com-tv-aumenta-entre-os-brasileiros/>

de atriz. Na ocasião, o programa, exibido no dia 13/12/2018, abordou o tema feminismo e sua quarta fase. Quando a apresentadora abriu para perguntas da plateia, um homem questionou alguns pontos do movimento que, para ele, não eram interessantes. Kéfera, então, se posicionou contrária aos argumentos desse homem e usou termos do movimento feminista para compor o seu argumento, como *mansplaning*, *maninterrupting* e lugar de fala. Seu tom foi fortemente questionado pelo público do programa e considerado agressivo.

A repercussão foi tanta que teve impacto direto no volume de buscas do Google nos termos utilizados pela atriz:

Figura 7: Buscas pelo termo "Kéfera" no Google entre 01/11/2018 e 31/01/2019



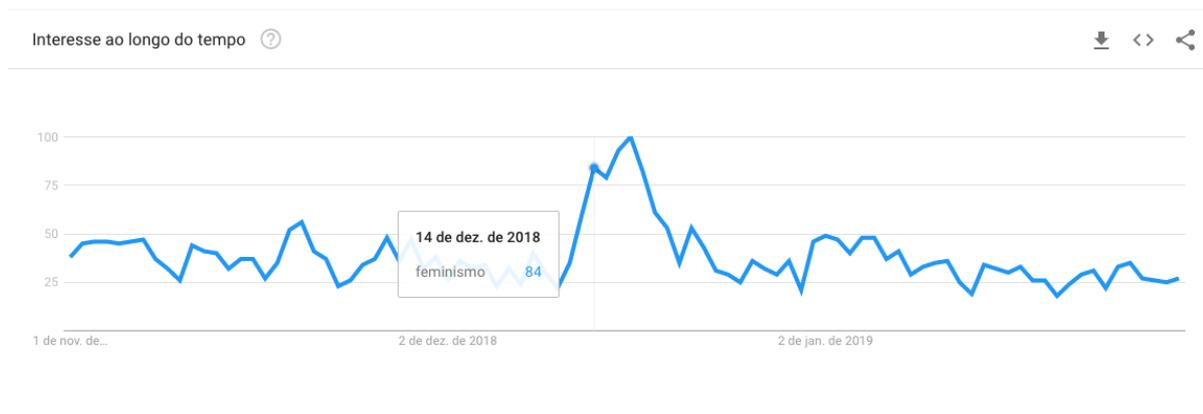
Fonte: Google Trends

Figura 8: Buscas pelo termo "Mansplaning" no Google entre 01/11/2018 e 31/01/2019



Fonte: Google Trends

Figura 9: Buscas pelo termo "Feminismo" no Google entre 01/11/2018 e 31/01/2019



Fonte: Google Trends

Figura 10: Buscas pelo termo "Meninterrupting" no Google entre 01/11/2018 e 31/01/2019



Fonte: Google Trends

Nos vídeos analisados, as youtubers comentam a presença de Kéfera no programa, assim como sua repercussão. Alexandra Gurgel coloca na discussão, ainda, o comentário de outro youtuber que também fez uma análise sobre o programa. Ela tem uma fala mais passional e pouco crítica, em um tom de defesa, provavelmente por ser amiga da atriz (como afirmado pela própria no vídeo). Já Louie, mesmo também afirmando ser amiga de Kéfera, faz apontamentos mais analíticos e uma crítica geral aos ataques à Kéfera que o fato geraram na internet. Pois, afinal, tratava-se de uma mulher, que estava passando por um processo de desconstrução e, por isso, não merecia ser atacada. Louie faz sua análise apontando a importância de melhorar os discursos para que as pessoas possam falar sobre feminismo de forma mais simples para chegar a mais pessoas.

7.2 Resultados da Análise de Avaliação

Conforme apontado no percurso metodológico desta pesquisa, foi realizada a análise de avaliação de um percentual de comentários deixados nos vídeos contemplados nessa pesquisa. O objetivo dessa análise é responder a pergunta "Que tipo de influência os discursos youtubers exercem nos consumidores que interagem com esses conteúdos?".

Apesar da análise de avaliação ter sido inicialmente considerada a técnica ideal para entender o sentimento dos comentários, na prática, os resultados obtidos deixaram uma deficiência nesse entendimento, já que a avaliação era feita a partir de elementos dos comentários e não dos mesmos por inteiro. Ou seja, em muitos casos em que os comentários eram negativos, e os dois elementos avaliados tinham valores negativos, o produto (c x cm) resultava com um valor positivo. Dessa forma, além da análise da avaliação, foi feito ainda uma análise geral do teor dos comentários com o objetivo de complementar as conclusões e ter, dessa forma, uma resposta mais rica à pergunta de investigação.

A percepção negativa da técnica aplicada a essa pesquisa, pode ser associada com o fato de que os comentários são feitos em um ambiente não controlado, sem qualquer tipo de direcionamento para criação do texto e que permite uma linguagem muito informal. Muitas vezes, por exemplo, os sujeitos e os conectores eram ocultos. Foi necessário, então, interpretar alguns comentários considerando o contexto em que eles se inserem, como o vídeo em questão, outros comentários, o canal ou, mesmo, o conteúdo ao qual ele se referia (o programa de TV que era citado no vídeo, por exemplo).

Em relação aos resultados observados, o primeiro ponto importante a se apontar é que os vídeos associados com assuntos de grande repercussão na internet e TV, como já indicado na análise categorial, foram os que tiveram mais repercussão e, dessa forma, mais comentários a serem avaliados. O retorno do público em relação a esses conteúdos foi, em geral, bem passional e opinativo, seja em discordância à opinião expressa pela criadora de conteúdo ou, mesmo, concordando com as falas do vídeo.

Outro ponto interessante percebido nessa análise é que em todos os canais foi possível perceber comentários nos quais as pessoas compartilham experiências próprias e

complementam o conteúdo compartilhado pela criadora de conteúdo. Foi possível observar ainda sugestões para a abordagem de outros temas, ou seja, sugestão de pauta, em todos os canais.

Em relação à força das opiniões deixadas pelos públicos dos canais, entre 502 avaliações realizadas (conector verbal e termo de significação comum) em 251 comentários, 253 foram classificadas com intensidade forte, seja de forma positiva ou negativa, ou seja, receberam os valores -3 ou 3. Isso pode sugerir que o público que se engaja a ponto de comentar um vídeo tem opiniões fortes e decisivas em relação ao conteúdo.

Em relação aos valores de avaliação, todos os canais tiveram resultados positivos, como indicado na tabela abaixo.

Grelha 5: Análise de avaliação comentários

Canal	Número de comentários analisados	Valor total da avaliação	Valor médio da avaliação por comentário
Afros e afins	27	8	0,2962962963
Alexandrismos	95	72	0,7578947368
Louie Ponto	68	270	3,970588235
Tese Onze	47	110	2,340425532
Thiessita	15	81	5,4

Fonte: A autora

A seguir, são apresentadas as percepções da análise de avaliação em cada um dos canais. Para comparar o resultado da avaliação em uma escala de sete escalões, como orientado por Bardin (1977), foi realizada a divisão do resultado total da avaliação por $3N$, sendo N o número de comentários e 3 a amplitude da escala. Os resultados são apresentados em escalas individuais.

7.2.1. Afros e Afins

Entre as 54 avaliações feitas nos 27 comentários analisados do canal Afros e afins, 27 tiveram avaliação forte, ou seja, -3 ou 3. A maior parte dos comentários é positiva, somando o valor 8 na análise de avaliação. Apesar disso, foi o canal que teve a média mais baixa: 0,29

Os comentários com alguma avaliação negativa são, em geral, de duas categorias: críticas ao conteúdo ou comentários pessoais de opressões sofridas e identificação com os casos apresentados pela youtuber, tanto de racismo quanto de machismo. Já os positivos, agradecem pelo conteúdo compartilhado. Pessoas dizem também que estão se desconstruindo graças ao conteúdo produzido por Nátaly Neri. Existem ainda pedidos para que ela aborde determinados temas. 'Nátaly, por favor fale sobre o estereótipo da negra forte e como ele prejudica os relacionamentos e a saúde mental da mulher negra', diz um dos comentários.

Na escala de sete escalões, os comentários analisados do canal Afros e Afins foram avaliados em 0,09.

Figura 11: Escala de análise de avaliação dos comentários do canal Afros e Afins.



Fonte: A autora

7.2.2. Alexandrismos

O canal Alexandrismo teve o maior volume de comentários analisados, 95 no total. Entre as 190 avaliações feitas, 80 tiveram classificações fortes, ou seja, -3 ou 3. Apesar de ter tido uma avaliação final positiva, 0,75, foi o canal no qual foram identificados mais comentários negativos. A maior parte deles aconteceu no vídeo *DISCURSO FEMINISTA DE KÉFERA NA FÁTIMA BERNARDES, LUBA, LUGAR DE FALA E+*, no qual a youtuber fala sobre a presença de outra criadora de conteúdo em um programa matinal da TV Globo – conforme contexto já explicado na análise categorial. Os comentários tinham conteúdos contrários tanto a fatos

relacionados ao programa de TV citado no vídeo, quanto a falas e opiniões da criadora de conteúdo. 'Ah não, Alexandra, eu esperava tudo de vc, menos isso. Tchau!', dizia um dos comentários.

Já os outros vídeos têm comentários mais positivos, em relação ao conteúdo do canal e à Alexandra Gurgel em si. Muitos agradecem por ter compartilhado tal conteúdo e dizem ter aprendido com o vídeo: 'Muito triste que a gente ainda precise dizer o óbvio, né, Xanda??? Mas precisa... E de pouquinho em pouquinho a gente vai ao menos tentando melhorar esse mundo. Parabéns e obrigada pelo trabalho lindo que você faz! ❤️😊'

Na escala de sete escalões, os comentários analisados do canal Alexandrismos tiveram o valor 0,25.

Figura 12: Escala de análise de avaliação dos comentários do canal Alexandrismos



Fonte: A autora

7.2.3. Louie Ponto

No total absoluto, o canal Louie Ponto obteve a maior avaliação, 270, com média de 3,97 por comentário. Entre as 136 avaliações feitas em 68 comentários, 82 tiveram intensidade forte, ou seja, -3 ou 3.

Os comentários, em geral, são de elogios para o conteúdo e para a própria criadora de conteúdo. 'Levantando e aplaudindo, apenas. Como sempre' e 'Que desconstrução ótima pra começar o dia', diziam dois comentários. Já os comentários com teor negativo eram associados aos temas tratados, como opressões sofridas por mulheres, e não ao conteúdo ou críticas à youtuber: 'Essa cultura do "lacrar" virou uma espécie de quem oprime mais, a galera mais SJW são os verdadeiros suja imagem de todo o movimento'.

Na escala de sete escalões, os comentários analisados do canal Louie Ponto tiveram a pontuação 1,12.

Figura 13: Escala de análise de avaliação dos comentários do canal Louie Ponto



Fonte: A autora

7.2.4. Tese Onze

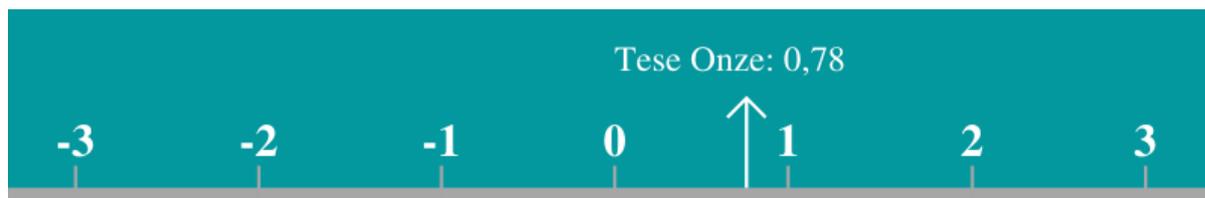
Das 96 avaliações feitas nos 48 comentários selecionados no canal Tese Onze, 43 tiveram intensidade forte, sendo avaliados com -3 ou 3. Em valor absoluto, os comentários tiveram avaliação 110 e uma média 2,34, ou seja, tiveram um resultado positivo. E esse foi o teor da maior parte dos comentários analisados.

Os comentários negativos, em sua maioria, tinham relação com a identificação aos temas abordados pela criadora de conteúdo no vídeo, como estupro e machismo. Ou seja, mesmo com elementos negativos, eles não tinham teor de crítica, mas, sim, concordavam com a opinião da youtuber. 'Maravilha! Mas lembro que os homens não conseguem ouvir uma fala por tanto tempo kkk', diz um deles.

Já os comentários positivos, em geral, agradecem pelo compartilhamento das informações e pelo aprendizado. Como destacado na análise categorial, esse foi o único canal com um vídeo voltado especificamente para o público masculino. E este vídeo em questão, *Nem todo homem é machista? | 043*, teve como resposta comentários de homens (que deixaram isso claro nos comentários em questão) agradecendo à Sabrina por ter ajudado a abrir a mente e pelo processo de desconstrução: 'De um homem que se admite ainda não totalmente desconstruído: muito obrigado, Sabrina, por esse vídeo. Perfeita na análise e mais ainda, na exposição! Eu amo você!', disse um deles.

Na escala de sete escalões, os comentários analisados do canal Tese Onze tiveram valor 0,78.

Figura 14: Escala de análise de avaliação dos comentários do canal Tese Onze



Fonte: A autora.

7.2.5. Thiessita

Este foi o canal com o menor volume de comentários nos vídeos e, conseqüentemente, o que teve menos comentários selecionados para análise. Entre as 30 avaliações realizadas nos 15 comentários do canal Thiessita, 21 foram avaliadas com intensidade forte -3 ou 3.

O valor absoluto da análise de avaliação foi 84 e a média por comentários foi a maior de todas, 5,4 valores. Em geral, os comentários têm, em sua maioria, valores positivos. Foram identificados comentários nos quais o conteúdo abordado por Thiessa era complementado pelo comentarista, seja com opinião própria ou com outras informações.

Os comentários identificados como elementos negativos não se referem a críticas ao conteúdo ou à youtuber mas, sim, a opressões sofridas por mulheres e machismo em geral: 'Os homens deveriam aprender q não é só pq a mulher está junta com ele q ele têm algum poder sobre ela', diz um dos comentários. Já os comentários positivos contêm elogios à criadora, suas convidadas e ao conteúdo: 'Amo essas duas maravilhosas'.

Na escala de sete escalões, os comentários analisados do canal Thiessita tiveram valor 1,8.

Figura 15: Escala de análise de avaliação dos comentários do canal Thiessita



Fonte: A autora

Considerações finais

A presente pesquisa teve como objetivo principal entender o papel e a influência de criadores de conteúdo na internet no movimento feminista no Brasil. Para chegar a conclusões relevantes, foi apresentado o contexto do movimento feminista, passando pelas suas fases e vertentes. Tal percurso foi essencial para perceber profundamente a história do movimento feminista, seus marcos no Brasil e como a militância o enxerga nos dias atuais, especialmente dentro da quarta fase e do ciberfeminismo. O entendimento dos movimentos sociais na internet, pela visão, especialmente, de Castells (2003, 2004 e 2017), foi o caminho ideal para conectar a história do movimento com sua quarta fase e a realidade social atual, na qual vivemos cada vez mais conectados.

Com o enquadramento teórico estabelecido, foi o momento de destrinchar o objetivo dessa pesquisa em duas perguntas de investigação: "Quais são os discursos sobre feminismo produzidos por criadores de conteúdo do Youtube no Brasil?" e "Que tipo de influência os discursos dessas criadoras exercem nos consumidores que interagem com esses conteúdos?". Para responder essas questões, o caminho metodológico escolhido foi uma abordagem qualitativa, exploratória, por meio da Análise de Conteúdo. Foram usadas técnicas de Análise Categorical e Análise de Avaliação.

Após analisar 5h24 de material, divididos em 25 vídeos de cinco canais de Youtube diferentes, além de 251 comentários, foi possível chegar a algumas conclusões que respondem às perguntas desta pesquisa. A primeira grande percepção é a de que a interseccionalidade, conceito criado e defendido por Crenshaw (1989) é uma pauta recorrente no discurso das influenciadoras analisadas, independente da vertente que defende, do foco do seu canal ou, mesmo, do assunto tratado nos seus vídeos. Autores como Matos (2010), Perez e Ricoldi (2018) e Oliveira (2019) já indicavam que essa é uma característica forte no discurso da quarta fase do movimento feminista que acontece na internet e foi possível comprovar essa afirmação por meio da investigação exploratória realizada. O feminismo, que nasceu sendo majoritariamente um movimento branco e burguês, coloca em pauta com mais força e, provavelmente, com ajuda da internet, a importância e a necessidade urgente de se pensar em diferentes vivências e camadas de opressão além do gênero, como raça, etnia, condições

sociais e financeiras. Mesmo sem o uso recorrente da palavra 'interseccionalidade' nos conteúdos analisados, o pensamento interseccional é presente e reforçado no discurso de todos os canais contemplados.

Outra grande conclusão possível de ser feita a partir da análise dos conteúdos contemplados nessa pesquisa é a influência da TV, especialmente de programas mais populares, no conteúdo produzido na internet. Em quatro dos cinco canais analisados, pelo menos um vídeo tinha relação com algum programa de TV. O fenômeno de redes sociais como segunda tela, conceito que não foi explorado na fundamentação teórica desta pesquisa, chama atenção a partir dessa conclusão. Afinal, o assunto abordado no programa de TV é amplamente comentado nas redes sociais e motiva a criação de um conteúdo específico sobre o assunto pelo youtuber. Como consequência da popularidade do tema na internet, o conteúdo na internet também tem grande volume de comentários e interações. Ou seja, a TV pauta a internet e, muitas vezes, a TV também é pautada por assuntos populares da internet. São dois canais que se alimentam, mutuamente.

É possível concluir, também, que a maioria dos assuntos abordados pelas youtubers analisadas é feito com um viés pessoal e opinativo. Apesar disso, também há conteúdos mais fundamentados e informativos, sem o uso de experiências pessoais. Esta última característica, em especial, foi percebida nos vídeos do canal Tese Onze, no qual a criadora de conteúdo é professora e Doutora em Sociologia. Tal formação pode ter influência na maneira como ela se posiciona no papel de criadora de conteúdo na internet.

O discurso das youtubers, na maior parte dos vídeos analisados, aborda um conteúdo mais simples, o que pode ser associado a uma espécie de trabalho de base do movimento feminista. Dessa forma, é possível que mais pessoas entendam o conteúdo, se engajem, se identifiquem e compartilhem em outros espaços e canais (como WhatsApp e em outras redes sociais da internet, por exemplo). Isso aumenta o poder do conteúdo de chegar a mais pessoas com diferentes conhecimentos e vivências – mais uma característica da quarta fase e do ciberfeminismo. Os assuntos relacionados com programas de TV carregam fortemente essa característica de simplicidade, tanto que são os vídeos com mais visualizações entre os analisados.

Ao contrário do que aborda Castells quando apresenta as características dos movimentos sociais na internet, no entanto, não foram identificadas chamadas para ações coletivas organizadas fora das redes sociais e internet. Os objetivos principais dos conteúdos compartilhados parecem ser mais educar e informar sobre o movimento feminista e provocar mudanças pessoais em quem consome esses conteúdos. Esse conhecimento, no entanto, pode levar a movimentações e mobilizações fora da internet, em conversas com outras pessoas, por exemplo.

Já em relação aos comentários deixados nos vídeos analisados, foi possível concluir que, as criadoras de conteúdo geram algum tipo de influência nos seus públicos. Não é possível analisar qual o nível dessa influência e como ela impacta no dia a dia dessas pessoas ou, mesmo, como influenciam diretamente em alguma atitude relacionada com o movimento feminista. No entanto, além de elogios, os comentários positivos têm relação com depoimentos de pessoas que afirmam ter aprendido com o conteúdo compartilhado pela criadora de conteúdo e, mesmo, graças a esses conteúdos, estão em processo de desconstrução em relação a pautas do feminismo.

Apesar disso, as pessoas também têm posicionamentos críticos quando não concordam com o ponto de vista da criadora de conteúdo. Em muitos casos, as reações chegam a ser passionais, tanto de decepção quanto de admiração, o que pode ser incentivado por essa proximidade proporcionada pelo próprio ambiente social no qual essa relação acontece. Além disso, a lógica de *prosumer*, no qual os papéis de criador e consumidor se misturam, deixa esse youtuber menos inalcançável – como eram as celebridades da TV e do cinema antigamente. As pessoas, inclusive, compartilham experiências pessoais nos comentários, complementando, na maioria das vezes, os fatos compartilhados pela criadora de conteúdo. O público também sugere outros conteúdos e temas para serem abordados no canal. Por meio dos comentários, é possível ver que os conteúdos compartilhados pelas youtubers proporcionam um primeiro contato com temáticas feministas. É possível perceber, também, depoimentos de pessoas que puderam se aprofundar no movimento por conta desses vídeos – outra característica da quarta fase do movimento.

Dado o exposto, é possível concluir que os atores sociais influenciadores do movimento feminista na internet realizam um trabalho de base abordando temas básicos do feminismo e defendem fortemente o discurso da interseccionalidade. Além disso, se apropriam de conteúdos da TV para abordar a temática em seus canais. Esses criadores de conteúdo influenciam seus públicos em relação a pautas do feminismo compartilhando conhecimentos adquiridos, mas, também experiências e relatos pessoais. O público que é influenciado por esses conteúdos são pessoas que nunca tinham tido contato com o feminismo, mas, também, aquelas que buscam mais aprofundamento.

Para outras pesquisas, a recomendação é que o público de canais com temáticas feministas seja analisado com mais profundidade, seja por meio de aplicação de entrevistas ou, mesmo, a partir de um maior volume de objetos para análise. Recomenda-se, ainda, pesquisar mais sobre a relação das redes sociais como segunda tela no consumo de TV e como isso impacta a forma como os conteúdos são consumidos nos dois meios.

Referências Bibliográficas

- Abreu, Z. (2002). **Luta das mulheres pelo direito de voto - Movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos**. Arquipélago • história, 2ª série. Disponível em https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/380/1/Zina_Abreu_p443-469.pdf. Acesso em 12 janeiro de 2020.
- Alcoff, L. (1998). **Cultural Feminism versus Poststructuralism: The Identity Crisis in Feminist Theory**. Signs 13(3).
- Alves, B. M. e Pitanguy, J. (1985). **O que é feminismo?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.
- Alves, B. M. e Pitanguy, J. (1991) **O que é feminismo?** Abril Cultural / Brasiliense.
- Bañon, S. R. (2013) **Cyberfeminism: from virtual to political**. Teknokultura.
- Bardin, L. (1977). **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa.
- Beauvoir, S. d. (1980). **O Segundo Sexo** v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bilge, S. (2009), **Théorisations féministes de l'intersectionnalité**. Diogène, 1 (225):
- Bingemer, M. C. L. e Brandão, M. L. R. (1994) **Mulher e relações de gênero**. 1º Edição, Brasil: Edições Loyola.
- Buttler, J. (2003) **Sujeitos do sexo/gênero/desejo**. In: BUTLER, Judith. Problemas de gênero:feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Boix, M e Miguel, A. de. (2013). **Os gêneros da rede: os ciberfeminismos**. In: Natanshon, Graciela. Internet em Código Feminino: Teorias e Práticas. Buenos Aires, La Crujía Ediciones.
- Caetano, I. F. (2017). **O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. Disponível em https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_direito/edicoes/1_2017/pdf/DeslvoneFerrairaCaetano.pdf. Acesso em 15 de fevereiro de 2020.
- Camargo, I.; Estevanim, M. e Silveira, S. C. da. (2017) **Cultura participativa e convergente: o cenário que favorece o nascimento dos influenciadores digitais**. Volume 17 – Edição especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero. Revista semestral do Centro Interdisciplinar

de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero – ISSN 1676-3475. Disponível em <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-5-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>. Acesso em 11 de abril de 2020.

Cardoso, C. P. (2014). **Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez**. Rev. Estud. Fem. vol.22 no.3 Florianópolis Sept./Dec.

Castro, M. G. e Lavinhas, L. (1992). **Do feminino ao gênero: a construção de um objeto**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.

Castells, M. (2004). **A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, M. (2013) **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da Internet**. Editora Zahar.

Castells, M. (2017) **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da Internet**. Zahar; Edição: 2. Kindle edition. Location 2701-2697.

Castells, M. (2013). **O Poder da Identidade - A Era da informação: Economia, Sociedade e Cultura - Volume II**. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian

Castells, M. (2008). **O Poder da Identidade**. São Paulo. Paz&Terra.

Cazarré, M. (2015) **A “quarta onda do feminismo” nasce em 2015**. Revista Brasileiros.

Cisne, M. (2018). **Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 132, p. 211-230, maio/ago. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282018000200211&lng=pt&tlng=pt. Acesso em janeiro de 2020.

Cochrane, K. (2013). **All the rebel women: the rise of the fourth wave of feminism**. Guardian Books.

Coelho, M. P. (2016) **Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais**. Pesquisas e Práticas Psicossociais 11 (1), São João del Rei, Janeiro a junho.

Collado, A. M. e Navarrete, A. (2007) **Ciberfeminismo: também uma forma de ativismo**. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=220&secao=desbunde>. Acesso em 12 de janeiro de 2020.

Costa, A. A. de A. e Sardenberg, C. M. B. (1994). **Feminismos, feministas e movimentos sociais**. In: Brandão, Maria Luiza e Bingermer, Maria Clara (org). **Mulher e Relações de gênero**. São Paulo: Loyola.

Costa, L. C. A e Mello, L. I. (1991) **História do Brasil**. São Paulo: Scipione.

Costa, S. G. (2009). **Onda, rizoma e sororidade como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos**. (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). Revista IINTERThesis, Florianópolis, vol. 6, nº 2. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n2p1>. Acesso em 10 de novembro de 2019.

Crenshaw, K. (1988) **Race, Reform, and Retrenchment: Transformation and Legitimation in Antidiscrimination Law**. Harvard Law Review. Vol 01. Número 7. Disponível em <http://shain003.grads.digitalodu.com/blog/wp-content/uploads/2014/09/Race-Reform-Retrenchment.pdf>. Acesso em fevereiro de 2020.

Crenshaw, K. (2002). **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1.

Curran, J. e Morley, D. (2006). **Media and Cultural Theory**. London/New York: Routledge. Tradução: Márcia Rejane Messa.

Davis, A. (2016) **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani São Paulo: Boitempo Editorial.

D'Ávila Neto, M. I. (1980). O autoritarismo e a mulher: O jogo da dominação macho-fêmea no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamé.

Delmar, R. (1986). **What is Feminism?** by Ann Oakley and Juliet Mitchell. Disponível em <http://www.sfu.ca/~decaste/OISE/page2/files/DelmarFeminism.pdf>. Acessado em 10 de janeiro de 2020.

Delphy, C. (1981). **Le patriarcat, le féminisme et leurs intellectuelles**. Nouvelles Questions Féministes, n 2, Féminisme: quelles politiques?

Faludi, S. (1991) **Backlash: The Undeclared War Against American Women**. Crown Publishing Group.

Felgueiras, A. C. (2017). **Breve Panorama Histórico do Movimento Feminista Brasileiro: das Sufragistas ao Ciberfeminismo**. Revista Digital Simonsen, nº 6, p. 108-121.

Ferreira, C. B. de C. (2015). **Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo**. Cadernos pagu (44), janeiro-junho:199-228. ISSN 1809-4449. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637329>. Acesso em 17 de novembro de 2018

Franchini, B. S. (2017) **O que são as ondas do feminismo?** in: Revista QG Feminista. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

Friedman, Betty. **The feminine mystique**. W. W. Norton and Co. 1965.

Garcia, C. C. (2018). **Breve História do feminismo**. Claridade.

Garcia, C. C. (2011). **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade.

Giddens, A. (2008) **Sociologia**. 6a edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas.

Giddens, A.; Duneier, M.; Appelbaum, R. P. e Carr, D. (2018) **Introduction do Sociology**. W. W. Norton & Company, INC. New York • London.

Gomes, C. C. (2014). **Construção do Estado Democrático de Direito no Brasil sob a égide do feminismo**. Kindle Edition.

Gonçalves, E. e Pinto, J. P. (2011). **Reflexões e problemas da “transmissão” intergeracional no feminismo brasileiro**. Cadernos pagu (36), janeiro-junho:25-46. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n36/n36a3>. Acessado em 06 de janeiro de 2020.

Gonzalez, L. (1988). **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Revista Isis Internacional, Santiago, v. 9, p. 133-141.

Gonzalez, L. (1984). **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs.

Gouges, O. de. (2003). **Declaração dos direitos da mulher da cidadã**. 1971 in Direito e Democracia = Revista de Ciências Jurídicas – ULBRA Vol. 4 - Número 2 - 2º semestre.

Griffin, G. (1995). **Feminism Activism in the 1990s**. Londres, Francis and Taylor.

Gurgel, T. (2010). **Feminismo e luta de classe: História, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade**. in Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277667680_ARQUIVO_Feminismoelutadeclasse.pdf Acesso em novembro de 2019

hooks, B. (2018). **Não serei eu mulher?** 1a edição. Orfeu Negro. Lisboa.

Jesus, J. (2013) **Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis. ISSN 2179-510X.

Jesus, M. S. de e Sacramento, S. M. P. do. (2014) **A abordagem conferida ao sexo e gênero nas distintas ondas feministas**. Revista Café com Sociologia. V. 3, n. 3. Disponível em <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/355>, Acesso em 23 de janeiro de 2020.

Karhawi, I. (2017) **Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão**. Volume 17 – Edição especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero. Revista semestral do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero – ISSN 1676-3475. Disponível em <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-1-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>. Acesso em 11 de abril de 2020.

Koyama, E. (2000) **Manifesto Transfeminista**. Disponível em <http://docplayer.com.br/38752445-Manifesto-transfeminista-emi-koyama.html>. Acesso em janeiro de 2020.

Krippendorff, K. (1988). **Content analysis: an introduction to its methodology**. Newbury Park: Sage.

Lara, B. de; Rangel, B.; Moura, G; Barioni, P. e Malaquias, T. (2016) **#meuamigosecreto - Feminismo além das Redes**. 1ª edição, Rio de Janeiro. Edições de Janeiro.

Leal, T. (2015). **A mulher poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro**. Disponível em: www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/disserta_tclcosta_2015. Acesso em: 07 de outubro de 2018.

Lemos, M. G. (2009). **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas**. Disponível em <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/5260/1/Marina%20Gazire%20Lemos.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2018.

Macedo, A. G. (2006). **Pós-feminismo**. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3): 272, setembro-dezembro. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a13v14n3.pdf>. Acesso em janeiro de 2020.

Machado, J. A. S. (2007) **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/soc/n18/n18a12.pdf>. Acesso em 10 de março de 2020.

Machado, A. R. (2018). **Das Suffragettes Ao Feminismo Hashtag: Uma Conversa Sobre Os Novos Feminismos**. Comunicon. - Congresso Internacional de Comunicação e Consumo. 2018. Disponível em http://anais-comunicon.espm.br/GTs/GTPOS/GT9/GT09_MACHADO.pdf. Acesso em 15 de abril de 2020.

Manso, A. G. (2007). **Cyborgs, mujeres y debates. El ciberfeminismo como teoría crítica.** Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales. 2007

Martins, A. P. A. (2015). **O Sujeito "nas ondas" do feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade.** Revista Café com Sociologia. V. 4, n. 1. Disponível em <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/443>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

Mansbridge, J. (1995) **"What is feminist movement?"**, in Ferree e Martin (coords).

Matos, M. (2010). **Movimento e Teoria Feminista: É possível reconstruir a Teoria Feminista a partir do Sul Global?** Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 18, n. 36, jun.

McRobbie, A. (2015). **Notes on the perfect: Competitive Femininity in Neoliberal Times.** Australian Feminist Studies, empowerment organizations. Continuum: Journal of Media & Cultural Studies, 30(83).

Medeiros, F. L. S. de. (2017). **Feminismo e neoliberalismo na contemporaneidade: uma "nova razão" para o movimento de liberação das mulheres?** in Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política. v. 26, n. 3. Disponível em <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/613>. Acesso em 11 de fevereiro de 2020.

Miranda, A. dos R. (2010) **Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento liberal e democrático a respeito dos direitos femininos (1759-1797).** Disponível em http://www.generos.ufpr.br/files/61ce-dissertacao_anadir.pdf. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

Mohanty, C. T. (2003) **Feminism without Borders.** Durham, NC: Duke University. Press. 2003.

Montardo, S. P. e Araújo, W. (2013). **Performance e práticas de consumo online: ciberativismo em sites de redes sociais.** Revista FAMECOS - mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 472-494, maio/agosto.

Moraes, M. L. Q. (2000) **Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças.** Crítica Marxista. São Paulo, n. 11, p. 95-96, 2000.

Mota, K. (2017). **Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país.** Revista Extraprensa, v. 11, n. 1, p. 108-127, 29 dez.

Narvaz, M. G. e Koller, S. H. (2006). **Famílias e Patriarcado: da Prescrição Normativa à Subversão Criativa**. *Psicologia & Sociedade*; 18 (1): 49-55; jan/abr. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2019.

Nogueira, C. (2001). **Construcionismo social, discurso e gênero**. *Psicologia* vol.15 no.1 Lisboa.

Oliveira, C. N. de. (2015). **Nas “Ondas” do Feminismo: Movimentos em avanço**. Coninter 4 - Congresso Internacional interdisciplinar em Sociais e Humanas, Foz do Iguaçu PR: UNIOESTE, 8 a 11 de dezembro.

Oliveira, D. C. de (2008). **Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização**. *Rev. enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, 2008 out/dez; 16(4):569-76. Disponível em <http://files.bvs.br/upload/S/0104-3552/2008/v16n4/a569-576.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

Oliveira, P. P. de. (2019). **A Quarta onda do feminismo na literatura Norte-Americana**. DOI:10.12957/palimpsesto.2019.42952. Nº 30 | Ano 18 | 2019.

Paglia, C. (2018). **Mulheres Livres, Homens Livres. Sexo, Gênero e Feminismo**. 1a edição. Quetzal Editores.

Paulilo, M. I. S. (2016). **Que feminismo é esse que nasce na horta?** *Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 15 - Edição Especial*.

Pedro, J. M. (2005). **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. *História, São Paulo*, v.24, N.1, PP. 77-98

Pedro, J. M. (2006). **Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978)** *Rev. Bras. Hist.* vol.26 no.52, São Paulo.

Pereira, B. C. J. (2018) **Amefricanas: branqueamento, gênero e raça**. *Cadernos adenauer* xix nº1 178. Disponível em https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=b9f0c81f-6484-b908-1806-e1e3a0e1febe&groupId=265553. Acesso em janeiro de 2020.

Pereira, M. A. (2011). **Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital**. *Compólitica. As. Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Política*. IV Encontro de Compólitica, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 13 a 15 de abril. Disponível em <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Marcus-Abilio.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2018.

Perez, O. e Ricoldi, A. (2018). **A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos**. 42o Encontro Anual da ANPOCS GT8 - Democracia e desigualdades. Disponível em

<https://www.researchgate.net/publication/332639884> **A quarta onda do feminismo**. Acesso em 20 de março de 2020.

Pinto, C. R. J. (2003). **Uma história do feminismo no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo.

Ribeiro, D. (2018). **Quem tem medo do feminismo negro?** Companhia das Letras.

Rigitano, M. E. C. (2003) **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente**. I Seminário Interno do Grupo de Pesquisa em Cibercidades, FACOM-UFBA. Outubro. Disponível em <http://bocc.ufp.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>. Acesso em 21 de março de 2020.

Rocha, F. de B. M. (2017). **A quarta onda do feminismo: o fenômeno do ativismo digital**. Disponível em http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6728/Fernanda%20de%20Brito%20Mota%20Rocha_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 12 de maio de 2018.

Saffioti, H. I. B. e Almeida, S. S. de. (1995). **Violência de gênero: poder e impotência**. Editora Revinter. 1ª edição.

Santos, E. e Nóbrega, L. (2004). **Ensaio sobre o feminismo marxista socialista**. Mneme. Revista de humanidades. V. 05. N. 11, jul./set. – Semestral. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/225/200>. Acesso em janeiro de 2020.

Saffioti, H. (2004). **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Schwartz, G. A. D. e Reis, P. V. A. (2018). **Os novos meios de comunicação e o papel sistêmico dos influenciadores digitais na sociedade da informação**. Revista diReito mackenzie ISSN: 2317-2622. Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/rmd/article/view/11849/7342>. Acesso em 12 de maio de 2020.

Silva, A. H. e Fossá, M. I. T. (2013). **Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos**. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Brasília. Disponível em <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ129.pdf>. Acesso em 03 de agosto de 2020.

Silva, E. A. da. (2013). **As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais**. Revista Angolana de Sociologia, 12. Disponível em <https://journals.openedition.org/ras/740>. Acesso em 28 de agosto de 2020.

Silva, G. de F. (2017) **Mulheres, raça e classe**. Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v.48, n. 2, p.369-376, jul./dez.

Siqueira, C. K. B. (2015). **As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no direito brasileiro**. In: Congresso Nacional do CONPEDI – UFMG/FUMEC/Dom Helder Câmara, 24., 2015, Florianópolis. Conpedi.

Stival, M. M. e Martins, N. L.de S. (2016). **O que é feminismo? O progresso histórico dos movimentos feministas e a conquista de direitos pelas mulheres**. V. 15, N. 1. Revista Jurídica, Janeiro–Junho, Anápolis/GO, UniEVANGÉLICA.

Strutzel, T. (2015). **Presença digital: estratégias eficazes para posicionar sua marca pessoal ou corporativa na web**. Rio de Janeiro: Alta Books.

Teles, M. A. de A. (1993). **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense.

Telles, N. (2004). **Escritoras, Escritas, Escrituras**. In: PIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. 7. ed. –São Paulo : Contexto

Terra, C. (2012). **Como identificar o usuário-mídia, o formador de opinião online no ambiente das mídias sociais**. Disponível em <http://revistarelacionespublicas.uma.es/index.php/revrrpp/article/view/106/80>. Acesso em 09 de novembro de 2018.

Vegh, S. (2003). **Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank**. In: MCcaughey, M., Ayers, M.D. (ed.). Cyberactivism: online activism in theory and practice. London: Routledge.

Whelehan, I. (1995). **Modern Feminist Thought: From the Second Wave to \Post-Feminism**. Edinburgh University Press.

APÊNDICES

Grelha 1: Análise Categrorial dos vídeos do canal Afros e Afins - Náataly Neri

Categorias	Componentes	Unidades de análise	
Reflexões em torno do feminismo	Aspectos históricos sobre o feminismo		
	Igualdade política		
	Igualdade salarial		
	Sexualidade		
	Violência doméstica e sexual		
	Igualdade de gênero	2	Nós acreditamos, eu principalmente acredito enquanto uma cientista social, que gênero é construção social. Então você não nasce sendo uma mulher.
			E eu acho que é problemático quando a sociedade já impõe que você tem que ser algo e que você não se identifica dessa maneira.
			O Brasil é o país que mais mata trans e travestis no mundo. Ao mesmo tempo é o país que mais procura por pornô trans. Então a sexualização por exemplo da mulher transexual, da mulher travesti é constante.
			Mulheres trans nem são tratadas como mulheres.
	Políticas relacionadas ao feminismo e suas pautas	1	A Lélia diz que sem a construção de uma irmandade negra na raiz nos movimentos sociais nunca teria havido uma irmandade de mulheres.
A Lélia explica também que não tem como a gente pensar em nenhuma questão de gênero sem pensar na questão racial.			
2		Eu Náataly, acredito que enquanto como uma feminista interseccional, que existe privilégios cis. Por questões óbvias como por exemplo o fato de eu não ser desrespeitada quando eu digo que eu sou uma mulher. Quando eu digo que sou uma mulher, as pessoas não questionam o fato de eu ser uma mulher. As pessoas não tentam colocar empecilhos para que eu me diga enquanto mulher.	

		3	talvez não concorde com o feminismo, não concorde com os movimentos sociais, você pode até ser de direita. Não sei. Mas a partir do momento em que você mulher, assume o seu black, colocar o pente garfo lá no alto, você tá negando essa sociedade.
		5	<p>é uma coisa que a gente julga muito em pessoas ativistas, quando vão a tv, a gente quer de alguma forma que a pessoa destrua às estruturas do patriarcado, do racismo, em tipo, em 15 minutos na TV aberta sabe. E isso é muito complicado.</p> <p>Outra coisa é você tentar elaborar um conhecimento, que seja positivo tanto para vocês e para os seus ideais, porque você acredita quanto que chegue às pessoas que estão te assistindo. Porque lembrando que são pessoas que muito comuns que estão assistindo. Que estão fora desse meio, dessas discussões, e você tem que tomar decisões.</p> <p>Eu acho que existe uma cobrança muito grande por parte de ativistas quando eles estão nos meios televisivos, porque as pessoas sempre me veem falando, ah o discurso foi fraco, ah mas o discurso isso, o discurso aquilo outro,</p> <p>existem ambientes que a gente consegue adaptar o discurso para alcançar mais pessoas.</p> <p>estar nesses espaços, como o programa da Fátima Bernardes, como o Amor e sexo, e vários outros programas televisivos que alcançam o grande público, não vai acabar com as bases do patriarcado, não vai acabar com o racismo estrutural, mas vai sim chegar a pessoas que eu e você aqui na internet os movimentos sociais não conseguimos alcançar.</p>
Experiências pessoais das criadoras de conteúdo	Percepções sobre o feminismo	1	<p>Existem dois momentos no ano importante para nós. O primeiro é novembro, quando a gente é chamada para falar sobre feminismo negro, para falar sobre ser mulher negra, como é ser mulher negra na sociedade, feminismo negro, mulher negra. E depois deveria ser março, quando a gente é estrategicamente esquecida ou invisibilizada minimamente, citada pontualmente, mas você percebe a mudança na narrativa</p> <p>no geral e eles não incluem a discussão acerca da mulher e ser mulher negra e quando fazem é muito no ar de recorte.</p> <p>Estamos recortando a experiência negra dessas mulheres partindo de uma experiência geral do que é ser mulher.</p> <p>Eu acho que a gente nunca mais tinha que falar movimento de mulher ou dia da mulher ou o que a mulher quer ou que a mulher precisa. Porque todas as vezes que a gente retira a pluralidade do nosso discurso, a gente tá partindo independentemente de ser nossa intenção ou não de uma perspectiva muito branca do que é ser mulher.</p> <p>não existe uma mulheridade única e guarda-chuva que vai conseguir dar conta das complexidades de ser uma mulher negra, de ser uma mulher trans, de ser uma mulher indígena no Brasil hoje.</p>

		<p>o que a Lélia quer enfatizar é que o próprio movimento feminista que bebeu tanto do movimento negro ainda hoje, tanto da época que ela escreveu, no final da década de 90, quanto em 2020 ainda tem práticas de exclusão racial.</p>
		<p>Então falar de um lugar de neutralidade de gênero por exemplo em que mulheres é uma categoria aleatória e geral é estar e não questionar essa estrutura de hierarquização, é estar falando só sobre mulheres brancas independentemente das intenções que às nossas estruturas, a forma como o nosso país foi formado faz com que não exista nenhum lugar neutro.</p>
		<p>A categoria mulher não existe. Porque a categoria mulher é mulher branca.</p>
		<p>E aí Lélia continua e diz que por conta disso as mulheres amefricanas e as ameríndias, amefricanas é como ela chama às mulheres negras, na América latina tem a primeira conscientização sobre a violência a partir do racial, ou seja, o primeiro contato, a primeira experiência do preconceito, da falta de direitos, da violência é por conta da sua condição racial seja elas mulheres negras ou mulheres indígenas.</p>
		<p>E aí no centro desses movimentos, e aí participando desses movimentos racializados no Brasil, que as mulheres negras e mulheres indígenas também tomam consciência da opressão de gênero.</p>
		<p>e aí as mulheres negras falam "Se nós não podemos estar aqui cem por cento porque o homem segue sendo sexista e machista independentemente de serem racializado ou não, vamos lá com às nossas companheiras mulheres" [...] e experimentam igual exclusão e igual invisibilidade quando elas encontram esse espaço de fala, esse espaço de discussão</p>
		<p>Não tem como juntar tudo. Porque se junta tudo embaixo de uma categoria que é generalizante, que é ampla, que tenta, que acha que abarca todo mundo, mas segue falando só sobre mulheres branca.</p>
		<p>não racializar o discurso o tempo inteiro ou seja não entender que a gente está falando de pessoas brancas, pessoas negras ou pessoas indígenas no Brasil já é fazer com que o racismo estrutural brasileiro e a nossa colonização altamente estratificada e desigual vença.</p>
		<p>a luta antirracista ela tem que estar, ela é parte, ela é necessária para que o feminismo para que o movimento de mulheres seja lá como ele se denomine, se construa. Não existe discussão feminista. Não existe mulher, essa categoria generalizante. Por que categoria generalizante é uma prática masculinizadora branca.</p>
		<p>Que eu tenho zero proximidade com um mês, 8m, #8m, porque para mim é um mês de pautas brancas.</p>
		<p>Bora parar de enxergar mulheres negras só em novembro. Bora parar de enxergar mulheres indígenas só quando alguma coisa acontece na Amazônia. Bora começar a falar sobre essas experiências e sobre o que é ser mulher na América latina de uma</p>

		<p>forma amplamente plural assim como nossa sociedade é.</p> <p>Toda vez que você for falar mulher, todas às vezes que você for falar movimento feminista, você imagina que as pautas são diferentes e que não há problema nisso. E que temos problemas diferentes para pessoas diferentes e uma sociedade altamente desigual e estratificada como a nossa é</p>
	4	<p>dá para ser feminista e funkeira? - dá.</p> <p>o meu problema não é o funk e sim a sociedade como ela foi construída.</p>
Vertentes feministas	1	Mulheres começam a se organizar e se falar feministas negras justamente por que experimentam essa primeira exclusão dentro do movimento de mulheres.
	2	no feminismo negro nós, enquanto mulheres negras, temos reivindicações que cabem também à Rosa e a outras mulheres trans negras. Mas existem especificidades.
		Eu acho que o trans feminino surgiu mesmo para conseguir empoderar outras mulheres e para que as nossas especificidades possam ser discutidas.
	3	o transfeminismo surge muito para isso, para reivindicar e discutir as nossas especificidades desse corpo trans.
	3	Entrando na universidade tive contato com o feminismo, feminismo de uma maneira mais ampla. E só depois, no segundo ano de faculdade eu tive contato com o feminismo negro.
Opressões sofridas por mulheres	1	forçando uma barra para enfatizar e mostrar que ela pode sim falar e ser outras coisas e que isso não limita ela de forma nenhuma. Isso aconteceu comigo, isso não acontece só comigo, isso acontece com mulheres negras nessa plataforma desde o primeiro dia que a gente chegou aqui.
		não são mulheres negras daí mulheres trans também frequentemente cai nessa armadilha patriarcal e branca, de serem limitadas às suas dores.
		Em novembro nós somos as mulheres negras e no mês da mulher nós somos invisibilizadas ou recorte, é como se às nossas experiências de racionalização, no caso de mulheres negras e mulheres indígenas ou nossas experiências de gênero e sexualidade no caso de mulheres trans nos afastássemos colocassem como um porém, como entretanto, como um recorte, como tem também essas outras mulheres.
		Mulheres negras estão expostas à misoginia tanto quanto e mais do que mulheres brancas. Mulheres negras sofrem com a sociedade capitalista e patriarcal que nós vivemos com as diferenças salariais tanto e mais do que as mulheres brancas. Mulheres negras sofrem com a dupla jornada de trabalho mais do que mulheres

		brancas porque é tripla.
		esse caráter duplamente biológico que mulheres brancas não têm, que no caso de mulheres negras é a raça e a mulheridade que nos coloca em uma situação de ainda mais e violência sofrimento.
		A Lélia fala no texto também que o proletariado das sociedades latino-americanas ou seja que trabalha, a força de trabalho, as pessoas que estão no lugar de vulnerabilidade, e que são explorados por aqueles que têm dinheiro são majoritariamente mulheres negras e mulheres indígenas.
	2	<p>existe sempre essa ideia, mas eu sei que você é uma mulher de verdade. Mas o que é uma mulher de verdade? Verdade isso é só mais um termo transfóbico porque existem mulheres cis e mulheres trans. E eu não sou menos mulher pelo fato de eu não ter nascido com a vagina.</p> <p>nós somos hipersexualizadas por sermos mulheres negras, a Rosa, por exemplo, é hipersexualizada por ser mulher negra e por ser mulher trans.</p> <p>Quando você pensa nessa figura da mulher trans, qual que o pensamento do senso comum? Relaciona essa figura a prostituição, a marginalidade, ao roubo; porque é assim que a sociedade e a mídia trata nossa figura.</p> <p>Tratar mulheres trans no masculino.</p>
	3	<p>Quando você é mulher negra você não tem nenhuma representatividade. Você não tem nenhuma tipo de autoestima, sua autoestima é devastada de todas as formas possíveis e de todas as formas imagináveis.</p> <p>Que menina negra era convidada para ser par na quadrilha? Eu nunca fui. Minhas amigas negras nunca eram. Que menina negra estava na lista extremamente machista das mais bonitas da sala? Nunca era a menina negra. Então a gente desde criança, além da televisão, ainda mais nas mídias, dos jornais, além de tudo o que te cerca, você ainda lida com situações reais.</p>
	4	todo ritmo musical ele vai ser machista. E ele vai ser racista e ele vai apontar, vai ter alguma coisa de apologia ao estupro porque é a sociedade.
	5	Sempre que mulheres negras estão falando suas dores, suas questões, sobre coisas pertinentes ao mundo, a realidade, não só às mulheres negras, mulheres, homens brancos se sentem no direito de questionar absolutamente tudo e de colocar a visão deles que na mente deles é absoluta e maravilhosa.

Grelha 2: Análise Categrorial dos vídeos do canal Alexandrismos - Alexandra Gurguel

Categorias	Componentes	Unidades de análise
Reflexões em torno do feminismo	Aspectos históricos sobre o feminismo	Começaram novas pautas a partir de recortes de gênero, sexualidade, racial, classe e começou a surgir as vertentes do feminismo. Aí muitas pautas começaram a ser discutidas e até segregar um pouco.
		As mulheres começaram a se dividir um pouco.
		O feminismo começou a surgir as vertentes e as mulheres começaram a ter lutas diferentes.
		Porque o feminismo começou a surgir as vertentes e as mulheres começaram a ter lutas diferentes. E aí com isso começou a gerar uma autocrítica do movimento, ou seja, o próprio movimento se problematizando.
		Então foi um pouco tipo vamos entender aqui quem somos, os recortes e as nossas vertentes
		E aí você quando souber das vertentes, você vai entender qual é a minha vertente.
		Qual é o caminho que a gente vai chegar nesse ideal comum, nesse lugar que a gente quer chegar, nesses direitos que a gente quer conquistar? A gente escolhe isso se chama vertente
		O que é o feminismo radical? Muita gente acha que o feminismo radical são aquelas mulheres que estão na rua, com o peito de fora escrito vadia e são mulheres que estão quebrando tudo, enfiando, falam coisas em vários lugares e tudo mais. O radical vem de raiz e vem acompanhado principalmente dos ideais da segunda onda do movimento feminista. Vem sempre da ideia da origem do biológico e não do extremismo, e acredita que só com a quebra da estrutura total é possível combater a opressão feminina.
		O feminismo negro já, por sua vez, um feminismo que tem por reivindicação principal as necessidades das mulheres negras, o preconceito e as diferenças históricas das mulheres negras com as mulheres brancas.
		assim como o transfeminismo é voltado para o olhar e as necessidades de mulheres trans travestis que querem lutar pelos seus direitos enquanto mulheres também que se descobriram mulheres.
		O feminismo liberal já, por sua vez, ele acredita na reforma política estrutural do país para que a gente chegue em uma igualdade, o que é uma coisa completamente diferente do que o feminismo radical acredita.
		O que é o feminismo interseccional? É o feminismo que ele busca olhar para a convergência das opressões.
E tem também outras vertentes do feminismo que não cabe aqui falar, tem muitas outras: tem o feminismo marxista, que é o feminismo que olha para as lutas de		

			classe e diferenças de classe e é um feminismo que às vezes é muito mal visto porque é um feminismo muito politizado
		10	Quando a gente fala que a nossa sociedade é machista, a gente fala das associações que fazemos com o ser mulher e o ser homem e o que essas associações significam na nossa sociedade.
	Igualdade política		A mulher não tinha direito a voto nada
		6	Essas reuniões todas que começaram a acontecer das mulheres se unindo deu origem ao movimento Sufragista. Foi a primeira luta das mulheres que a gente tem conhecimento, que era de direito ao voto. As mulheres só queriam poder votar como qualquer outro homem cidadão.
	Igualdade salarial	6	Sim, queremos ter o mesmo respeito, o mesmo acesso às mesmas possibilidades o mesmo salário
		7	você não concorda com o fato de que os homens ganham 20% a mais do que as mulheres e ambiente de trabalho exercendo a mesma função
			a gente tem que lutar por equidade entre os gêneros no ambiente de trabalho também, porque infelizmente também um é ambiente que contém muito assédio, muito machismo e muita merda.
		10	A gente quer poder alcançar os mesmos lugares nas empresas.
	Sexualidade		O machismo é a gente sendo tratada como objeto
		6	Começou a surgir nessa terceira onda do feminismo um movimento lésbico, feminismo lésbico, discutindo heterossexualidade compulsória, que é uma pauta que até hoje as pessoas não falam, não entendem, e não sabe, do que quer que é essa obrigação em ser hetero.
		10	vigilância completa sobre o corpo dela
			Uma mulher que se veste de outra forma é uma piranha, vagabunda.
			a mulher é propriedade do homem
		o corpo da mulher não é dela	
	Igualdade de gênero		Por que a nossa sociedade é construída de forma androcêntrica, ou seja, com o homem no meio de tudo regendo tudo
		6	Que era questionar o ser mulher, e o que é ser feminina, a feminilidade na sociedade. Ou seja, porque que o homem é superior a mulher, porque que o homem é melhor que a mulher, questionar essas coisas, começar a questionar essas as coisas

			Mas como é que a forma que se fala isso você tem que pensar nos recortes, nas pessoas que se veem como mulheres. Porque a própria Simone de Beauvoir trouxe isso trouxe essa percepção e esse questionamento do que é ser mulher.
		10	Esse é um estereótipo de gênero. A gente está falando que é mulher, por ser mulher, automaticamente ela é emotiva
			esse estereótipo de gênero eles são criados dos cinco aos sete anos de idade.
			mulheres são julgadas pela aparência e o homem pela sua capacidade.
			a nossa construção social ela é androcêntrica. O que que é isso? Que o homem é o centro. Os homens fazem e aplicam as leis.
	Violência doméstica e sexual	8	a cada 20 minutos no Brasil, uma mulher é estuprada. São 135 casos por dia
			se a gente for fazer uma projeção dos casos que as mulheres não acusam, elas não denunciam. elas não vão na delegacia, esse número sobe de uma mulher a cada 2 minutos e não a cada 20 minutos e são 855 mulheres por dia.
			são quase mil mulheres estupradas todos os dias
			só para você chegar até denunciar você passa por um milhão de homens você é toda violentada novamente, você é quase estuprada novamente para você conseguir isso
			nossa sociedade relativiza estupro
			Uma mulher é morta a cada duas horas no Brasil e isso é um dado que é um levantamento feito pelo g1 em 2018
			a maioria das vezes essas mulheres são mortas pelo próprio cônjuge, por familiares, violência doméstica.
	femicídio muitas vezes é uma coisa que começou na violência doméstica, culmina na morte da mulher, da mulher sendo assassinada		
	Políticas relacionadas ao feminismo e suas pautas	6	Sim, nós mulheres queremos ter os mesmos direitos dos homens
			Enquanto para as mulheres de elite elas queriam ter os mesmos direitos dos homens para poderem ser empreendedoras e ter o próprio negócio e votarem, o proletariado feminino estava querendo apenas o direito de poder trabalhar decentemente numa hora normal, ser mãe, poder ter uma vida.
O primeiro objetivo da segunda onda era lutar para que os direitos da primeira onda fosse mantido			
As mulheres elas conquistaram o direito de poder estudar, estudar nas universidades, a exercer profissões que eram só masculinas, como advocacia ou			

			escrever alguma coisa, ter obra publicada. As mulheres puderam começar a votar, ou seja, direitos básicos de um cidadão.		
			o primeiro deles é lutar para que essas conquistas da segunda onda fossem mantidas, ou seja, o que as mulheres começaram a conquistar. Conquistas como já discutir a pauta do aborto.		
			Mas começou a se falar de aborto e de outras conquistas no ambiente de trabalho várias conquistas que precisam ser mantidas		
			E o que que é a quarta onda do feminismo? Corpo, discutir corpo padrão estético, o body positive, o corpo livre, que eu trouxe essa tradução, discutir padrão, discutir gênero mais ainda pesado, discutir movimento negro mais ainda pesado.		
		8	eu tenho direito de fazer o que quiser com o meu corpo. O corpo é meu não é de mais ninguém.		
		9	as pessoas, militância, ficam brigando entre si e tudo que a gente quer, que a sororidade, que a união, que é fazer com que o nosso assunto chegue mais longe, simplesmente vai por água abaixo.		
		6	Percepções sobre o feminismo		O feminismo é uma luta por direitos iguais
					A gente vive uma sociedade patriarcal e machista
					O feminismo ele não quer que seja o contrário, que as mulheres estejam acima dos homens, isso seria o femismo. O que a gente quer é igualdade, a gente quer conseguir subir e se manter igual
	E um ponto que a gente precisa lembrar sempre é que as necessidades das mulheres diferem, ou seja, elas são diferentes de acordo com as classes sociais e com os recortes. É isso que eu estou falando: recorte de raça recorte, de gênero, vários recortes. E quando a gente vai recortando a gente vai vendo que nem todo mundo é igual, nem todas as mulheres são iguais.				
	o feminismo é a busca por igualdade entre os gêneros				
	Então lembre-se sempre de reconhecer o seu privilégio de reconhecer recortes.				
7				O feminismo ele luta pela igualdade de gêneros, luta para que a mulher e o homem estejam no mesmo patamar	
		o feminismo não quer que a mulher esteja acima do homem ele quer que esteja tudo igual em igualdade de gênero e igualdade de salários igualdade de oportunidades			
		O feminismo não quer que as mulheres estejam acima dos homens, é apenas uma questão de igualdade de se igualar			

Experiências pessoais das criadoras de conteúdo

		8	O feminismo ele é muito grande. Você pode ser feminista de várias formas de feminismo, tem vários feminismos.	
		9	Foi o feminismo super liberal falando sobre equidade de gênero, falando sobre equidade salarial, que a mulher tem que lutar pelos seus direitos, etc.	
			Não, feminismo não e só sobre isso. A gente necessita do feminismo para que a gente sobreviva, para que a gente exista.	
			Que bom que o feminismo não é só a igualdade salarial, que bom que o feminismo não é só essa coisa comercial que as pessoas falam. Feminismo é muito mais denso é muito mais profundo.	
		10	feminismo não existe, que feminismo é o que um monte de mulher histérica brigando, é muito líquido o movimento de militância no Brasil	
			apesar do direito conquistado, ainda existe o desafio de mudar práticas sociais para que o direito seja de fato consolidado, efetivado, especialmente no que se diz em respeito à autonomia em relação aos nossos corpos e no combate à violência.	
			O nome disso é sororidade. É a gente ser solidária com as mulheres, ter empatia com as mulheres e entender que cada uma tem a sua luta cada uma tem sua história e cada uma tem a opressão em cima.	
			A gente tem que entender que o feminismo não é o contrário de machismo	
			A gente quer ter a mesma igualdade de oportunidades que os homens para que todo mundo cresça junto.	
			Não é mulher em superioridade é mulheres em igualdade.	
			É apenas isso, igualdade de gênero. A gente quer os mesmos direitos.	
			o seu corpo ele tem que ser seu	
		Eu sou feminista, eu não odeio os homens.		
		Vertentes feministas	6	O feminismo radical tem várias problematizações, inclusive eu problematizo, porque tem um lado do feminismo radical que é um pouco transfóbico, que não aceita pessoas trans. Eu não estou falando que o feminismo radical é transfóbico, mas tem algumas falas e algumas formas que se fala no assunto ou outro que é transfóbico sim.
				Essas vertentes são como se fossem recortes.
O feminismo liberal também é muito criticado por às vezes ser um feminismo pra gringo ver feminismo pra fazer sucesso na internet para ganhar like para lacrar. Um feminismo muito aberto, muito liberal como o nome diz: tipo, todo mundo é				

		<p>feminista todo mundo isso e aquilo. Já me acusaram de feminista radical e de feminista liberal, são extremos.</p>
		<p>Mas o feminismo liberal é o feminismo que a massa conhece, é o feminismo que está na televisão. Já é falado na televisão como: as mulheres merecem ganhar mais que os homens, é o feminismo da mulher que não quer mais sofrer com um homem falando que ela não pode, é o feminismo da mulher que está começando a conquistar o direito de poder sair de casa da forma que ela quer, sem ela ter um homem mandando.</p>
		<p>E Alexandra, qual é a sua vertente do feminismo? É justamente o feminismo interseccional.</p>
	8	<p>Eu sou feminista interseccional e eu falo de várias vertentes do feminismo pensar interseccionalmente, entendendo diversas mulheres, diversas questões, diversas realidades, privilégios e vivências.</p>
	9	<p>Aquele feminismo do programa estava sendo um feminismo super liberal e comercial, um feminismo "ah, só quer dinheiro, só quer olhar coisa de gênero, só quer ganhar mais</p>
Opressões sofridas por mulheres	6	<p>Pensa que as mulheres e os homens naquela sociedade, daquele jeito que estava, não tinham abertura de mente como tem hoje, não tinha um banheiro para as mulheres poderem ficar lá entre elas e os homens entre eles. O que acontece, tinha muito estupro.</p>
		<p>E até para falar dessa diferenciação, porque as mulheres ganham menos que os homens no trabalho, beleza. Mas as mulheres negras ganham muito menos que as mulheres brancas.</p>
		<p>Mas as mulheres negras estão trabalhando para mulheres brancas, então não somos todas iguais assim.</p>
	7	<p>O que é o machismo? É o homem acima da mulher</p>
		<p>Mulher que se preza tem que sentar direitinho não pode se sentar toda arreganhada. Se não vai parecer um menino.</p>
		<p>E os nossos ciclos sociais julgam a gente se veem que estamos de short e a perna não tá depilada.</p>
		<p>Porque você tem que aprender que você tem que prezar pelo seu corpo, pelo seu ser, pelo que você é.</p>
		<p>Se você não estiver andando na linha, meu amor, adeus. Você não é feminina. Você não é uma mulher que se preza.</p>
		<p>Um fiu fiu é um assédio</p>

	8	você acha errado quando alguém fala que você não pode fazer alguma coisa por ser mulher
		A gente é colocada abaixo dos homens, a gente é subjugada aos homens se você acredita que a gente é vista de outra forma e tratada de outra forma, a nossa capacidade é diminuída
		As meninas são criadas para serem bonitas, lindas, belas frágeis, delicadas, seguiram um padrão comportamental estético.
		você acha um absurdo uma mulher, quando acusa um cara de estupro, ser totalmente julgada na vida dela enquanto o cara tá lá de boa.
		O Brasil é um país machista, patriarcal, onde a mulher é sempre colocada como inferior, é sempre colocada como objeto e objeto de abuso de assédio de violência.
		A gente é criada para achar que a gente tem que ser mãe
		o machismo é a raiz de tudo isso
	9	Mansplaining, por exemplo, é quando o cara tá tentando explicar para a mulher uma coisa que ela viveu uma coisa que ela está tentando falar
		Maninterrupting, o cara vai lá interrompe você em muitas situações pode ser para te explicar uma coisa que você já sabia, ou porque ele acha que o que você falou não é válido
		homem, querendo explicar pra mulher o que é feminismo, não é um lugar de fala dele.
		É isso é assim que a gente é vista quando a gente vai lutar pelos nossos direitos, nós somos vistas como animais, a gente tem que ser mais fofo e mais maternal e mais tranquila para poder falar com ele, para poder falar com o cara, sabe, para poder explicar, e lugar de fala não existe.
	10	Não foi do dia pra noite que o machismo foi construído e instalado. Ele não é fruto de algo atual e sim acompanha as culturas das quais somos herdeiras há milênios, por isso o machismo não tem origem, nacionalidade e nem precisa de outros sistemas e classes sociais para existir.
		o machismo está presente em todos os tempos históricos que temos conhecimento
		tudo o que rege o ser humano, foi e continua sendo moldado por esse sistema machista.
E essa suposta diferença se torna uma desigualdade quando essa emotividade que a gente associa ao ser mulher é entendida como negativa em espaços que concentra o poder e prestígio na sociedade.		

		<p>ponto central do sistema patriarcal machista que é eterna vigilância sobre o corpo da mulher ou seja a mulher é vista como uma posse.</p>
		<p>88 anos atrás as mulheres ainda estavam judicialmente vinculadas a um homem seja marido ou o pai, sendo de fato uma propriedade masculina</p>
		<p>as mulheres não tinham direito ao voto, precisavam dos homens para ter acesso ao estudo, trabalho e vida social</p>
		<p>Você não pode decidir sobre o futuro de algo que está dentro de você. Seu corpo não é seu, é dos homens que te estupraram.</p>
		<p>a mulher precisa ser perfeita nos seus comportamentos, na forma como se expressa</p>
		<p>Pressão estética. Por isso que ela nasce no machismo</p>
		<p>A mulher ela vai ser criticada em toda a sua aparência.</p>
		<p>Peso e aparência da mulher é tratado como assunto público como se ela tivesse sempre precisando primeiro ser aprovada como enfeite, com uma fachada comercial para só depois ela poder ser avaliada como profissional.</p>
		<p>O impacto disso tudo na vida da mulher varia de problemas com autoestima e insatisfação constante com o próprio corpo</p>
		<p>Mulheres diferentes sofrem de forma diferente diante desse imenso monstro que é o mercado. Mulheres negras sofrem de uma forma. Mulheres gordas sofrem de uma forma, mulheres lésbicas sofrem de outra forma. Mulheres trans sofrem de outra forma. Mulheres magras sofrem de outra forma, em menor ou maior grau tem mulheres que sofrem muito mais do que a pressão estética pura e simplesmente. Uma mulher gorda negra lésbica e trans por exemplo sofre muito mais que uma mulher magra e branca e héteros cis.</p>
		<p>quando uma mulher julga a aparência de outra mulher ela vai reproduzindo o machismo.</p>
		<p>A gente quer poder ter o direito de viver, de existir, de ser como quiser sem ser julgada pela aparência ou por como nós somos. A gente só quer existir.</p>

Grelha 3: Análise Categorical dos vídeos do canal Louie Ponto

Reflexões em torno do feminismo	Aspectos históricos sobre o feminismo		
	Igualdade política		

	Igualdade salarial		
	Sexualidade		
	Violência doméstica e sexual	11	O Brasil é o quinto país no ranking de violência contra a mulher
	Igualdade de gênero		
	Políticas relacionadas ao feminismo e suas pautas	11	Se alguém tem vivência para falar sobre a opressão que as mulheres sofrem, as violências que as mulheres sofrem, são as mulheres.
eu acho extremamente importante essa desconstrução e que cada vez mais mulheres falem sobre opressão de gênero e que esse discurso seja interseccional, ou seja, que a gente não fale mais sobre mulher como esse sujeito único e universal. Mas, como várias possibilidades de existências e de corpos entrecortados por diferentes formas de opressão e isso vai causar confusão, isso vai incomodar.			
13		a gente não pode falar sobre violência sem fazer recortes de raça, de classe, de gênero e de sexualidade também.	
14		Não é interessante para uma sociedade machista. Sério, um grupo de mulheres em que estão ali para contestar coisas, estão ali para se apoiar.	
		estimular que as mulheres elas se estabeleçam como um grupo não com essa rivalidade então a partir do momento em que você para de questionar feitos de outras mulheres ou que por exemplo que você duvide.	
		Vamos consumir o trabalho de mulheres.	
			Eu acho que a gente tem que incentivar sim a força criativa feminina porque temos muito potencial, porém a gente passa, gasta muito tempo brigando por questões tão simples, ao invés da gente ficar brigando entre nós, vamos nos apoiar que eu tenho certeza que vamos elevar na sociedade com muito mais facilidade.
Experiências pessoais das criadoras de conteúdo	Percepções sobre o feminismo	11	o feminismo não é uma empresa registrada ou uma instituição com regras definidas que precisam ser respeitadas pelas suas funcionárias feministas. Inclusive é falsa essa concepção de que existe uma unidade no feminismo, na verdade, existem feminismos, no plural.
			Mulheres ao redor desse planeta imenso escreveram, escrevem e vão escrever sobre feminismo.
			Existem concepções e abordagens diferentes dentro do feminismo porque as pessoas são diferentes, os lugares são diferentes, as pautas são diferentes.

		<p>Pessoalmente, eu não gosto muito desses termos, mansplaining, mas interrupting, gaslighting [...] porque eu não acho que eles sejam acessíveis.</p> <p>Pra mim o feminismo e qualquer tipo de conhecimento precisam ser acessíveis, eu preciso conversar sobre isso com todas as pessoas.</p>
	Vertentes feministas	
	Opressões sofridas por mulheres	<p>11</p> <p>é isso que acontece com mulheres que se posicionam que são firmes, que fazem críticas contundentes e que às vezes não falam sobre determinados assuntos de forma delicada e com toda a paciência do mundo. Essas mulheres são chamadas de doidas, exageradas, histéricas, mal educadas.</p> <p>me incomoda quando eu vejo mulheres se posicionando contra outras mulheres em situações de machismo e misoginia.</p> <p>Quem sempre teve autorização para falar numa sociedade machista e racista? Os espaços de fala e de poder sempre foram ocupados por homens e por homens brancos.</p>
		<p>12</p> <p>a gente é oprimido pela mesma estrutura você tá entendendo? Essa estrutura que sustenta pensamentos e ideologias misóginas, e racistas, e lgbtfóbicas</p>
		<p>rivalidade feminina é essa noção que a gente entende que outra mulher é a nossa inimiga.</p> <p>Eu sempre ouvi que mulher é fofoqueira, que mulher é falsa, que não é bom ter amiga mulher</p> <p>A gente escuta isso. Inclusive dos próprios caras. Para conquistar. Tipo você é uma mulher diferente das outras.</p> <p>esse lance de ser diferente das outras é fazer parecer com que existe uma mulher boa e uma mulher ruim. E não existe isso.</p> <p>Até porque a gente não está diminuindo uma mulher. Uma figura individual. A gente está diminuindo a figura social da mulher.</p> <p>Não é nossa culpa que a gente tem esse tipo de pensamento. Na verdade, é um pensamento que é estimulado desde que a gente nasce por uma sociedade que é machista. Que é útil para essa sociedade que a gente pense assim. Porque é útil que a gente não se una. É útil que a gente brigue entre si.</p> <p>É muito mais fácil você desestruturar uma mulher de cada vez do que você desestruturar um grupo</p>
		<p>15</p> <p>Só que a gente sabe que a internet tá dentro da sociedade, a sociedade é machista, é racista, é lgbtfóbica</p>

			ser mulher é uma condição para medir a sua qualidade em qualquer coisa na vida
			No nosso caso já rolou do tipo... um cara, um funcionário da empresa de som, que a gente vai tocar achar que eu não sei alguma coisa, ou achar que eu sei menos... ele não precisa nem verbalizar isso, mas só o jeito dele falar
			esse tratamento ele representa sim um padrão de comportamento de achar que a gente precisa ainda provar alguma coisa
			A sensação que eu tenho é que a gente tem que dar 10 passos que o cara deu 1 pra chegar no mesmo lugar
			o seu gênero vai dizer se você sabe ou não fazer alguma coisa? Não!
			Eu acho que isso tem muito a ver com a ideia que se espera da mulher, né? Que a mulher é pra ser o quê? É pra ser bonita é pra: ah nossa que delicada. Mas nunca pra ser competente
			as meninas são ensinadas a se preocuparem em ser bonitas. Não a serem, corajosas, a estudar.
			[sobre o Loolapalooza] 20% do lineup era composto por mulheres, uma mulher negra só, acho que duas, perdão.
			já é difícil para mulheres chegarem a alguns espaços. Mas tem outras mulheres que são ainda mais apagadas e invisibilizadas da história, né? Que são tipo, mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres lésbicas, bissexuais, mulheres trans... é uma estrutura que vai oprimindo e apagando a gente em muitos níveis
			a gente sabe que a presença de mulheres lésbicas, de casais lésbicos, na mídia, nas novelas, nos filmes ainda é pouca

Grelha 4: Análise Categorial dos vídeos do canal Tese Onze - Sabrina Fernandes

Categories	Componentes		Unidades de análise
Reflexões em torno do feminismo e suas pautas	Aspectos históricos sobre o feminismo	16	Quando você ouve falar por aí de primeira, segunda, terceira onda do feminismo, geralmente está relacionado a um contexto europeu e americano que não é exatamente o contexto em que isso se deu aqui no Brasil.
			como que o feminismo negro foi fundamental pra ela entrar nesses debates que eram muito de feministas brancas e em alguns casos, de feministas brancas burguesas. Que isso é algo que as feministas socialistas sempre bateram de frente.
			O feminismo negro vai chegar questionando: "calma aí, essa experiência de mulher, de ser mulher na sociedade de opressão, ela não é tão universal assim.

		<p>Tem algumas diferenças e essas diferenças são, na verdade, fundamentais em relação como a nossa sociedade se organiza.</p>
		<p>Os feminismos plurais hoje em dia estão em vertentes em epistemologia, em metodologias e aí em movimentos.</p>
		<p>Existem diferentes vertentes do feminismo e aí cada vertente tem uma posição diferente sobre a origem da opressão da mulher e o que precisa ser feito em termos de práxis para acabar com essa opressão.</p>
		<p>O feminismo liberal ele é condizente com o capitalismo então ele pode até reconhecer a desigualdade econômica, ele pode até reconhecer isso, mas ele não é anticapitalista ele vai tentar mediar capitalismo, humanizada, etc.</p>
		<p>O feminismo pós-moderno ele difere do feminismo marxista porque o feminismo marxista é moderno.</p>
		<p>O feminismo radical ele se coloca como materialista especialmente por conta da influência das feministas materialistas francesas</p>
		<p>O feminismo marxista ele não é só materialista ele é do materialismo histórico</p>
	17	<p>O que algumas feministas identificam como esse feminismo materialista é um guarda-chuva de teorias feministas que possuem um pouco de base do feminismo marxista mas com uma certa consideração pelo feminismo radical</p>
		<p>No geral esse feminismo materialista ele alimentou muitos debates no final do século passado ao redor de uma teoria de dois sistemas semi autônomos, que seria então o capitalismo um sistema e outro seria o patriarcado, e depois essa teoria desenvolveu, virou três sistemas incluindo também a questão racial.</p>
		<p>O feminismo materialista tem problemas de origem mesmo pra ele ser considerado uma vertente</p>
		<p>Além das vertentes, existem os feminismos epistêmicos ou epistemológicos, que são epistemologias ou perspectivas baseadas em localizações distintas de sujeitos políticos, as vertentes e os feminismos epistêmicos normalmente não se excluem!</p>
		<p>Quando a gente fala de intersexualidade por exemplo isso trata da interação entre esses feminismos epistêmicos e uma vertente.</p>
		<p>A vertente dá o tom político de projeto, de luta, de entendimento do que deve e pode ser feito e a epistemologia da experiência consciência prática ela informa onde agir, a partir de onde agir traz pra luz coisas para a vertente ficar atenta, para a vertente entender melhor e até mesmo pra vertente incorporar.</p>

		<p>Alguns exemplos de feminismos epistêmicos então, são: feminismo negro, feminismo classista, o feminismo indígena, o ecofeminismo, trans feminismo, o feminismo descolonial, o puta feminismo, o feminismo cristão e por aí vai.</p>
		<p>as vertentes elas interagem com os feminismos epistêmicos mas dentro das fronteiras da sua concepção teórica</p>
		<p>o feminismo classista ele é uma posição sobre o feminismo na classe trabalhadora a partir da classe trabalhadora então ele não é necessariamente marxista também não.</p>
		<p>o feminismo marxista é a vertente porque dá perspectiva teórica, orientação política e é em termos de lugares de saber e de luta de epistemologia</p>
		<p>O feminismo classista ele se informa a partir da base de mulheres trabalhadoras</p>
		<p>o feminismo socialista é como feminismo marxista, vertente, se expressa politicamente num movimento</p>
		<p>Intersexualidade não é, não é, nenhuma vertente do feminismo, nem o feminismo epistêmico</p>
		<p>Intersexualidade é uma metodologia que vai nos atentar para as relações entre as estruturas de opressão e como as pessoas e os grupos se localizam nessas intercepções e como as experiências delas são moldadas</p>
		<p>como metodologia, até interseccionalidade considera as epistemologias diversas, mas ela não orienta diretamente o que fazer com elas</p>
		<p>a interseccionalidade, ela é na verdade uma metodologia de relação dos feminismos epistêmicos e se apresenta como uma forma das vertentes entenderem essas relações</p>
		<p>na interseccionalidade nenhuma estrutura, pela metodologia aparece como mais determinante do que a outra, porque a interseccionalidade ela na verdade ela ajuda acolher os saberes e entender essas evidências empíricas concretas de pesquisa, mas ela sozinha ela não indica exatamente como interpretar o todo nessas relações.</p>
		<p>O feminismo marxista por exemplo [...] ele tem engajado sim com interseccionalidade e mais ainda, mais ainda mesmo, com o conceito da consubstancialidade.</p>
		<p>O feminismo marxista quando engaja com a interseccionalidade é para trazer a análise dessas estruturas todas, e compreender a relação interseccional entre elas, só que por ser marxista esse feminismo ele compreende isso do ponto de vista do materialismo histórico e enfatizando as relações econômicas entre essas estruturas e que geram tantos efeitos opressores.</p>

		<p>o feminismo marxista questiona uma visão de mundo, de estruturas distintas que simplesmente interagem entre si.</p> <p>o feminismo marxista, ele entende a estrutura econômica como determinante, só que não determinista, então não é pra falar que raça, gênero e classe é tudo igual, mas nem só que só tem classe</p> <p>Como vertente o feminismo marxista ele vai compreender essas metodologias aí vai interpretar de acordo com a estruturação econômica</p> <p>como metodologia a interseccionalidade ela surge justamente num momento histórico para trazer a questão da mulher negra como o central para confrontar, umas suposições homogêneas sobre a sociedade de classes é por isso que muitas feministas negras são interseccionais,</p> <p>feministas anticapitalistas têm trazido muito mais da interseccionalidade como algo muito importante</p> <p>a parte da vertente é muito importante, que ela diz pra gente sobre o que fazer</p> <p>O feminismo liberal por exemplo, porque ele individualiza questões, ele acaba sabendo se apropriar até mesmo da interseccionalidade</p> <p>o feminismo marxista seria uma epistemologia pro marxismo</p> <p>quando o grupo de discussão é o feminismo aí o feminismo marxista passa a parecer como vertente do feminismo</p> <p>movimento feminista marxista age como uma epistemologia para o marxismo, mas ele é uma vertente do feminismo.</p> <p>o movimento feminista socialista ele vai ter umas ideias enquanto o movimento feminista capitalista ele pode ter outras</p> <p>no movimento feminista socialista você tem majoritariamente feministas marxistas, que estão inseridas num movimento socialista</p> <p>o movimento feminista anticapitalista, que é muito mais amplo que o socialista, a atuação política é anti capitalista, mas as vertentes ali dentro podem ser marxista, radical, anarquista e até mesmo pós moderna</p>
	Igualdade política	
	Igualdade salarial	
	Sexualidade	

Violência doméstica e sexual	17	Quando a gente luta contra a violência contra a mulher, o movimento feminista como um todo concorda aí ele é o movimento feminista.
	19	Hoje vou falar de estupro e o que define o estupro e de violência sexual no geral e principalmente de consentimento.
		No geral a resposta para a pergunta o que é estupro é: sexo sem consentimento. Toque sexuais sem consentimento.
		Estupro é constranger alguém mediante violência ou grave ameaça a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ela se pratique outro ato libidinoso
		na esquerda e no feminismo a gente fala muito da cultura do estupro, de como mulheres são sexualizadas, objetificadas e tudo mais e que homem não deve estuprar.
		a imagem de estupro que a maioria dos homens e algumas mulheres têm na cabeça? Do estupro grotesco, caricato, estilo de filme de Hollywood; cheio de violência.
		Só que violência, agressão sexual não ocorre só assim. Ocorre quando fazem com você algo que você não quer, não consentiu.
		falar de agressão sexual demonstra que há várias formas de burlar ou ferir o consentimento de alguém
		tem muita pesquisadora que trabalha com isso mostrando que muitos os homens que cometem algum tipo de agressão sexual não são grandes monstros sádicos, eles costumam ser homens comuns que nem entendem que realmente fizeram algo errado, algo violento algumas das vezes.
		Porque é assim que a cultura do estupro funciona. Ela normaliza ações violentas contra a mulher como coisas simples e se a mulher reclama não passaria de um mal entendido
		Lembra aquela coisa da gente parar de culpabilizar e vigiar os corpos das mulheres em vez de ensinar os homens a não estuprar? É isso.
		Nossa sociedade normalizou essa coisa de mais de que não é charminho, que o cara tem que convencer, que não é apenas cú doce, isso é ruim pra caramba porque normaliza a ideia de que pressão masculina às vezes até percepção é necessária para fazer surgir um sim.
		Vencer alguém pelo cansaço na hora da relação não é um sim espontâneo e voluntário e entusiasmático
	não vamos aceitar ninguém culpabilizar uma vítima por ter bebido ou usado algo	

			Isso é importante para as mulheres perguntarem até que ponto conseguem consentir livremente, importante para os homens também bebendo ou não conversarem sobre a natureza do consentimento, pedir consentimento prévio e também descobrir até que ponto da bebedeira a outra pessoa aceita participar de um ato sexual.
Igualdade de gênero	18		a partir do gênero, meninas são socializadas para vestir rosa e meninos para vestirem azul
	20		O mansplaining ocorre quando um homem supõe ter mais conhecimento que uma mulher ou um grupo de mulheres e se propõe a explicar alguma coisa para elas de forma bastante paternalista.
			o mansplaining é caracterizado por essa conotação condescendente. É voltado para corrigir o pensamento da mulher e invalidá-lo.
			Uma característica principal do homensplicar se refere a uma suposta hierarquia do conhecimento. Essa hierarquia é tradicionalmente ligada à época em que os homens eram os detentores principais do conhecimento formal e que seu papel era liderar, ensinar, explicar as coisas para as mulheres que supostamente não sabiam nada. [...] podem ter conotações de raça e classe
			Isso ocorre porque se ignora a possibilidade de que a mulher possa realmente saber do que tá falando, ou até mesmo ser uma especialista naquele assunto.
			A interrupção é uma característica comum em atos de mansplaining. Além de interromperem, nunca deixam a mulher falar.
			O tom paternalista do ato de homensplicar pode ser bastante escrachado no sentido de "senta aí, mocinha que eu tenho que explicar um pouco do mundo para você".
	A maior parte dos casos de mansplaining tem a ver com homem silenciando mulheres, as interrompendo e falhando em interpretar atenciosamente o que elas têm a dizer.		
Políticas relacionadas ao feminismo e suas pautas	16		como é que a gente pode engajar as mulheres numa luta muito real que contemple não somente as mulheres da academia,
	17		Principalmente aquelas pautas imediatas como no caso da luta contra a violência doméstica, a luta por direitos sexuais e direitos reprodutivos, a luta por mais mulheres sendo ouvidas,
	19		Na cultura do consentimento a narrativa central é de consentimento mútuo. Ninguém é forçado a fazer nada. [...] Esta circunstância tem que ser voluntária sem coerção, sem pressão, sem violência psicológica ou física ou ameaças ou manipulações

		<p>Consentimento na nossa sociedade que mexe com os valores e que é sim impregnado pela cultura do estupro não é um consentimento absolutamente livre,</p> <p>a gente precisa trabalhar tanto para que os homens respeitem o consentimento como para que mulheres compreendam melhor o seu comportamento sexual e como elas consentem</p> <p>Existe por exemplo o consentimento prévio, tem também o consentimento não verbal. O importante é que a gente trabalhe para que ele seja notável</p> <p>Por isso a gente trabalha há um tempo já com a ideia do não é não.</p> <p>vamos também começar a falar de como o consentimento pode ser dado livremente quando há o uso de entorpecentes.</p> <p>aqui vão alguns exemplos de não sendo não: eu queria ficar sozinha, é não. A gente bebeu demais, é não. Vamos só dormir, é não. Agora não, é não. Sai daqui, é não. O silêncio normalmente combinado com linguagem corporal apreensiva, é não. O silêncio sozinho melhor conferir com a linguagem verbal ou não verbal caso ela também seja, é não. Mudei de ideia, é não. Não tô afim, é não.</p>
<p>Experiências pessoais das criadoras de conteúdo</p>	<p>Percepções sobre o feminismo</p>	<p>20 tanto mansplaining, quanto slutshaming, gaslighting and bropropriating, ainda não foram traduzidas de forma clara para serem popularizadas.</p> <p>16 como que o feminismo precisa ser anticapitalista</p> <p>O patriarcado é uma estrutura de benefício a homens e de opressão a mulheres</p> <p>As mulheres tocam a luta feminista com os seus debates, as suas construções, com acolhimento, com desbravamento de espaço e de horizontes, também.</p> <p>Então, não estamos pedindo e nem precisamos de reforço dos homens na linha de frente aqui,</p> <p>são as mulheres que vão estar ali para acabar com o patriarcado</p> <p>18 Quando o assunto é machismo, tem muito o que homem pode fazer, sim, e tudo o que homem pode fazer começa com um passo principal que é: escutar. É preciso escutar as mulheres, ouçam as mulheres, entendam as mulheres, não façam pouco caso da luta feminista e compreendam que quando contradições surgem nessa luta,</p> <p>homens que querem falar mais de feminismo precisam escutar e entender e, a partir disso, provavelmente vão concluir que, na verdade, eles não precisam falar do movimento feminista e como ele deve agir, mas sim sobre machismo</p> <p>para não ser apenas mais um homem falando de feminismo, tutelando mulheres, e colando em si próprio o selo "mais feminista que eu?", faça o que homens têm</p>

		<p>acesso privilegiado para fazer: corrija e engaje outros homens, trabalhem nos seus círculos, trabalhe consigo mesmo.</p> <p>Eu, como mulher branca, por exemplo, eu aprendo muito com feministas negras sobre coisas que eu nunca, nunca questionei antes, e coisas que eu tinha normalizado, e eu faço isso com escuta</p> <p>quando o assunto é patriarcado, esse entendimento de opressão não é sobre vocês, homens, é sobre mulheres, o que vocês devem fazer é adquirir, sim, conhecimento sobre isso e usar esse conhecimento para combater o machismo em vocês e na socialização dos outros</p>
	Vertentes feministas	<p>Eu, na verdade, encaixaria a bell hooks como uma autora negra, do feminismo negro, de uma vertente pós-moderna</p>
16		<p>ler bell hooks me faz também uma feminista marxista melhor</p> <p>uma das minhas coisas favoritas desse livro, [...] este livro aqui bate com muita força no feminino liberal,</p> <p>o feminismo marxista está em construção. Nós estamos construindo este feminismo, essa vertente, neste momento.</p>
17		<p>o feminismo marxista é a posição que eu defendo aqui pra vocês</p> <p>Vertente não é mais importante que a epistemologia. Então, um feminismo a não ser vertente nessa tipologia aqui que estou fazendo não faz feminismo menos importante</p> <p>Essas vertentes elas não são compatíveis entre si, mesmo sendo que mulheres que militam em vertentes diferentes elas podem acabar colaborando em várias pautas.</p> <p>têm o feminismo liberal, tem o feminismo radical, tem um feminismo marxista, tem feminismo anarquista, tem o feminismo pós-moderno e já teve até o feminismo cultural</p> <p>Tem também um feminismo materialista que costuma na verdade abarcar pensamentos de feministas marxistas e de feministas radicais e um dos elementos até do anarco feminismo uns elementos do feminismo cultural</p> <p>O feminismo materialista pra mim pra mim não cumpre os requisitos de ser uma vertente.</p> <p>o anarco feminismo ou feminismo anarquista do feminismo marxista é a concepção marxista da sociedade, é o tratamento do estado por exemplo mas elas acabam sendo as vertentes mais próximas em prática na minha opinião</p>

		<p>eu não considero o feminismo materialista uma vertente mas na verdade algo tipo uma perspectiva guarda-chuva, que é meio solta, que tem contradições internas porque inclusive nasce justamente fazendo uma crítica caricata ao feminismo marxista</p>
		<p>Você pode ter um feminismo negro marxista que vai estar informando a situação concreta das mulheres negras a partir e para o marxismo e aí o ecofeminismo marxista, o trans feminismo marxista e por aí vai.</p>
		<p>O feminismo cristão em si aí não tem feminismo cristão marxista, tá bom? Mas tem sim feminismo cristão socialista</p>
		<p>é por isso que não tem trans feminismo radical, por exemplo</p>
		<p>Então toda feminista marxista é uma feminista socialista mas nem toda feminista classista é uma feminista marxista ou socialista</p>
		<p>se alguém normalmente se diz "ah eu sou feminista interseccional" isso indica que ela leva em conta provavelmente raça, classe, gênero, sexualidade, etc. Mas não informa, não te diz muita coisa sobre como a luta e o projeto sociedade interagem com essas intersecções</p>
		<p>eu já vi sim feminismo que tem interseccionalidade, mas ele é liberal</p>
		<p>é bom fazer o exercício completo de pensar o seu feminismo de acordo com essas abordagens</p>
		<p>Para outras pessoas, vertente pode significar uma outra coisa, vertente e epistemologia podem ser a mesma coisa, mas pra mim, eu acho isso problemático porque isso acaba favorecendo umas interpretações ou reducionista ou relativistas.</p>
		<p>acho que esse uso da palavra vertente geralmente ele é feito pra falar de forma genérica de vertente como uma linha de pensamento</p>
		<p>Acho que muita gente fala do feminismo negro como vertente por conta do grande peso da contribuição dos debates de feministas negras.</p>
		<p>E o pessoal fala vertente por conta da diferenciação mesmo</p>
		<p>debates feministas liberais acabam se tornando os debates mais comuns que a esquerda faz de feminismo</p>
		<p>quem se considera [...] feminista anticapitalista [...] peço que ajude a filtrar essas ideias liberais</p>
		<p>meu movimento, que é o feminismo socialista</p>

Grelha 5: Análise Categorical dos vídeos do canal Thiessita - Thiessa Woinbackk

Categories	Components		Units of Analysis
Reflexões em torno do feminismo	Aspectos históricos sobre o feminismo		
	Igualdade política		
	Igualdade salarial	23	Uma amiga minha ela tinha o mesmo cargo de um amigo meu, o mesmo, o mesmo, faziam as mesmas coisas. Ela recebia menos.
	Sexualidade		
	Violência doméstica e sexual	24	Quando alguém te fala sobre violência contra a mulher, qual que é a primeira coisa que vem à sua cabeça? [...] provavelmente você deve ter pensado assim como eu [...] agressões físicas, agressões sabe tipo de murro, de tapa, de tudo relacionado à físico
			Existem cinco tipos: a moral, a psicológica, a patrimonial, [...] sexual e a física.
			Dentro da moral nós temos: calúnia, que é acusar falsamente alguém de crime. Injúria, ofensa à dignidade de formação ofender a reputação da pessoa. Temos a psicológica dentro da psicológica se encaixa: é a pessoa que te humilha, que te insultada, que te persegue, que te ameaça.
			dentro da patrimonial, que foi a que eu mais fiquei chocada é: a pessoa que controla o seu dinheiro, não te deixa escolher o que comprar, destrói os seus objetos, não te deixa trabalhar e oculta seus bens e propriedades.
			Dentro da sexual: a pessoa que te pressiona a fazer alguma coisa que você não quer, a que te exige práticas que você não quer, é aquela pessoa que se nega a usar preservativo
			tem a física que é aquele cara que te empurra de agride, te chuta, te marra, te bate,
a Lei Maria da Penha que se eu não me engano é a terceira melhor e maior do mundo			
várias mulheres morrem todos os dias por conta disso.			
Existente a Lei, mas, ela ao mesmo tempo que ela ajuda mulheres ela mata mulheres. Não ela, mas assim pelo fato dela existir se alguém denuncia			
Só depende de uma coisa. A relação de poder que o homem acha que tem sobre a mulher.			
Igualdade de gênero			

	Políticas relacionadas ao feminismo e suas pautas	21	E eu acho que as mulheres estarem ouvindo sobre tudo isso sobre se aliar, sobre feminismo, sobre o machismo, sobre não aceitar qualquer piadinha entre muitas aspas machistas porque na verdade isso é o fruto de uma coisa que mata, que bate, que espanca as mulheres. Isso é fruto disso. Isso não é uma piada, isso não é uma brincadeira.
			por ela ser construída totalmente dentro do patriarcado eu acho que ela precisa se desconstruir muito. Mas ela precisa ser aberta pra isso.
			em canal aberto a gente vê no jornal o homem matando a mulher. Que é feminicídio.
		23	a gente está lutando cada vez mais para desconstruir isso, mas, como isso vem em um patriarcado. Isso é uma coisa muito estruturada a gente precisa ir muito a fundo ainda e discutir mais e mais para as pessoas terem noção.
Experiências pessoais das criadoras de conteúdo	Percepções sobre o feminismo	22	Ella feminista, maravilhosa, o que você acha sobre pessoas trans dentro do feminismo?
			Porque o feminismo não é uma coisa unificada.
		para mim que o feminismo tem de mágico, é porque a gente se identifica.	
	23	Que é uma imagem ser feminista é libertador.	
	Vertentes feministas	23	você encontra dificuldade em ser aceita por mulheres cis no feminismo?" Cara, eu sei que às radfems ficam lá, nossa, mas caguei para elas. Desculpa mas caguei mesmo. Radfems geralmente falam que nossa trans não pode ser feminista. Óbvio, que a gente durante algum tempo da nossa vida a gente teve sim o privilégio de ter, nascido homem. Só que a gente tem que entender a causa feminista e a causa trans feminista a gente tem um inimigo em comum que é o patriarcado, o machismo e o homem.
Opressões sofridas por mulheres	21	Isso é coisa de gente sem caráter e gente que foi construída dentro de um patriarcado e dentro de um machismo.	
		Porque os machos sempre oprimem as mulheres. Machos acham que estão no direito de ter controle sobre o corpo da mulher	
		Porque a gente está na balada e tem cara te encochando. A gente tá no metrô, e tem cara achando que tudo bem ele ficar esfregando a rola dele na sua bunda. [...] Tem cara que acha que passar e ficar se masturbando olhando pra você e tem cara que acha que é certo estuprar, por exemplo.	
		Bianca é uma mulher. Bianca também foi construída dentro do machismo. A gente todo mundo foi ensinado pelo patriarcado que o machismo é correto. Que o machismo é o ok.	
		não dá pra aceitar ninguém na verdade, enfim porque senão a gente se torna machismo o vilão do alvo total para ela quando na verdade o alvo tem que ser	

			os meninos, os machistas, os caras que acha que tá certo oprimir mulher
			O homem, ele não precisa ficar argumentando, pra se dizer inocente. Mas, a mulher não, ela tem que ficar se provando toda hora que ela tá certa
			quando eu vejo alguns comentários transfóbicos eu não me afeto, mas eu não posso virar para uma pessoa e falar: ai isso é normal não se afeta.
			Desde que o mundo é mundo, homem mata mulher. Ponto. O homem ele respeita muito mais o brother dele do que a mulher que está em casa.
		22	ser mulher pra mim acho que é ser inferior. [...] É ser considerado inferior pelo meu gênero basicamente.
			antes de tudo o que aconteceu comigo, eu me senti oprimida pelo gênero. Foi a primeira vez que me senti menina.
			A não ser que para a sociedade a gente é inferior.
			transfobia já é um fruto do machismo. Acho que tudo se une. Por um grande vilão.
			está todo mundo junto, no mesmo inimigo em comum, então vamos lidar com ele primeiro. Porque isso é mais urgente.
		23	o machismo ele ainda é impregnado na sociedade
			até mulheres são machistas sabe. Reproduzem o machismo.
			Meu direito de sair na rua sozinha hora que eu quiser com a roupa que eu quiser sem ser assediada ou estuprada.
			os homens não aprenderam a respeitar as mulheres e ponto.
			O machismo faz tudo na minha vida ser resumido a mimimi de mulher.
			Eu entrei no uber e aí era um cara. Nossa aí, o cara tipo assim toda hora ele virava para trás ficava olhando as minhas pernas e ficava com os assuntos mais nada a ver.
			o pior de tudo é quando as próprias mulheres da sua família são machistas e apoiam as tolices dos homens.
			se a gente for julgar mais a mulher por ela ser machista do que o homem a gente acaba reproduzindo um machismo.
		24	eu quero contar pra vocês que dessas 5. Moral, psicológica, patrimonial, sexual e física. Das cinco eu sofri quatro. Que são a moral, a psicológica, a sexual e a física.

Grelha 6: Análise de avaliação dos comentários do canal Afros e Afins

Comentário	Vídeo	Objeto de atitude (AO)	Conector verbal (c)	Valor de c	Termo de significado comum (cm)	Valor de cm	Produto
No caso das mulheres com deficiência, meu caso, isso é ainda mais gritante porque podemos sofrer a exclusão da raça e a exclusão do corpo. E a exclusão do gênero... Se mulheres são lembradas em março e mulheres negras em novembro não há mês para lembrar as mulheres com deficiência...	1	mulheres com deficiência	é ainda mais gritante	+3	a exclusão da raça e a exclusão do corpo.	-3	-9
Nátaly, por favor fale sobre o estereótipo da negra forte e como ele prejudica os relacionamentos e a saúde mental da mulher negra.	1	Nátaly	fale sobre	+2	estereótipo da negra forte	-3	-6
Se a mulher negra se movimenta ela movimenta a sociedade. Enquanto a maior parte das vítimas de pedofilia forem meninas negras; enquanto a maior parte das vítimas de feminicídio forem mulheres negras; enquanto o corpo mais sexualmente explorado for de mulheres negras; enquanto a mão de obra mais explorada e precarizada for de mulheres negras; enquanto a deputada feminista que foi silenciada e morta for uma mulher negra... nenhuma de nós lutou o suficiente, nenhuma de nós venceu, nenhuma de nós está livre.	1	mulher negra	se movimenta	+2	ela movimenta a sociedade	+2	4

se não foi a mulher preta que iniciou o feminismo então ele não existe, to finalmente lendo mulheres, raça e classe e só tenho mais certeza. inclusive lendo esse livro só lembro da angela falando que eles tem muito mais a prender com o brasil do que nós com eles citando lélia gonzales ♡	1	mulher preta que iniciou o feminismo	então	+2	ele não existe	-3	-6
1. A guria cis afirma que "enquanto cientista social" acredita que gênero é construção social. Mas ao mesmo tempo a guria trans afirma que construíram pra ela o gênero homem enquanto na verdade ela se identifica como mulher e que esse é seu verdadeiro gênero. Expliquem.2. O que é se identificar como mulher? Vagina, seios, não é. Cabelo comprido, maquiagem, gostar de rosa, não é (isso são estereótipos sociais). Gostar de homem, não é (isso é orientação sexual). Se todas as coisas que nos olhos da sociedade opressora caracterizam as mulheres na verdade são só estereótipos e não são o que realmente fazem uma mulher ser mulher, então, afinal..... com quais características, com quais "coisas de mulher" a Rosa se identifica pra afirmar que é uma mulher?	2	a Rosa	se identifica	+2	para afirmar que é uma mulher?	-2	-4
Gente vou aproveitar esse vídeo super maravilhoso pra fazer um apelo. Tenho um canalzinho aqui no youtube, faço uns vídeos pra espalhar o bem e o amor. Se quiserem conhecer ficarei muito grato, de verdade! Sejam todos muito bem-vindxs! <3	2	(Eu)	vou	+3	aproveitar esse vídeo super maravilhoso pra fazer um apelo.	+3	9
Eu fico tão dividida! Eu acho o Radfem interessante mas é cada coisa transfobica que eu me pergunto se é para agir na raiz ou se é só mais um jeito de ser transfobico. Queria muito que você trouxesse uma Radfem para debater e explicar o pq que o rad na pratica é ser transfobico (negar a transfobia na divulgação é uma mentira) e explicar melhor para nós feministas que não entendemos tanto de termos técnicos. Beijo, adoro seu canal <3	2	Eu	acho	+1	o Radfem interessante mas é cada coisa transfobica que eu me pergunto se é para agir na raiz ou se é só mais um jeito de ser transfobico.	-3	-3

no vídeo vocês falaram que gênero é construção social, mas o transativismo diz que gênero é identificação. Não entendi vocês.	2	no vídeo	mas o transativismo	+1	diz que gênero é identificação. Não entendi vocês.	-3	-3
Se gênero é construção social pq q a rosa se sente mulher? O que é se sentir mulher?	2	Se gênero é construção social	pq	+1	a rosa se sente mulher?	+1	1
ser mulher não é salto. batom ou performance de feminilidade.	2	Ser mulher	não é	-3	salto, batom ou performance de feminilidade	-2	6
Pergunta: o que é ser mulher? Usar maquiagem te torna mulher? Tomar hormônio feminino te torna mulher? Se "sentir" mulher te torna mulher? O que é se sentir mulher? Fico de cara. Vocês querem acabar de vez com o patriarcado e com a opressão feminina ou, com esse discurso liberal de "faço o que eu quero", continuar sendo oprimidas e fazendo o que QUEREM que vocês façam? Qual é o objetivo de vocês?	2	Vocês	querem	+3	querem acabar de vez com o patriarcado [...] ou com esse discurso liberal de "faço o que eu quero", continuar sendo oprimidas e fazendo o que QUEREM que vocês façam?	-3	-9
Eu queria que me explicassem o que é "transcender para o outro lado". O que é o "outro lado"? Que eu saiba, a sociedade também impõe a existência de "lados". E até ontem o feminismo lutava em função de extinguir esses lados, não de reforçá-los.	2	até ontem o feminismo lutava	em função de	+2	extinguir esses lados, não de reforçá-los.	-2	-4
Sou muito sua fã, viu Ná? Que você cresça muito e dê tudo muito certo pra você! <3 PS: VOCÊ É MUITO LINDA!!!	3	Sou	muito	+3	sua fã	+3	9
"Se vocês acham que nós somos chatas, esperem nossas filhas."	3	Se vocês	acham que	+1	somos chatas, esperem	+2	2

					nossas filhas		
nat, compartilhei esse vídeo no meu blog. se tiver algum problema me fala, ok? mil bjs <3	3	Nat,	compartilhei	+3	no meu blog	+1	3
Que videozao da porra miga! Obrigada por tudo que você sempre fez por mim <3	4	Obrigada	por	+2	tudo que faz por mim	+3	6
não conhecia o canal da Luci! vou me inscrever <3 collab maravilhosa	4	Não conhecia	o	+1	canal da Luci	+1	1
OLHA ESSE FEAT, SOCORROOO!!!	4	Olha	esse	+2	feat	+2	4
Isso n faz sentido,e se eu fizessw uma música racista?e falasse q é porque tá retratando a minha realidade,seria justificativa?	4	Isso	não	-3	faz sentido	+3	-9
admiro mt vcs 2, mas achei esse vídeo extremamente hipócrita e controverso. os argumentos que a luci usou foram basicamente feitos para convir ao que ela quer, e não questionar. concordo que a música reflete a sociedade, e a mudança tem q ser estrutural, isso eh obvio. mas simplesmente fechar os olhos pra isso é ser MUITOOO hipócrita e desonesto. como se "eu quero escutar funk, mas eu sou feminista, então eu simplesmente vou relativizar e justificar as letras pra eu poder escutar". isso ta mt errado. nao existe ser feminista E funkeira. da mesma forma que se sair um filme, uma novela, etc, com atitudes nitidamente machistas, as pessoas conscientes disso vao criticar e nao simplesmente falar "ah, mas a mudança tem q ser na sociedade" e simplesmente continuar assitindo E DANDO AUDIÊNCIA pra esse tipo de conteúdo que TÁ ERRADO!!!! que decepção q tive hj com vcs. feminismo nao é sobre eu, sobre vc, é sobre MULHERES em um contexto social machista. nós mesmas não podemos deixar esse tipo de conteúdo se perpetuar e compactuar com isso. sejamos e incentivemos a mudança, e nao simplesmente APOIEMOS AQUILO QUE NOS CONVIER, q eh o q vcs estao fazendo.	4	os argumentos	foram basicamente	+1	feitos para convir ao que ela quer, e não questionar.	-3	-3

ESSE FEAT É TUDO DE QUE O BRASIL PRECISAVA! Duas maravilhosas! Amei a discussão, xuxus! <3	4	Esse feat	é	+3	tudo de que o Brasil precisava!	+3	9
WHAT? Gente... Como vcs são incoerentes com o movimento que vcs mesmas seguem...O funk pode ter feministas? Logo funk um estilo que exala desejo dos corpos... onde os homens dizem que vão fazer e acontecer com as mulheres? Sem comentários... incoerências da esquerda... Funk contando história da mulher?? to rindo de vcs	4	vcs	são	+3	incoerentes	-3	-9
Apologia: discurso ou texto que DEFENDE ou elogia. Então, uma vez você consumindo de um produto que faz apologia ao estupro, automaticamente você está defendendo esse pensamento. Devemos falar de estupro? SIM! Porém, da forma que é falada no funk, faz cada vez mais as pessoas acharem que o estupro é uma coisa normal e legal de se fazer. Quer falar sobre a realidade da mulher ser objetificada pelos homens? Quer falar da realidade das mulheres que são estupradas diariamente? Fala, mas fala de um modo que fique claro que esses atos não são certos. Pq na real, essas músicas nada mais é do que músicas que concordam com o estupro, e isso deve ser combatido. E não tou falando só do funk não. Tou falando do funk, do rap, do sertanejo, do pop e até do rock! E quando eu digo combater, não é pedir pro carinha apagar a música do canal, ou mudar a letra da música. O combater que eu digo é chegar no carinha e fazer ele entender que o pensamento dele mata milhões por ano! Ex mesmo é uma criança de 7 anos, que tá descobrindo as coisa, ouvir uma música que fala: "taca bebida, taca a pi... e abandona na rua". Ele vai achar oq? Que isso é certo, que isso é legal, pq na música tá dizendo pra fazer isso, e aí, logo mais vai reproduzir tudo isso. Mas e se a letra dissesse para não fazer isso? Se a letra disse que isso é errado? Entenderam a questão?	4	você	consumindo	+1	um produto que faz apologia ao estupro, automaticamente você está defendendo esse pensamento	-3	-3

Acho triste ver que os seus vídeos sobre cabelo e maquiagem têm mais visualizações que os que pautam sobre questões sociais, que bom que vc sabe fazer a junção dos dois, Ná. Amo vc	5	(eu) Acho	triste ver	-3	que os seus vídeos sobre cabelo e maquiagem têm mais visualizações que os que pautam sobre questões sociais	-2	6
Experiência divertida que foi ver esse vídeo: você gravando e maquiando, eu assistindo e pintando a unha. Super conversa de migas, hahahaha... Sdds, meu bem!	5	eu	assistindo	+2	e pintando a unha. Super conversa de migas	+2	4
Eu te entendo tanto, miga! A gente faz tanto isso: um vídeo de moda que traz mais gente pra te ouvir sobre questões negras. Um vídeo meu sobre tinder que traz mais gente para me ouvir sobre bulimia. Tudo isso começa do começo, não tem jeito. Acho importante a gente abordar os assuntos mais importantes em diferentes graus de informação para abranger públicos diferentes. Não adianta você chegar num programa, tentar abalar as estruturas e ser vista como uma rebelde por 90% da população e aplaudida pelos 10% que já são militantes. Sempre que vamos falar com outros públicos, ser didática é mais importante que ser closeyra-tombadora. É preciso a humildade de se colocar na posição do outro e procurar os melhores termos para explicar aquilo que, até pouco tempo, nem nos conseguíamos entender. =) Você é maravilhosa, vou ver seu ted agora mesmo!!!	5	Eu	te entendo	+3	tanto	+3	9
O Brasil gosta de vídeo longo assim!!!	5	O Brasil	gosta de	+3	vídeo longo	+1	3
						Total:	8
						Média:	0,2962962963

Grelha 7: Análise de avaliação dos comentários do canal Alexandrismos

Comentário	Vídeo	Objeto de atitude (AO)	Conector verbal (c)	Valor de c	Termo de significado comum (cm)	Valor de cm	Produto
feminismo não é sobre igualdade, é sobre emancipação.	6	feminismo	é	+3	sobre emancipação	+2	6
Deve haver a destruição do patriarcado, e não alinhamento e igualdade ao mesmo.	6	patriarcado	deve	+3	haver a destruição	-2	-6
fêmea só é a pessoa que nasce FÊMEA gênero é diferente de sexo, não é difícil de entender	6	gênero	é	+3	diferente de sexo	+2	6
Interseccional não é vertente, é metodologia.	6	interseccional	é	+3	metodologia	+2	6
Acredito na importância de todas as vertentes do feminismo. Pontuo ainda que por mais midiático que seja o feminismo liberal é por onde chega a informação pra maioria das brasileiras, inclusive eu. Toda forma de discutir sobre é válida ♥	6	feminismo liberal	é	+3	por onde chega a informação pra maioria das brasileiras, inclusive eu	+2	6
Flor vc falou algo que totalmente concordo e escuto poucos falar, "eu sou feminista mas as vzs tenho comportamentos machistas", mts não admitem e as vzs acham que chegou ao "topo" do feminismo e pronto, sou feminista, acabou. Não é assim.. é uma reflexão constate, até pra ideologia não ir pra vertente oposta, oq eu vejo acontecendo mt com algumas extremistas, até "impondo" que agora que a mulher tem que ser livre sexualmente, ela tem que ser assim ou assada, por exemplo, como o feminismo fala que a mulher tem que ter liberdade pra falar de sexo, algumas acham que ela TEM QUE FALAR, não algumas são simplesmente mais reservadas, não necessariamente machistas. A mulher não	7	Você	falou algo	+2	que totalmente concordo	+3	6

<p>TEM NADA, e isso pra mim tb é um tipo de machismo escondido nessas vertentes de feminismo. E pra finalizar esse textão que era pra ser pequeno sushaushau. Como vc mesmo disse estamos dentro dessa sociedade machista, fomos Mergulhadas desde criança nessas crenças. E para construir uma nova sociedade mais igual leva tempo, reflexão e menos apontamentos quando vc ver uma pessoa machista, pois ninguém quer sentir o "errrado" não é mesmo?! Isso só põe medo nas pessoas de suas próprias sombras, não queremos reprimir, e sim orientar com amor. Menos apontamentos para fora, e mais para dentro. Pq em níveis diferentes todos nos somos machistas, Oque não nos impede de exercer o feminismo.</p>							
<p>Meus pais sempre falaram mal do feminismo pra mim(e de várias outras lutas), antigamente eu acreditava e reproduzia toda bosta que ouvia. Um tempo depois, conheci o seu canal, o da JoutJout, o da Maíra, Mariana Xavier, Tá querida, Karina Rangel, entre outros canais que falam sobre feminismo e homofobia, aos poucos fui adquirindo conhecimento e hoje eu confronto algumas palavras da minha mãe, mas não brigando, de uma forma reflexiva e aos poucos ela também está desconstruindo alguns de seus argumentos... Queria aproveitar para agradecer a você por me ajudar a me levar para o caminho certo, pois juntas somos mais fortes ♥ Tenho só 14 aninhos, sou uma neném, mas já tô nessa luta com você!</p>	8	hoje eu	confronto	-2	palavras da minha mãe, mas não brigando, de uma forma reflexiva e aos poucos ela também está desconstruindo alguns de seus argumentos	+2	-4
<p>Ouvi recentemente de um cliente, trabalho com turismo que ele "aceitava o fato de eu ter tatuagem", embora ele ache que tatuagem não fica bem em mulher 😊😊😊😊, respondi, eu acho que tatuagem fica bem em quem quer ter tatuagem e pode pagar por ela, acho que perdi o cliente, kkkkkkkk</p>	8	eu	acho	+1	que tatuagem fica bem em quem quer ter tatuagem e pode pagar por ela	+2	2

10° sinal de que vc é feminista e vc n sabe: Ser inscrita no canal "Alexandrismos"	8	ser	inscrita	+1	no canal "Alexandrismos"	+1	1
Já sei que sou, mas tô passando aqui só pra reconfirmar kkkkkk iti	8	[eu] sou	passando	+1	para confirmar	+3	3
Quando tinha uns 12 anos mais ou menos já tinha esses pensamentos, mas não fazia ideia do que era o feminismo. Com 14 minha professora de história fez a mesma coisa que a Xandra, seguiu na minha mãozinha e falou "Meu amor, tudo isso é feminismo" e foi aí que eu comecei oficialmente... Sou eternamente grata a ela. (Tenho 16 hoje)	8	pensamentos	não fazia ideia	-3	do que era feminismo	+1	-3
Faz um vídeo sobre as vertentes do feminismo e as suas características	8	vídeo	sobre	+1	as vertentes do feminismo	+1	1
Gente, eu vi o vídeo da Kefera umas 4 vezes e em nenhuma eu achei o momento que o Wallace tentou explicar o que é o feminismo. Ele tentou falar como ele se sentiu com a situação do Teatro.	9	vídeo da Kefera	em nenhuma	+1	eu achei o momento que o Wallace tentou explicar o que é o feminismo.	-2	-2
Ela distorceu tudo q o Luba falou, meu Deus, esse povo tá perdido	9	Ela	distorceu	-3	tudo q o Luba falou	+2	-6
Já começou mal Alexandra. Colocando coisas que o menino não falou.	9	Alexandra	colocando coisas	+1	que o menino não falou	-2	-2
Tá difícil de admitir que a Kefera falou várias bostas.	9	Kefera	falou	+3	várias bostas	-3	-9
O Luba não falou que lugar de fala não existe. Ele até explicou o conceito de lugar de fala e lugar de escuta	9	Luba	não falou	-3	que lugar de fala não existe	-3	9
"Esse vídeo é pra abrir a mente" O que menos se teve nesse vídeo foi mente aberta.	9	vídeo	menos se teve	-2	foi mente aberta	+2	-4
Luba: Eu acredito no lugar de fala... Alexandra: E ainda veio o Luba falar que lugar de fala não existe...	9	Alexandra	veio o Luba falar	+1	que lugar de fala não existe	-2	-2
Desculpa mas acho que vc n sabe nem o que ta falando, como vc msm disse "assista o programa pra poder entender o contexto", e vc nem acertou o nome do cara, QUEM É WILIAM ? e se vc n viu nem o programa direito n vou esperar que tenha visto o vídeo do luba tbm, so ta	9	se você	n viu nem o programa	-3	n vou esperar que tenha visto o vídeo do luba	-3	9

falando o que ouviu dos outros e leu no twitter, talvez um tentativa de surfar no "hype" alheio, o que não é de todo errado, mas pelo menos mostre que pesquisou e procurou entender todos os lados da historia antes de fazer um vídeo argumentativo ! forte abraço.							
"Deixa eu te explicar o que é feminismo". Alexandra, o Homem não falou isso não. E o Luba Não falou que lugar de fala não existe.	9	Alexandra	o homem não	-3	falou isso não.	-3	9
A pessoa menos sensata desse YouTube AAAAAAAAAAAAA	9	Pessoa	menos	-1	sensata do youtube	+3	-3
Qnt distorção num vídeo só. Vc não acha estranho só vc estar apoiando sua AMIGA? Mulher, "abra a sua cabeça", o que é errado é errado e ponto.	9	vcê	não acha estranho	-2	só vc estar apoiando sua AMIGA?	-2	4
O cara não foi arrogante! Ele foi falar sobre uma experiência, ele não falou que iria explicar o que era feminismo. Para de ficar dizendo que ela estava certíssima e sensata em interromper uma pessoa que tava ali só pra dar a opinião dele, ela perdeu a oportunidade de convencer o cara de que o feminismo é um movimento legítimo, ao invés disso, ela disse com outras palavras CALA A BOCA. Sobre local de fala, concordo plenamente com o Luba. Tenha mais criticidade.	9	Cara	não foi	-3	arrogante	-3	9
Não é ter calminha pra falar com macho é educação mesmo, vcs estão acabando com a imagem do feminismo, A Kéfera foi ridícula lacrar em cima de faltadeargumentoexplening , oque custava falar com educação..... Agora vc distorceu a fala do Luba, parem só parem de passar pano a onde já está manchado, O Wallace não disse que queria ensinar, por favor vê de novo o vídeo do luba e do programa, porque Mds	9	vocês	estão acabando com	-3	a imagem do feminismo	-2	6
Eu sou homem e esse n é meu lugar de fala, mas com todo respeito vc distorceu muitos fatos ai.	9	Eu sou homem	e esse n é	-3	meu lugar de fala [...] mas vc distorceu muitos fatos	-3	9

Gente, tem que educar "macho escroto" sim! Tem que ter paciência sim! Pq é assim que se educa, que se muda o mundo. Um professor não vai estar certo se perder a paciência com um aluno com dificuldade na matéria. Ele tem que ser paciente, disposto a explicar e entender a dificuldade do aluno. Como o feminismo vai mudar o mundo do jeito que ela fez no programa? Ela tinha que escutar, debater, educar e desconstruir. O cara do programa não foi pra casa desconstruido, com a cabeça mudada. Não. Ele foi com a mesma opinião negativa do feminismo.	9	Como o feminismo	vai mudar o mundo	+3	do jeito que ela fez no programa?	-2	-6
psé , em nenhum momento o luba disse isso :(9	Luba	nenhum momento	-2	disse isso	+1	-2
Você é incrível, more, mas a Kefera precisa entender que não é assim que se conversa sobre feminismo. E se tu acha que ela foi correta, sugiro repensar isso. Ele claramente não teve o mesmo acesso às informações (sobre feminismo) que eu e você e nesse ponto, somos privilegiadas. Então assim, não, Alexandra, não. Esse vídeo foi um erro.	9	Kéfera	precisa entender	+2	que não é assim que se conversa sobre feminismo	-3	-6
E a Kéfera uma mulher branca, magra de classe média alta mas que é minha amiga então não criticarei... Affs	9	Kéfera	é	+3	minha amiga então não criticarei... Affs	-3	-9
Poxa, eu gosto de você. Gosto das coisas que você diz, aceitação, feminismo, empoderamento... Mas defender a Kefera nesse caso foi triste...	9	Eu	gosto de você, mas	-1	defender a Kefera nesse caso foi triste...	-3	3
se forçar mais a barra, caga	9	[você]	se forçar mais	+2	caga	-3	-6
Uau , até que enfim alguém apareceu nesse YouTube defendo a Kefera ... e por sinal está passando a msm vergonha que ela !!! Lamentável....	9	alguém	defendend o a Kéfera	+2	passando a msm vergonha que ela !!! Lamentável....	-3	-6
Caraca quanta merda. Eu gostava muito dela mas esse vídeo quebrou todo meu pensamento sobre ela. Ela distorceu muita coisa. Mds quanto "diserviço".	9	Eu	gostava muito [...] mas	-2	esse vídeo quebrou todo meu pensamento sobre ela	-3	6

Como mudar o mundo: 🗨️ Deixar a pessoa terminar de falar e argumentar, mudando, assim, a opinião dela e a desconstruindo.	9	Deixar a pessoa	terminar de	+2	falar e argumentar	+1	2
Não é possível que vc assistiu o vídeo do Luba e ainda tem esse pensamento distorcido sobre tudo que ele disse, eu acho que quem tem que abrir a cabeça é vc	9	vc	tem	+3	esse pensamento distorcido	-3	-9
<u>12:38 eu não entendi quase nada doq você falou, então sou privilegiado? BInegro, pobre, e sou privilegiado? Seu argumento para quem não entende seus pensamentos passa pano para famosos é esse? vamos aceitar e falar que a Kéfera está errado sim! Foi super mal educada e quer maioria e não igualdade. E ela? BRANCA, RICA, MAGRA, FAMOSA tá falando isso? a privilegiada é ela e não nós.</u>	9	eu	não entendi quase nada	-3	doq você falou	-1	3
Eu nunca tinha assistido o seu canal então n sei nd sobre vc, mas para mim vc n assistiu os dois vídeos q o luba fez então assiste os dois completos e depois fala a sua opinião (eu n sei se vc assistiu os vídeos eu só estou falando a minha opinião, concordei com algumas coisas q vc disse, eu só acho q vc se vc viu os dois vídeos interpretou errado pq vc distorceu tudo q o luba disse)	9	para mim você	não	-3	assistiu os dois vídeos q o luba fez	-1	3
Até ontem o Luba era o pobre gay, agora que discordou de algo é o monstro	9	Luba	era	+2	o pobre gay	+1	2
O Luba em momento nenhum disse que não existe um "lugar de fala", ele apenas disse que todos tem direitos de falar sobre qualquer coisa, temos liberdade de expressão pra isso, mas sim, existe lugar realmente de fala, para mulheres, homens e LGBTQ+, incluindo etnia, cultura e etc, MAS TODOS NÓS PODEMOS FALAR SOBRE QUALQUER COISA.	9	Luba	em momento nenhum	-2	disse que não existe um "lugar de fala"	-1	2
ONDE ELE EXPLICOU OQ ERA FEMINISMO????????????????????????????????	9	ONDE ELE	EXPLICOU	+2	o que era feminismo	-2	-4

KAKAKAKAKAKAKAKA KICHA KOTA MANO ela defendeu totalmente a Kéfera e disse coisas que o Luba NEM falou. A Kéfera errou sim, meu anjo. Ela foi extremamente arrogante, coisa que não teve necessidade. E eu não concordo com essa de não poder dar a sua opinião por coisas que você nunca passou, claro que pode! Todos nós temos o direito de falar, só que com respeito né.	9	ela	defendeu totalmente	+3	a Kéfera e disse coisas que o Luba NEM falou.	-2	-6
Gente, qual é a dificuldade de admitir que a Kefera foi arrogante sim? Como ela quer conscientizar algo humilhando a pessoa? E o luba não disse nada disso. Ele falou sobre lugar de fala e lugar de escuta, o que, na minha opinião, ta totalmente certo.	9	Luba	não disse	-3	nada disso	-3	9
Não concordo com a atitude da kerefa ...	9	[eu]	não concordo	-3	com a atitude da kerefa	+1	-3
"E não e pq ela e minha amiga que eu não vou crítica lá" então crítica ué kkkkk .Não distorça as coisas mostre as versões de todos e pare de tentar induzir as pessoas a pensar como vc	9	[você]	pare de tentar	-2	induzir as pessoas a pensar como vc	-3	6
Decepcionado com este vídeo! Saudades da Alexandra crítica. Só defendeu a amiga... afff Unfollow	9	vídeo	decepcionado	-3	Só defendeu a amiga	-3	9
Amada, assiste o vídeo do Luba primeiro. Depois venha dar sua opinião. Não seja imparcial!	9	vídeo do Luba	assista primeiro	-2	Depois venha dar sua opinião. Não seja imparcial!	-3	6
Nessa questão, dos dois lados só escuto: "desserviço". Desserviço pra mim eh ficar discutindo teorias enquanto tem mulheres,e homens reais sofrendo por ai.. essas teorias são lindas, mas o que vcs estão fazendo pra mudar alguma coisa? Só vejo os dois lados tentando "consertar" a fala do outro, querendo mostrar o "jeito certo" com agressividade. Galera, discutam menos e façam mais.	9	dois lados	tentando consertar	-2	discutam menos e façam mais	-2	4
Essa mulher só quer limpar a imagem da kefera mentindo sobre uq realmente aconteceu Nenhum momento o cara falou que ia explicar feminismo Me poupe ne	9	Essa mulher	quer	+3	limpar a imagem da kefera	-1	-3

Mano..... outra que caga pela boca, sinceramente tudo que você fez no vídeo foi distorcer a situação toda! 😊	9	vídeo	tudo que fez	+2	foi distorcer a situação toda	-2	-4
Sabe o que é "entrar em modo militância"? É quando as pessoas estão conversando sobre um assunto qualquer e algo dispara o modo militante. Daí acabou a conversa, o diálogo o debate, porque no modo militante a pessoa dispara a falar chavões, frases feitas como uma espécie de discurso pronto, o que demonstra que ela não está disposta a ouvir, mas somente tagarelar afim de parecer conhecedora do assunto. Como desligar o modo militante: peça para a pessoa te explicar o assunto com as palavras dela sem as frases e os chavões (ex, empoderar, desconstruir, patriarcado, etc). TODAS AS VEZES que fiz isso a pessoa travou e simplesmente não conseguia desenvolver o tema com as próprias ideias. Exemplo: Kéfera e o masinterrupting. A palavra tinha sido passada para o rapaz e quem interrompeu foi ela. Ou seja, estava disparando o discurso gravado tema vou lacrar. TRISTE!	9	pessoas	estão conversando	+1	e algo dispara o modo militante	+1	1
Queria saber em que momento ele disse "deixa eu explicar o feminismo" .. essa doença está tão infectada em muitas mulheres,que distorcem palavras dos outros. O menino contou um " Exemplo" no seu cotidiano! O menino estava no seu lugar de fala,Pq foi dado a palavra a ele a falar, se não fosse para haver diálogo,era para colocar a kefera de frente a um espelho e deixar ela falar sozinha! O que mas estranho que outras mulheres Feministas,discorda em tudo que a kefera fez, O Luba nunca falou isso moça.	9	menino	contou um exemplo	+2	do seu cotidiano	+1	2
Ah não, Alexandra, eu esperava tudo de vc, menos isso. Tchau!	9	Alexandra	esperava tudo de vc	-1	menos isso	-2	2
Nossa que vergonha dessa mulher só disse merda o vídeo inteiro 😊😊	9	mulher	que vergonha	-3	só disse merda o vídeo inteiro	-3	9

Moça, geralmente eu concordo com a sua opinião, mas esse vídeo é completamente sem contexto, Distorceu O que o Luba falou, pq oq ele falou é a verdade e tem nexo, primeiramente ouça direito oq ele falou pq parece que vc nem viu o vídeo, cara não ia dar aula sobre feminismo para Kéfera, ela que se bateu pelo oq ele vivenciou e você está aqui pra ajudar a sua amiga sendo que ela não ta com a razão, Mas nunca imaginei falar isso Aqui nos comentários Logo do SEU CANAL.	9	moça	geralmente eu concordo	+1	mas esse vídeo é completamente sem contexto	-3	-3
10:13 do mesmo jeito que a Kefera não representa o feminismo.kkk	9	Kefera	não representa	-3	o feminismo	+1	-3
Amiga ele não estava explicando feminismo, ele tava falando da experiência dela.	9	Amiga	ele não	-3	estava explicando feminismo	-3	9
vc ta distorcendo pra ir toda a culpa nos homens ai, o luba e o homem do programa	9	vc	tá distorcendo	-3	pra ir toda a culpa nos homens	-3	9
Vamos esperar a Kéfera ser sensata e pedir desculpas pela forma que agiu e reagiu	9	kefera	ser sensata	+2	e pedir desculpas pela forma que agiu e reagiu	-1	-2
Até o pessoal que tava com ela ficou contra essa é a verdade..	9	pessoal	tava com ela	+2	ficou contra	-1	-2
5:30 "A gente tem que ter calma e paciência? Pra falar com macho? Tem que ter calminha? NÃO TEM QUE TER CALMINHA". Gente, que controverso... (Me assustei só com a sua forma de se referir a macho) Vcs querem igualdade de direitos ou um guerra de egos pra saber qual gênero é superior?	9	Vcs	querem	+3	igualdade de direitos ou um guerra de egos pra saber qual gênero é superior?	-2	-6
Discordo de você, sou gay e acho que um hétero pode muito bem entender as questões gays, não se pode absolutizar a ideia de lugar de fala. O lugar de fala é apenas um ponto de partida.	9	[eu]	discordo	-3	de você	-1	3
Vc distorceu tudo! Lamentavel!	9	Vc	distorceu	-3	tudo! Lamentavel!	-3	9
Carvalho, a kefera é branca e rica, e o luba q tem q ser atacado por privilégios?	9	Kefera	é	+3	branca e rica	-1	-3

5:01 Sim! Ela tinha que ter paciência com ele. Não invente de dizer que se é compreensível ela ter ppsto pra fora a sua revolta. Quando se vai em um programa ao vivo, tem que ir mentalmente preparada pra não explodir e acabar sendo grossa, sair do controle, falar merda ao vivo!	9	ela	tinha que ter	+2	paciência com ele	+1	2
O Luba não falou nada disso! Gay, branco... Imagine se o Luba fosse hétero então??	9	Luba	não	-3	falou nada disso!	-2	6
Xanda. Na minha opinião nem parece q vc viu p vídeo. Vc disse que ele falou "vou explicar o feminismo" mas n foi isso. Ele estava contando um caso que ele passou e aí a kefera interrompeu ele e ele continuou a falar. Ela nem deixou ele terminar de falar pra ela dizer que aquilo era mansplaining. Sendo q em nenhum momento ele tentou explicar nada. Aí ELA interrompe ele pra falar que ele interrompeu ela. O Luba nunca disse q n existe lugar de fala. Eu concordei muito mais com ele do que com vc. N adianta a kefera interromper ele falar que aquilo man caralho a 4. Ela, respeitosamente, devia deixar ele terminar de falar para depois dar a opinião dela sobre aquilo. Como vc quer chegar em um conclusão com alguém se vc fala por cim, nervosa e sem paciência. A pessoa n vai ouvir desse jeito.	9	Xanda	nem parece	-3	q vc viu p vídeo	+1	-3
9:13 então a Kéfera, sendo branca, rica, magra, hétero, não é privilegiada?	9	Kéfera	sendo	+2	branca, rica, magra, hétero, não é privilegiada?	-2	-4
Esse pano já ta gasto de tanto ser passado, miga. Lamentável.	9	Pano	já ta gasto	-1	de tanto ser passado, miga. Lamentável.	-3	3
Pra "mansplaining" eu amo a tradução "homem palestrinha"	9	tradução	eu amo	+3	homem palestrinha	-2	-6

<p>5:28 Caramba! isso é extremamente rude! Como assim não tem que ter "calminha" com "macho"? Não sei qual é o objetivo do feminismo, mas se é pra lutar pela igualdade ta fazendo o oposto, se quer lutar lute conscientizando e não provocando mais ódio, se eu fosse um homem iria com certeza ter mais raiva ainda, sou mulher e já tenho, imagine ser tratado desse jeito.</p>	9	Isso	é	+3	extremamente rude!	-3	-9
<p>Acho q o homem pode "explicar" o feminismo para a mulher(obviamente se ele souber oq é, estiver engajadp no movimento e souber o q esta dizendo), pois este é um movimento q luta pela igualdade entre generos. O machismo n se aplica somente aos homens e o feminismo n se aplica somrnte as mulheres. Criar essa barreira apenas aumenta ainda mais as distorcoes q sao criadas sobre o q o feminismo realmente representa.</p>	9	homem	pode	+2	pode "explicar" o feminismo para a mulher(obviam ente se ele souber oq é, estiver engajadp no movimento e souber o q esta dizendo)	-1	-2
<p>Tu viu o vídeo do Luba mesmo?KKKKKKKK rindo</p>	9	Tu	viu	+2	o vídeo do Luba mesmo?	+1	2
<p>Xanda, sou muito sua fã e esse é primeiro video que discordo com voce principalmente na parte do Luba pq voce tirou completamente de contexto o que ele falou.Ele nunca disse sobre REPRESENTAR ele falou sobre DEBATER e se CONSCIENTIZAR, e tambem nao chegou a falar sobre feminismo em si, primeiro assiste o video inteiro dele e nao so o trechinho do twitter e se puder assiste o video que ele rebate as criticar. De boa, voce deve pesquisar antes de falar da pessoa inclusive com as palavras que voce usou com DESSERVIÇO</p>	9	Xanda	discordo	-3	com voce	+1	-3
<p>Feminismo é um movimento importantíssimo para mulheres e já conquistaram muita coisa,mas atitudes desse tipo acabam botando o movimento pra baixo além de,invés de tentar fazer os outros entenderem seu ponto,manda calar a boca e fodase.Lamentavel.</p>	9	Feminismo	é	+3	movimento importantíssim o para mulheres	+2	6

deslegitimar a nossa luta foi exatamente o que a kéfera fez	9	nossa luta	foi	+2	deslegitimar a nossa luta	-2	-4
Alexandra, desculpa mas você mesmo se contradiz varias vezes durante o vídeo. A atitude da Kefera foi ridícula, um completo desserviço, aliás, ultimamente é só o que a Kefera sabe fazer - imatura, exagerada, mal informada e extremamente arrogante e mal educada. Você (ou qualquer outra pessoa) querer dar respaldo pra atitude dela que denigre uma luta inteira é no mínimo cômico. O vídeo do Luba foi super sensato - lugar de fala não significa calar o outro, se fosse isso debates não existiriam. Ridículo. Você com tanta visibilidade incentivando as pessoas a não terem paciência com macho? Não ter paciência pra explicar? Incentivando a imaturidade da Kefera? Mano, que tipo de militância é essa? Fala de união mas faz um vídeo desse. Sério... ainda bem que pelo que to vendo nos comentários poucas pessoas concordam com você nisso 🤔👩	9	Alexandra	se contradiz	-2	atitude da Kefera foi ridícula	-3	6
Você ta tao emocionada pra defender sua amiga, que tampou os ouvidos pra entender os argumentos do Luba, que sao muito bem embasados.	9	Você	ta	+3	emocionada pra defender sua amiga	-3	-9
Kkkkkk aff, muito ruim sua explicação, decepcionou.	9	sua explicação	muito ruim	-3	decepcionou	-3	9
Pessoas como a Kefera que me faz ter desprezo ao feminismo. O feminismo antigamente já foi um movimento de verdade, hj em dia é só mais um movimento esquecido e que virou piada.	9	Pessoas como a Kefera	me faz ter	+2	desprezo ao feminismo	-3	-6
<u>2:28</u> que feio Alexandra. Não tou acreditando que vc falou isso... sério, ele falou isso? Que ele ia explicar feminismo e ela interrompeu ele perguntando o nome dele?! Tive que assistir o vídeo novamente e vi que nao foi do jeito q vc explicou ai. Triste pq adoro seu jeito e sua luta, maa admitir que erro é erro não te faz menor. A Kéfera foi infeliz e ponto final.	9	Alexandra	Não tou acreditando	-2	que vc falou isso	-2	4

Perdi meu tempo vendo o vídeo da amiguinha da Kéfera. (Totalmente errada)	9	vídeo	vendo	+1	perdi meu tempo	-2	-2
Para de falar sobre o homem, para de comparar com o homem. Você não sabe o que o homem passa. Você não tem nossas experiências. Esse não é seu lugar de fala.	9	Você	não sabe	-3	o que o homem passa	-1	3
A Kéfera foi mal educada sim, já a Heloisa não,por isso estão detonando a Kéfera.	9	Kéfera	foi	+2	mal educada sim	-3	-6
Eu acho que está faltando dialogo, to acompanhando esse caso, e o que eu to vendo é que todo mundo tem argumentos muitos semelhantes mas ngm ta tentando analisar o todo... O luba usou liberdade de expressão pra tentar invalidar um pouco lugar de fala, (que em minha opinião é um termo um pouco exclusivo mas vamos continuar) e no meu ponto de vista, o que ele tava tentando mostrar é que tem que haver um diálogo e não uma imposição... Que é exatamente o que todo mundo quer não é? Eu vejo que essa briga só tomou a proporção que tomou, por conta dessa falta de dialogo, e dos milhares de termos que estão sendo inclusos de maneira super seuperficial nessa tentativa de dialogo... Outra coisa muito importante é que todo mundo esta invalidando os argumentos de luba, usando a questão de ele ser branco e homosexual, GENTE a gnt precisa se ver como igual, e não usar das características dos outros pra invalidar argumentos, que é exatamente que pessoas machistas fazem, e é exatamente o que estão fazendo(todos no geral) com a Kefera, com o Luba, com o Wallace.. Espero que tenha entendido o que eu to tentando destacar, provavelmente alguém vai vir aqui e falar que esse não é meu lugar de fala e tals mas é exatamente sobre isso q eu to tentando dialogar... Bjs adorei o video!!! S2	9	Eu	acho que	+1	está faltando diálogo	-2	-2
Eu gosto muito de vc Xanda, masss ela errou SIM me desculpa, não adianta ficar defendendo a Keféra! Ela foi grossa, e sem educação, APENAS.	9	Ela	errou	-2	SIM me desculpa	-1	2

Peguem as vassouras e os rodos porque a hora de passar o pano é durante esse vídeo!	9	vídeo	passar o pano	-2	hora de	+1	-2
Não força. Em nenhum momento o cara disse: "deixa eu explicar o que é feminismo". Por favor, né!!!! O FATO INCONTESTÁVEL foi que a tal Kéfera quis "lacrar" e se ferrou, já que usou expressões ridículas estrangeiras num debate brasileiro (só isso já foi suficiente pra mostrar a babaquinha que ela é) e, não satisfeita, interrompeu GROSSEIRAMENTE o cara e ainda teve o desplante de dizer que ali não era o tal "lugar de fala" do cara! Como não era se a Fátima foi quem foi até ele entrevistá-lo? OBTIVAMENTE que era o lugar e o momento de fala do rapaz, SIM! Nem vem que não tem! Te admiro, te acho sensata, mas não força a barra em favor dessa Kéfera que nessa (e dizem que em muuuuuitttaaaasss outras) ela peidou na farofa.	9	Kéfera	quis	+2	"lacrar" e se ferrou, já que usou expressões ridículas estrangeiras num debate brasileiro	-3	-6
Sempre fui considerado "feio". Já fui motivo de apostas ('se você tiver coragem de ficar com ele, ganha X coisa'), eleições dos 'mais feios da sala' e etc. Soma-se a isso o fato de ser gay, então era o alvo principal das brincadeiras na escola. Pensei em suicídio durante bastante tempo. Me olhava no espelho e repetia que era horrível e nojento, chegando a um ponto que o ódio a minha aparência começou a se refletir no ódio a minha personalidade. Pensava 'Sou feio, chato, insuportável. Além de feio, sou insuportável'. Comecei a mudar isso, quando vi seus vídeos, da Luiza Junqueira e da Maíra Medeiros. Estou mudando a chave. É um processo diário com conquistas em pequenas coisas.	10	vídeos	quando vi	+2	Estou mudando a chave	+1	2
Muito triste que a gente ainda precise dizer o óbvio, né, Xanda??? Mas precisa... E de pouquinho em pouquinho a gente vai ao menos tentando melhorar esse	10	trabalho lindo	obrigasa pelo	+2	que você faz!	+2	4

<p> mundo. Parabéns e obrigada pelo trabalho lindo que você faz! ❤️😊 </p>							
<p> Alexandra: a Eu: LINDÍSSIMAAAA, FALOU TUDO!!! </p>	10	Alessanda	a [diz]	+2	FALOU TUDO!!!	+3	6
<p> Que hino de vídeooooo!!!! </p>	10	vídeoooo	hino de	+3	que	+1	3
<p> "O peito cresce, ou não. A bunda cresce, ou não." Adorei o cuidado que você teve nessas frases, me tocou de verdade a forma como você respeitou e contemplou todas as mulheres aqui.👏👏 </p>	10	frases	cuidado que você teve	+2	Adorei	+3	6
<p> Hoje (18/02/2018), minha mãe foi tomar café conosco e percebeu que a barriga dela estava aparecendo, rapidamente puxou a blusa. Eu, brincando, falei: "deixa assim, mãe! cropped tá na moda" ela me respondeu: "Deus me livre! Olha o tamanho da minha barriga!" Minha mãe, assim como eu, sofreu com gordofobia a vida inteira e, há uns 5 anos, emagreceu bastante fazendo reeducação alimentar. Está com 60 anos e bem de saúde. Mas a gordofobia interna somada ao machismo a faz ainda ter vergonha do próprio corpo e criticar as mulheres fora do padrão que saem com roupas curtas e/ou apertadas. Falei sobre o podcast Mamilos sobre gordofobia que ouvi ontem pra ela. Ela se interessou, contei sua história e ela se emocionou (a tal sororidade maravilhosa apareceu). A vida é assim: a cada dia, independente da idade, é preciso se desconstruir e evoluir, pois uma vida com amor, empatia e respeito à diversidade é uma vida verdadeiramente feliz. Parabéns pelo seu trabalho! </p>	10	Minha mãe	sofreu	-3	gordofobia	-3	9
<p> Um outro código social para identificar e diferenciar mulher casada da solteira: chamar de senhora ou senhorita conforme o estado civil enquanto homem sempre foi senhor pq seu estado civil é indiferente. "Senhorita" não é mais usado, mas é um fato histórico q revela o machismo </p>	10	código social	para identificar e diferenciar	+2	mulher casada da solteira	-2	-4

	Total:	72
	Média:	0,75789473 68

Grelha 8: Análise de avaliação dos comentários do canal Louie Ponto

Comentário	Vídeo	Objeto de atitude (AO)	Conector verbal (c)	Valor de c	Termo de significado comum (cm)	Valor de cm	Produto
Louie, eu te amo! Sem mais.	11	Louie	eu te amo!	+3	Sem mais.	+1	3
Moça, tu me transmite uma paz q não consigo explicar. Obrigada!	11	Moça	tu transmite	+3	uma paz q não consigo explicar. Obrigada!	+3	9
Eu amo um ícone chamado Louie Ponto!!!	11	Louie Ponto	eu amo	+3	um ícone chamado	+3	9
Descobri o canal hoje e tô me perguntando onde eu estava esse tempo todo, sensacional!	11	o canal	descobri hoje	+2	sensacional!	+3	6
Sou mulher e não apoio esse feminismo atual, pois é uma vergonha.	11	Sou mulher	e não apoio	-3	esse feminismo atual, pois é uma vergonha.	-2	6
Que vídeo incrível! Conteúdo coerente e sensato, confesso que ao ver todo o bafafá cheguei a discordar da Keferá, embora goste muito dela e principalmente do quanto ela vem se transformando, mas me peguei no mesmo espaço limitado de visão sobre o feminismo que eu tinha a tempos atrás e julguei errado o comportamento dela, gratidão pelo vídeo, me fez repensar e analisar como EU vejo o feminismo, não se trata do que aconteceu ou não, se trata do quanto estamos abertos a entender as questões feministas, verdadeiramente. Gratidão 🙏	11	vídeo	incrível	+3	Conteúdo coerente e sensato	+3	9
Esse negócio de homem gay falar que sente nojo de mulher é misoginia né?	11	homem gay	sente nojo de mulher	-3	é misoginia né?	-3	9
Louie eu te amo	11	Louie	te amo	+3		0	0

Tenho 13 anos vi sobre a notícia da Kéfera e vi vários homens comentando sobre a atitude dela dizendo que e errado,mas quando vi seu vídeo compreendi o lado da Kéfera obg.Obs é sempre bom ver o outro lado da história.	11	história	é bom ver	+3	o outro lado	+1	3
A Louie é a personificação da expressão “fada sensata” ♥	11	Louie	é	+3	personificação da expressão “fada sensata” ♥	+3	9
A Fernanda Lima é super educada e foi xingada tanto quanto a Kéfera então o problema não foi o jeito dela falar, isso é reprodução de machismo disfarçado. Tão arrumando desculpa pra xingar ela porque não gostam dela.	11	Fernanda Lima	é	+3	super educada	+3	9
Se nao tirasse a tv globinho nada disso teria acontecido	11	tv globinho	se não tirasse	-2	nada disso teria acontecido	-2	4
Quando se tem conteúdo, não é necessário ser arrogante...	11	conteúdo	quando se tem	+2	não é necessários ser arrogante	-2	-4
vim do futuro para dizer que 2020 foi pior	11	[eu]	vim do futuro	+1	para dizer que 2020 foi pior	-2	-2
Entendo realmente só as próprias mulheres sabem como vivem ,mas se pararmos para analisar a kefera mudou o assunto ele não estava explicando o que e feminismo ele apenas relatou um acontecimento. Antes que ele pudesse terminar de relatar e finalizar com a pergunta que provavelmente seria sobre as mais radicais, não as feministas em geral, ela comete uma falta de respeito o interrompendo e puxando pra um lado que não tinha nada a ver com o diálogo da aquele momento. Sobre os demais que zuaram xingaram taxaram ela de loca tem nem o que falar são mal caráter.	11	Kéfera	mudou o assunto	+1	ele não estava explicando o que e femniismo	-2	-2
Levantando e aplaudindo, apenas. Como sempre.	11	[eu]	[estou]	+3	levantando e aplaudindo, apenas.	+3	9

<p>3:05 concordo,e pessoas que ainda não entenderam,não é tipo "a se é assim só ladrão pode falar de roubo" ou "só homem pode falar de machismo" é uma pessoa que não passou por aquilo falar como é passar por aquilo,por exemplo uma mulher falar como é levar um chute no saco,ou quem nunca usou óculos falar como é usar,ou alguém que nunca andou de avião falar como é andar,não é questão de que não pode dar a opinião,e sim de não poder falar como é passar por uma coisa que nunca passou,isso é o lugar de fala. Só um homem pode falar como é levar chute no saco,só uma mulher pode falar como é menstruar,entenderam crianças?</p>	11	[eu]	concordo	+3	não é questão de que não pode dar a opinião,e sim de não poder falar como é passar por uma coisa que nunca passou,	-2	-6
<p>Falar sobre "estragar o feminismo" realmente não faz muito sentido, mas que tem uma galera que é difícil tem... Esse negócio da Kefera pra mim foi bem tosco e eu não curto muito ela falando desses assuntos. Mas não espero diferente de alguns feminismos. E não acho que apontar os absurdos do Wallace justifica não, pq da feminista é que eu espero mais, né? Não dele. Até pq pra mim não teve man-interrupting nenhum, por exemplo. Pra mim ela saiu lacrando e soltando um monte de frase em alguns momentos, sinceramente. É complicado.</p>	11	Esse negócio da Kefera	foi bem tosco	-3	e eu não curto muito ela falando desses assuntos.	-2	6
<p>"Não é possível falar do lugar de fala sem pressupor o diálogo enquanto reconhecimento do outro. Por isso é que se torna necessário separar o lugar de fala do lugar da dor. O lugar da dor é de cada um e em relação a ele só podemos ter escuta. Já o lugar de fala é o lugar democrático em relação ao qual precisamos de diálogo, sob pena de comprometer a luta." Marcia Tiburi fonte: https://revistacult.uol.com.br/home/lugar-de-fala-e-etico-politica-da-luta/ Recomendo, também: Identitarismo e lugar de fala. É um vídeo do Professor Paulo Ghiraldelli em</p>	11	lugar de fala	não é possível falar	-2	sem pressupor o diálogo	-2	4

https://www.youtube.com/watch?v=ujRkc6xeob4							
Louie, eu sinto que você é a mulher da minha vida. casa comigo!	11	Louie	eu sinto que	+2	você é a mulher da minha vida	+3	6
engraçado que milhões de pessoas elegeram um grosso, mal educado, chamando isto de autenticidade e quando a kéfera é levemente grossa, os mesmo conservadores atacam chamando a mina de louca.	11	Kéfera	quando é	+2	os mesmo conservadores atacam chamando a mina de louca.	-3	-6
Se o cara não podia opinar porque deram o microfone pra ele? Parecia que elas queriam um para apredejar.	11	o cara	se não podia opinar	+1	porque deram o microfone pra ele?	-1	-1
mesmo o Brasil sendo tão destacados no mundo por violência domestica contra mulheres, os homens morrem 5x mais TAMBÉM por violencia domesticas, por suas companheiras (no caso de homens gays mortos por seus companheiros ´´e muito menor em porcentagem mesmo aumentando em 2 a chances), e na grande maioria das vezes é por ciumes, ou termino (esse sentimento de posse) que no caso das mulheres é chamado de feminicídio.	11	homens	morrem	-2	5x mais TAMBÉM por violencia domestica	-3	6
Louie! eu amo seu canal e a sua calma, queria ter 1/3 dessa paz e já me dava por feliz :) mas sobre essa treta colossal, eu já assisti essa conversa deles em diversas oportunidades e até agora continua não fazendo sentido na minha cabeça a interrupção da Kefera. primeiro porque... bom... mansplanning, como ela disse, é um homem tentando explicar o feminismo para uma mulher, né? tá, ok. mas ele estava tentando começar um relato pessoal, não estava? o que tinha a ver com mansplanning? por alguma deficiência mental minha talvez eu não consigo ver o nexa da fala dele com a	11	seu canal	eu amo	+3	e a sua calma	+3	9

resposta dela. achei que ficou sem pé nem cabeça, achei que foi usar esses termos todos a toa... achei foi péssimo. agora quando a gente for reclamar de mansplanning ou manerrupting depois disso seremos ridicularizadas mais ainda, por causa desse "auê" desnecessário dela... pra mim foi um tiro no pé...							
Louie: a Eu: caralho mano, totalllll	11	Loiue	[fala] a	+2	Eu: caralho mano, totallll	+3	6
Como eu não conhecia esse vídeo e o seu canal? É simplesmente maravilhoso e agregador ouvir você falando!	11	esse vídeo	como eu não conhecia [...]?	+2	É simplesmente maravilhoso e agregador ouvir você falando!	+3	6
"Escuta um pouco uma vez na vida" é uma frase que resume bastante coisa. É um pedido pra pessoa que sempre só falou escutar, pela primeira vez na vida. E é claro, eles não estão acostumados a escutar.	11	eles	não estão	-3	acostumados a escutar	-1	3
Louie, tenho 14 anos e você é uma das pessoas mais influentes na minha vida, sou muito grata por ter te conhecido e continuado te acompanhando, você já quebrou muitos tabus para mim, já moldou muitos dos meus pensamentos. Você é uma pessoa incrível, continue sempre nos surpreendendo, amo demais sua forma de falar, explicar suas idéias e defender seus posicionamentos em tudo. Tenha um ótimo final de ano!	11	Louie	você é	+3	uma das pessoas mais influentes na minha vida	+3	9
eu queria você como minha professora de redação :""/	11	eu	queria	+2	você como minha professora de redação	+3	6
"E isso vai causar confusão, isso vai incomodar pq tudo que abala as estruturas incomoda" Louie mulher tu quer me matar de amor?	11	Louie	tu quer	+2	me matar de amor?	+3	6

Melhor posição sobre o assunto, melhor fala, vídeo e tudo que vi até agora sobre isso, parabéns!!!	11	assunto	melhor posição sobre	+3	parabéns	+3	9
Pessoal, tenho uma dúvida. Sou homem, mas escuto e estudo um pouco sobre feminismo, ouço as mulheres da minha convivência, minhas amigas, colete informações na internet, acompanho canais como os da Louie, Tia Má, Jout Jout, Alexandrismos, Afros e Afins. Por estar inserido no meio LGBTQ e tender a esquerda, acaba que meus próximos são pessoas instruídas e evoluídas neste ponto e me acrescentam informações e noções que não conseguiria entender sozinho. Mas às vezes estamos em espaços diferentes, reuniões de família, pessoas novas numa mesa com amigos, e tem uma pessoa com ideais machistas. Quando é homem e não tem mulher eu até consigo expor outros lados. Mas a dúvida é quando for uma mulher. É que aconteceu já, uma amiga da minha mãe debatendo sobre situações horríveis onde as mulheres defendem o feminismo. Como seguidora do MBL e outros portais de informações que memetizam protestos das mulheres ela criou esses conceitos sobre o feminismo. E aí, o que devo fazer, deixar ela falar e depois apenas conversar com minha mãe e depois de entender o que ela absorveu daquilo tentar mostrar as informações que tenho, além é claro, de mostrar vídeos e textos de mulheres que possam contribuir? A questão é que eu estava na conversa e fiquei bastante incomodado, fiquei pensando quantos homens que tentam se abrir para o feminismo e o apoiam já passaram por essa situação mas não quiseram ser cus*es e cair no mensplaining. Vejam bem, não estou dizendo que tenho mais informações ou sou mais apto a abordar sobre o feminismo, nem que sei mais do que ninguém. Estou exatamente querendo saber como proceder. No fim, sempre trabalho a empatia, no caso dessa	11	Sou homem	escuto e estudo	+1	um pouco sobre feminismo	+2	2

moça imaginei que a vida dela em questão a trouxe até esses conceitos, onde ela trabalhou, com quem se relacionou, o que ela viu, e etc., por isso acredito que é válido ela pensar dessa forma, porque acredita naquilo, entende sobre ela mesma. Mas fiquei me perguntando se ela entende o que é feminismo, se tinha como eu fazer algo? Não era meu lugar de fala, mas e aí? Me ajudem, por favor.							
Sinceramente vc é uma mulher maravilhosa e vc falando é admirável. Parabéns pela pessoa que vc é! ♥	11	você	é	+3	uma mulher maravilhosa	+3	9
Aaaah, cara eu amo tanto a inteligência dessa mulher, mulher incrível mano ♥	11	essa mulher	amo tanto	+3	a inteligência	+3	9
Cheguei, Louie é a pessoa mais sensata	11	Louie	é	+3	a pessoa mais sensata	+3	9
Parabéns pelo canal! Conheci seu canal hoje. Boas reflexões!	11	canal	parabéns	+3	Boas reflexões	+3	9
A R R A S O U	12			0	Arrasou	+3	0
Perfeito! Você falou exatamente como eu me sinto dentro do movimento feminista. Faço minha parte no meu canal, mas dá uma preguiça muito grande tentar dialogar com outras pessoas que não querem ouvir, só querem falar e diminuir a luta do/a outro/a. Feminismo negro é importante, feminismo LGBTQ+ é importante, mas vamos ser tolerantes à quem tá lutando por coisas semelhantes em outras esferas, e principalmente, quem tá aprendendo. Todo mundo é um "work in progress", ninguém sabe tudo,	12	movimento feminista	você falou	+2	exatamente como me sinto	+3	6

entende tudo, lindíssima leu todos os livros do mundo. Concordo demais com o seu vídeo, obrigada por falar! <3							
Ahhh que desabafo maravilhoso e necessário!! <3	12	desabado	[foi]	+2	maravilhoso e necessário	+3	6
Te entendo tanto, tanto, tanto. Você é incrível!	12	você	é	+3	incrível	+3	9
Muito maravilhosa! ❤️	12	[você]	[é]	+3	muito maravilhosa	+3	9
Que vídeo maravilhoso ❤️	12	vídeo	[é]	+3	maravilhoso	+3	9
Militância institucionalizada, ao meu ver, se parece com religião, serve para unir e libertar, mas, com a chegada do fanatismo, apenas fragmenta e oprime.	12	Militância	institucionalizada	+1	apenas fragmenta e oprime	-2	-2
Lembrei do meu filho com 4 anos de idade bravo pq as meninas queriam brincar de bombeiro e os meninos não queriam deixar e bateram nele por ele defender as meninas Ele chegou em casa chorando e dizendo mãe a gente tem que respeitar o coleguinha Meu filho com 4 anos era mais tolerante do que o povo com 20 e tantos	12	meu filho	bravo	-2	pq as meninas queriam brincar de bombeiro	+1	-2
Militância é necessária, mas tem gente que viaja, acabam sendo arrogantes, grosseiros e pasmem, intolerantes	12	Militância	é	+3	necessária	+3	9
Eu te entendo tanto ❤️ Eu já fui bastante ativa no feminismo, mas me afastei um pouco por conta da arrogância de muitas... deixou de ser uma luta de mãos dadas para ser mais um espaço de "quem é mais"... eh mulher intolerante, mulher que não reconhece seus privilégios, mulher que usa o feminismo pra abafar suas merdas.... enfim.... é complicados demais lidar com tudo isso.	12	eu	já fui	+2	ativa no feminismo, mas me afastei	-2	-4
Louie, é exatamente isso que eu tenho sentido em relação ao Feminismo. Sou super a favor da causa, mas muitas militantes estão assumindo uma postura	12	Louie	é	+3	exatamente isso que eu tenho sentido em relação ao feminismo.	+2	6

<p> muito radical e incoerente. Não dá nem pra ter um diálogo.</p>							
<p> Seu vídeo foi ótimo, sou conservador, tenho valores diferentes do seus, nem melhores nem piores, diferentes apenas, e se houvessem mais pessoas como você de ambos os lados do debate, boa parte das coisas já teriam sido resolvidas.</p>	12	seu vídeo	foi	+2	ótimo	+3	6
<p> Não dá para entrar em grupos feministas. Uma vez uns rapazes fizeram um pequeno protesto de rua com plaquinhas contra violência com a mulher e tinha muita mulher xingando e falando: "Quando plaquinha fizer diferença na minha vida eu agradeço" e eu agradei eles e pedi desculpa, disse que qualquer pequeno ato de carinho já me deixava feliz, meu, veio uma penca de mulheres me xingando falando que eu queria biscoito de macho, que eu era trouxa e por ai vai... Tenho vergonha de dizer que sou feminista, por que pelo o que vejo, a grande maioria tá perdendo o senso; já vi até grupos culpando o capitalismo, ahhhhhh</p>	12	grupos feministas	não dá	-3	a grande maioria tá perdendo o senso; já vi até grupos culpando o capitalismo	-2	6
<p> me identifiquei muito nesse vídeo, eu sou bi e sofro bifobia dentro do próprio meio LGBTQ, principalmente nas minhas relações homoafetivas.. além do descaso com pessoas trans, pan e não binárias</p>	12	[eu]	me identifiquei muito	+3	sofro bifobia dentro do próprio meio LGBTQ	-3	-9
<p> Essa cultura do "lacrar" virou uma espécie de quem oprime mais, a galera mais SJW são os verdadeiros suja imagem de todo o movimento.</p>	12	Essa cultura	virou	+2	uma espécie de quem oprime mais	-3	-6
<p> "O mundo é formado por milhares de espécies maravilhosas... e o ser humano, que também é muito complexo" Ponto, Louie 2018</p>	12	O mundo	é	+3	formado por milhares de espécies maravilhosas	+3	9
<p> Às vezes a militância (que é necessária) assume contornos de seitas. Basta ver tanta gente defendendo ideias e pessoas sem nenhum argumento coerente. Cabe aos movimentos questionarem suas ações e propostas regularmente. Quando enrijecem ficam parecidos com alguns</p>	12	a militância	assume	+2	contornos de seitas.	-2	-4

torcedores de futebol ou religiosos inflexíveis. Seu depoimento me parece coerente. Mandou bem!!							
Eu não conhecia Marielle, nunca tinha ouvido falar sobre ela, infelizmente. Quando soube da notícia, me comovi de um modo que nunca aconteceu comigo, como se fosse uma parte de mim, fiquei dias bem pensativa sobre o que aconteceu, fiquei muito triste, mas o legado de Marielle, pode ter certeza, não morrerá.	13	Eu	não conhecia	-2	mas o legado de Marielle, pode ter certeza, não morrerá.	+3	-6
Que bom que você falou do assunto! Fiquei triste com diversos youtubers que não falaram nada. Mas Louie nunca decepciona! 🍷	13	Louie	nunca	-3	decepciona	-3	9
Essa sensação de vazio é péssima. É o que eu sinto quando penso no Brasil.	13	eu	é	+3	sinto quando penso no Brasil	+1	3
Ta foda. Ta foda pra caralho. No pior sentido que foda pode ter.	13		tá	+3	foda pra caralho. No pior sentido que foda pode ter.	-3	-9
Sempre achei engraçado esses filmes em que a protagonista "feia" fica bonita apenas tirando o óculos e alisando o cabelo para conquistar td mundo ahauhaua	14	filmes em que a protagonista "feia" fica bonita	sempre achei	+2	engraçado	+2	4
"Girlfriend" da Avril Lavigne também é um videoclipe assustador!	14	"Girlfriend" da Avril Lavigne	também é	+3	um videoclipe assustador!	-2	-6
Aquele momento que os elogios que você mais gostava de ouvir quando era uma criança/pré-adolescente idiots eram: "você não é como as outras meninas" e "você é mais macho que muito homem". Não sou mais macho que muito homem não, sou muito mulher sim, muito obrigada. E as "outras meninas" são maravilhosas igual	14	[eu]	sou muito	+3	mulher sim, muito obrigada.	+3	9
Que desconstrução ótima pra começar o dia ♡	14	desconstrução	[é]	+3	ótima pra começar o dia	+3	9

						Média	3,97058823 5
--	--	--	--	--	--	-------	-----------------

Grelha 9: Análise de avaliação dos comentários do canal Tese Onze

Comentário	Vídeo	Objeto de atitude (AO)	Conector verbal (c)	Valor de c	Termo de significado comum (cm)	Valor de cm	Produto
Não dando conta nem das leituras obrigatórias da faculdade mas mesmo assim salvando todas as indicações da Sabrina <3	16	Indicações da Sabrina	mesmo assim	+2	salvando todas	+3	6
Sabrina: a eu: diva, maravilhosa, falou tudo	16	eu	(digo)	+3	diva, maravilhosa, falou tudo	+3	9
Adoro o cuidado que você tem com os seus inscritos, Sabrina. Você ainda teve a preocupação de passar um material confiável para uma formação de base. . Você mudou muito a forma como eu enxergo a esquerda, e ainda me deu uma boa base para falar sobre o veganismo abolicionista (que foi como cheguei até você), porque, embora eu já soubesse que era o único camimho, não conseguia fazer formular uma explicação clara. Embora eu faça ADM, espero conseguir usar minha formação para mudar e reestruturar a sociedade, assim como você. Um beijo 🌸	16	Sabrina	Adoro o	+3	cuidado que você tem com os seus inscritos	+3	9
Você poderia fazer um vídeo para cada vertente, cada Epistemologia... Por favor	17	Você	poderia	+1	fazer um vídeo para cada vertente, cada Epistemologia... Por favor	+2	2
O vídeo não é confuso, ele é profundo. Vários conceitos que não são muito populares, mas nada que não seja pesquisável, até mesmo no canal. Eu amei, mostrou o quanto não sei e preciso aprender. E não vai vir mastigado. Valeu!	17	O vídeo	não é	-3	confuso, ele é profundo.	-2	6

Achou "confuso"? Tenta sentar na cadeira, pegar um caderninho, fazer suas anotações do vídeo e depois pesquise mais sobre o assunto (se desejar). Sabrina ajuda demais! Mas precisamos andar com as próprias pernas de vez em quando hehe	17	Sabrina	ajuda	+2	demais!	+3	6
Queria também saber mais sobre feminismo camponês e ecofeminismo. Na minha experiência com a militância, muita gente acha que GERALMENTE a feminista camponesa é ecofeminista. Mas eu discordo, porque tem ecofeminista liberal e vejo pouquíssimas ecofeministas refletindo sobre questões estruturais do campo que seriam centrais nesse "eco" e até mesmo olhando pra mulheres distantes de nós como esse tal saber popular.	17	eu	discordo	-3	porque tem ecofeminista liberal e vejo pouquíssimas ecofeministas refletindo sobre questões estruturais do campo	-2	6
mtto incrível o vídeo, mas senti vontade de ver um vídeo sobre feminismo marxista e o feminismo radical.	17	vídeo	[é]	+3	muito incrível	+3	9
Muito interessante. Esclareceu muito bem a diferença entre vertentes e metodologias, sempre ouvi que a interseccionalidade era uma vertente, mas faltava sentido para compreender, vc ajudou muito. Quando puder compartilhar os fluxogramas, vai ficar mais claro identificar cada feminismo. Senti falta de exemplos para ilustrar, mas imagino que deve ser difícil escolher os que causam menos problemas de interpretação. Te admiro muito, mas se cuida com a exaustão, fico preocupada rrsrrs. Beijos!	17	[eu]	te admiro	+3	mas se cuida com a exaustão, fico preocupada	+1	3
O vídeo não está confuso, está denso de informações. Discutir feminismo, no sentido acadêmico e teórico, é complexo e denso. E na boa, a Sabrina é ótima, está sendo, de fato, UMA PROFESSORA, nesse vídeo. Falta postura de quem assiste em se colocar como APRENDIZ, ou seja, correr atrás. Não entendeu? Assiste de novo, volta o vídeo, anota e mais importante: TEM QUE LER OS ARTIGOS	17	vídeo	não está	-3	confuso, está denso de informações.	-3	9

QUE A SABRINA INDICA. Vídeo é uma ferramenta de aprendizagem, mas não é a única. Enfim Sabrina, seu vídeo tá maravilhoso.							
Vim mais rápido que homem escrevendo "nem todo homem".	18	[eu]	vim	+1	mais rápido que homem escrevendo "nem todo homem".	+2	2
Nem sempre é fácil ouvir, mas deve ser ainda mais difícil tentar falar e não ser ouvida. Obrigado pelo vídeo. Muito bom, muito informativo.	18	Vídeo	pelo	+1	Muito bom, muito informativo	+3	3
Obrigado Sabrina. Eu também já falei isso "nem todo homem..." e agora percebi que estava dando mais prioridade em me defender do que com o machismo sofrido pela mulher. A gente vai se desconstruindo. Obrigado.	18	A gente	vai se	+2	desconstruindo. Obrigado.	+3	6
Deveria existir um bot que pesquisa por "nem todo homem" no twitter e responda com este vídeo kkkkkkk	18	bot	deveria existir	+2	que pesquisa por "nem todo homem" no twitter e responda com este vídeo kkkkkkk	+3	6
Meu tio me perguntou uma vez - " E as namoradinhas ? " - Eu com minha elegância respondi "Igual ao seu Casamento" - Ele foi embora da festa.	18	Eu	respondi	+2	"Igual ao seu Casamento" - Ele foi embora da festa.	+1	2
nossa, que legal, esse vídeo me fez pensar em situações que nem imaginava. Fiquei agora me sentindo com cara de taxa por situações do passado, rs.	18	esse vídeo	me fez	+2	pensar em situações que nem imaginava	+3	6
o clássico: a exceção confirma a regra justamente por ser exceção	18	a exceção	confirma	+3	a regra justamente por ser exceção	+1	3
"desculpa por ter nascido homem" aff	18	homens	desculpa por	+2	ter nascido	+1	2
"The Mask you live in" - Documentário do Netflix fala disso na sociedade americana... É uma difícil desconstrução diária....	18	desconstrução diária	é	+3	difícil	-2	-6

Indicação - Documentário Silêncio dos Homens	18	Documentário	indicação	+2	Silêncio dos Homens	0	0
vale ressaltar ainda o comportamento de gays misóginos que, mts vezes, acham que a sexualidade é um cartão verde pra praticar (um outro nível de) machismo	18	gays misóginos	sexualidade é	+3	cartão verde pra praticar (um outro nível de) machismo	-3	-9
mulheres cansadas de homens dizendo como devem agir dizendo como homens devem agir	18	mulheres	cansadas de	-1	homens dizendo como devem agir	-2	2
Tenho uma idéia bem mais facil e mais efetiva no quesito de resolver o machismo , que tal vcs guerrearem contra os homens com armas e nos matarem todos hein kkkkkk vcs vao durar quantos dias kkkkkk , o mundo precisa dos homens seja esquerda a direita.	18	o mundo	precisa	+2	seja esquerda a direita	+1	2
Obrigado Louie Ponto por me apresentar esse canal maravilhoso.	18	esse canal maravilhoso	Obrigada Louie Ponto	+2	por me apresentar	+1	2
É tão bom ver uma mulher como você! O coração quase pula do peito! Que orgulho, obrigada por me ensinar tanto.	18	mulher como você	é	+3	tão bom ver	+3	9
Sabrina está certa. Infelizmente a nossa sociedade é machista, racista, classista e homofóbica!!!	18	Sabrina	está certa	+3	nossa sociedade é machista, racista, classista e homofóbica!!!	-3	-9
Identifiquei tanto erro que eu já cometi e que eu ainda cometo que compartilhei rsrs. Muito bom, apesar de não falar mais esse negócio de "nem todo homem..." mas era muito mais por achar desnecessário do que por entender (agora) essa relação com algo estrutural... Obrigado pelo vídeo! :)	18	eu	já cometi	-1	tanto erro	-3	3
nem todo h... :("atenção, eu sou homem, atenção!"	18	eu sou homem	atenção	+1	nem todo	-2	-2
Mano do céu! Que vídeo foda! Obrigado. Ajudou demais pra reflexão e ressignificar muita coisa aqui.	18	vídeo	foda	+3	Ajudou demais pra reflexão e ressignificar muita coisa aqui.	+3	9

Se a gente for compreender o sexismo ou o machismo, assim como o racismo, como formas de estruturar as relações sociais, normalizando e mesmo legitimando diferentes formas de opressão no mundo todo, é muita presunção querer pensar que você, mero indivíduo socializado no seio dessa sociedade, não reproduza práticas sexistas ou racistas, ou que não se beneficie delas em algum momento.	18	a gente	for compreender	+2	é muita presunção querer pensar que você, mero indivíduo socializado no seio dessa sociedade, não reproduza práticas sexistas ou racistas, ou que não se beneficie delas em algum momento.	-3	-6
Maravilha! Mas lembro que os homens não conseguem ouvir uma fala por tanto tempo kkk	18	homens	não consegue ouvir	-2	uma fala por tanto tempo	+1	-2
"Eu tenho que lembrar essa mulher que nao eh bem assim" JÁ É paternalista !!!	18	[homem]	já é	+3	paternalista	-2	-6
Vou utilizar esse vídeo em aula. Muito obrigado.	18	[eu]	vou utilizar	+2	esse vídeo em aula. Muito obrigado.	+3	6
Odeio, entrar nas redes sociais e me deparar com garotas reclamando de homens, chato pá caralho;-;	18	[eu]	odeio entrar nas redes sociais	-3	e me deparar com garotas reclamando de homens, chato pá caralho	-2	6
Homem se vc não oprime, não faz mais que sua obrigação.	18	Homem	se você não oprime	+1	não faz mais que sua obrigação.	-2	-2
Por muito tempo fiquei triste com essa frase "todo homem...", pois, por falta de mais conhecimento me sentia excluído e afastado. Mas digo, muito obrigado pelo ensinamento!	18	[eu]	por muito tempo fiquei	+2	Mas digo, muito obrigado pelo ensinamento!	+3	6
Se eu dissesse que as mulheres monetizam os homens, estaria incorrendo em um erro?	18	eu	dissesse que as mulheres	+2	monetizam os homens, estaria incorrendo em um erro?	-2	-4
De um homem que se admite ainda não totalmente desconstruído: muito obrigado, Sabrina, por esse vídeo. Perfeita na análise e mais ainda, na	18	homem	que se admite ainda não totalmente	-2	muito obrigado, Sabrina, por esse vídeo.	+3	-6

exposição! Eu amo você!			desconstruído				
olha, bate uma vergonha quando tem gente ensinando nós, homens, como devemos nos comportar... será que é tão difícil entender que não é não? e que um eventual sim é consequência de um monte de coisa? Sabrina, você tem muita paciência viu... mas hein, já disse e repito, seus vídeos são um verdadeiro serviço à sociedade. uma camarada com c maiúsculo.	19	Sabrina	você tem	+3	muita paciência	-1	-3
Resumindo: Não converse como uma mulher, tratando ela como criança ou como uma pessoa com problemas mentais.	20	mulher	não converse com	-2	tratando ela como criança ou como uma pessoa com problemas mentais.	-3	6
						Total	110
						Média	2,340425532

Grelha 10: Análise de avaliação dos comentários do canal Thiessita

Comentário	Vídeo	Objeto de atitude (AO)	Conector verbal (c)	Valor de c	Termo de significado comum (cm)	Valor de cm	Produto
"Achei tão ruim nascer homem, que não sou" (Thiessita-2020) hauhauhauhua melhor pessoa!	21	Thiessita	melhor	+3	pessoa	+3	9
Boca Rosa não é nenhuma ignorante. Ela usou o termo girlpower inclusive pra zoar pq ela não é só mulher, é mulher rica, e tá lá com um interesse. Ela achou que eles estavam mais fortes e preferiu jogar pro lado deles pensando que elas estavam desestabilizadas e sem rumo.	21	Boa Rosa	não é	-3	nenhuma ignorante	-2	6

BBB é reflexo de muita coisa que acontece no cotidiano	21	BBB	é	+3	reflexo de muita coisa que acontece no cotidiano	+1	3
Na minha opinião ela não se arrependeu, ela apenas caiu na real que esse pensamento dela mal visto aqui fora e com certeza iria perder seguidor.	21	minha opinião	ela não	-3	se arrependeu	-2	6
O pior é: que o trabalho dela é todo voltado pra mulheres... as makes, os vídeos, TUDO!!! Pra ganhar dinheiro ela precisa das mulheres né. É sonsa.	21	o trabalho dela	é	+3	todo voltado apra mulheres	+3	9
Quero Thiessa falando sobre ser trans negra com a Rosa luz (do canal barraco da rosa)	22	Thiessa	falando	+2	sobre ser trans negra com a Rosa luz	+2	4
Amo essas duas maravilhosas	22	essas duas	amo	+3	maravilhosas	+3	9
Ser trans num país que mais mata pessoas trans no mundo é domar 10 leões por dia!	22	país que mais mata pessoas trans	é	+3	domar 10 leões por dia	+1	3
Vocês são maravilhosas demais, amei esse vídeo ❤️❤️	22	Vocês	são	+3	maravilhosas demais	+3	9
Feminismo é libertador quando não excluí mulheres que tem vivências diferentes e realidades totalmente diferentes, se vc é feminista e excluí mulheres trans, negras, gordas, indígenas, deficientes físicas e etc, o seu feminismo é pra quem? Feminismo individual não é feminismo, repense sobre seus ideais e inclua realidades diferentes, dê voz a mulheres diferentes de você.	23	Feminismo	é	+3	libertador	+3	9
não vejo sentido em gente (radfem) q está em um movimento de liberdade como o feminismo e não aceita ou diminui os outros, qual o sentido????????	23	Radfem	não vejo sentido	-3	está em um movimento de liberdade como o feminismo e não aceita ou diminui os outros, qual o sentido??	-3	9

Os homens deveriam aprender q não é só pq a mulher está junta com ele q ele têm algum poder sobre ela	24	homens	deveriam	+2	aprender q não é só pq a mulher está junta com ele q ele têm algum poder sobre ela	-2	-4
Já sofri violência psicológica ! Graças a Deus me livrei ! Vídeo importante e necessário pra todas as mulheres !	24	Vídeo	importante e necessário	+3	para todas as mulheres	+3	9
Eu parei de assistir só para CONFIRMAR. Tudo o que foi dito é verdade. Sou trans. Aceitei-me aos 38 anos. Andei 38 anos a odiar gays e lésbicas. Se fosse muito bixá ou muoto camiona, eu odiavaaaa. Então trans nem falo. Eu colocava tudo no mesmo saco e dizia que as trans eram gays muito efeminados. Tudo ranço... eu queria ser aquela mulher. Na verdade a minha educação levo-te a ser assim. Mas a ceta altura, nos podemos escolher e eu não é colhi mudar. Então aos 38 anos aceitei que sou mulher. E venho mostrando isso mesmo. Eu era assim é consegui mudar. Bixas aceitem-se como são. Somos todas/as/xs lindos! Na diversidade está a verdadeira beleza. Hoje sou ativista, também gravo vídeos para mostrar que a transexualidade existe e é ok... Obrigada pelo teu video. Beijinhos de Portugal.	25	Eu	parei de	+2	assistir para CONFIRMAR.	+3	6
Parece aqueles garotinhos da quinta série,que gostam da menininha,mas como os amiguinhos vão zoar,ele passa o dia todo implicando ou xingando a menina.mas no fundo,tudo que ele quer,é chamar atenção dela	25	garotinhos	tudo que ele quer	+3	é chamar atenção dela	-2	-6
						Soma	81
						Média	5,4